

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**A constituição dos conceitos de ego e objeto na
metapsicologia freudiana**

Thiago Henrique Bomfim

SÃO CARLOS – SP
- 2008 -

A constituição dos conceitos de ego e objeto na metapsicologia freudiana

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

A constituição dos conceitos de ego e objeto na metapsicologia freudiana

Thiago Henrique Bomfim

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Filosofia, área de concentração Epistemologia da Psicologia e da Psicanálise.

Orientador: Prof. Dr. Richard Theisen Simanke

SÃO CARLOS – SP
- 2008 -

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

B695cc

Bomfim, Thiago Henrique.

A constituição dos conceitos de ego e objeto na metapsicologia freudiana / Thiago Henrique Bomfim. -- São Carlos : UFSCar, 2008.

114 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2008.

1. Psicanálise e filosofia. 2. Freud, Sigmund, 1856-1939. 3. Metapsicologia. 4. Epistemologia. 5. Subjetividade. I. Título.

CDD: 150.19501 (20^a)

THIAGO HENRIQUE BOMFIM

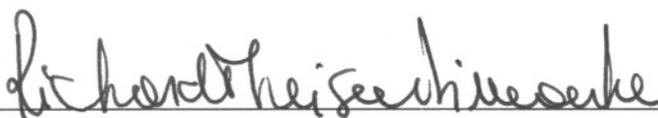
**A CONSTITUIÇÃO DOS CONCEITOS DE EGO E OBJETO NA METAPSICOLOGIA
FREUDIANA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovado em 03 de março de 2008

BANCA EXAMINADORA

Presidente



(Dr. Richard Theisen Simanke)

1º Examinador



(Dr. Hélio Honda – UEM-PR)

2º Examinador



(Dr. Luiz Roberto Mohzani – UFSCar / UNICAMP)

Ao Orlando

AGRADECIMENTOS

Ao **Orlando Nunes de Amorim**, pelo companheirismo e parceria nestes últimos anos, meu carinho, reconhecimento e admiração.

Ao **Prof. Dr. Richard Theisen Simanke**, pelas ótimas contribuições e maturidade em suas sugestões e críticas. Por isso, serei sempre grato.

Aos **professores do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos (PPGF/UFSCar)**, pela apresentação de novas idéias e pontos de vista.

Ao **CNPq** pelo apoio financeiro no início do mestrado e pela possibilidade de consecução dos objetivos deste trabalho.

Aos **Profs. Drs. Luiz Roberto Monzani (IFCH/UNICAMP), Reinaldo Furlan (FFCLRP/USP) e Hélio Honda (UEM)** pelas valiosas contribuições em meu exame de qualificação e em minha defesa.

À psicanalista **Marly Terra Verdi**, por tornar o caminho “rumo ao farol” não menos complexo, mas mais ao alcance de minhas mãos.

Ao **Prof. Dr. Lazslo Antônio Ávila (FAMERP)**, pelo apoio pessoal e sugestões durante a elaboração da dissertação.

Aos meus familiares, especialmente **meus pais, Luiz Bertelli Bomfim e Maria Angela da Silva Bomfim, e meus irmãos**. Sempre presentes, ajudando-me e apoiando-me nos momentos mais precisos.

Aos **meus grandes amigos de trabalho do CAPS CRIA Duas Vendas** da Secretaria Municipal de Saúde e Higiene, da Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto, especialmente **Cristiane Perpétua Amaral, Flávia Aparecida Torres de Lima, Jane Regina Qualva Coelho Macedo e Melina Markies**, pelo suporte e compreensão ao longo da elaboração final desta dissertação.

A todos que, de algum modo, comigo estão neste caminho, meus agradecimentos.

“Sou eu ou não sou eu?
Sou eu ou sou você?
Sou eu ou sou ninguém,
e ninguém me retrata?”.

(Carlos Drummond de Andrade, “*Auto retrato*” de
Soutine, Farewell)

“For this is the truth about our soul, he thought, our self, who fish-like inhabits deep seas and plies among obscurities threading her way between boles of giant weeds, over sun-flickered spaces and on and on into gloom, cold, deep, inscrutable; suddenly she shoots to the surface and sports on the wind-wrinkled waves”.

(Virginia Woolf, *Mrs. Dalloway*)

RESUMO

A possibilidade de submeter os conceitos de ego e objeto a uma investigação capaz de detectar suas condições de possibilidade, seus princípios norteadores e seus métodos, torna-se uma importante ferramenta na tentativa de elucidar o projeto freudiano de análise da subjetividade. Deste modo, essa dissertação propõe-se a fornecer os fundamentos conceituais necessários para uma visão mais coesa e crítica desses conceitos e analisar o modo como encontramos algumas ambigüidades ao longo de sua construção metapsicológica. Em relação ao conceito de ego, acompanhamos sua importância na construção inicial da teoria freudiana da defesa, passando pelo seu parcial ostracismo e “retorno”, respectivamente em *A interpretação dos sonhos* e nos primeiros trabalhos sobre a teoria do narcisismo, até a reformulação da tópica em *O ego e o id* de 1923 e nos trabalhos finais de Freud. Por sua vez, o conceito de objeto apresenta-se como central na teoria freudiana da sexualidade, desde os *Três ensaios de teoria sexual* de 1905, trabalho no qual é introduzido o conceito de pulsão, e de cujos fundamentos partem todos os desenvolvimentos metapsicológicos posteriores. Considerando as relações que estabelecem com noções-chave da metapsicologia freudiana, a partir da apresentação crítica dos elementos norteadores a partir dos quais pode ser apreendido o modo como se dá a constituição dos conceitos de ego e objeto em sua obra, concluímos que, além de serem pilares de suma importância para a manutenção de um saber psicanalítico, por meio desta análise, é possível examinar importantes impasses teóricos presentes em seu pensamento.

Palavras-chave: epistemologia – psicanálise – metapsicologia – ego – objeto - Freud

ABSTRACT

The prospect of submitting the concepts of ego and object to an investigation capable of detecting its conditions of possibility, its guiding principles and its methods, becomes an important tool for elucidating the Freudian analysis of subjectivity. Therefore, this dissertation aims at providing the necessary conceptual fundamentals for a more critical and cohesive view of these concepts and analyzing the way we can find some ambiguities throughout its metapsychological construction. Regarding the concept of ego, we addressed its theoretical importance in initial construction of Freud's theory of defense, passing on to its partial ostracism and "return", respectively in *The interpretation of dreams* and in the first papers on the theory of narcissism, and eventually to the topical reformulation which took place in *The ego and the id*, published in 1923, and the final Freud's papers. In turn, the concept of object is central in the Freudian theory of sexuality, since *Three essays on the theory of sexuality* (1905), paper in which the concept of drive [*Trieb*] is introduced, and from whose fundamentals all ulterior metapsychological developments set out. Considering the relations established with key-notions of metapsychology, and the critical presentation of the guiding elements from which one can apprehend the constitution of the concepts of ego and object in Freudian theory, we can conclude that both are important pillars that support the psychoanalytical knowledge and it is possible to examine relevant theoretical impasses in his metapsychology.

Key-words: epistemology – psychoanalysis – metapsychology – ego – object – Freud.

SUMÁRIO

RESUMO	08
ABSTRACT	09
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: Os primórdios do conceito de defesa na obra de Freud: as influências de Charcot, Bernheim e Breuer e as primeiras aproximações de uma formulação nosográfica estritamente freudiana das neuroses.....	13
CAPÍTULO II: O conceito de ego no <i>Projeto de uma psicologia científica</i> e n' <i>A interpretação dos sonhos</i>	25
CAPÍTULO III: Os <i>Três ensaios de teoria sexual</i> de 1905 e as primeiras relações entre o conceito de objeto e pulsão.....	37
CAPÍTULO IV: As elaborações em torno do conceito de narcisismo a partir de 1910: o “retorno” do ego na metapsicologia freudiana.....	47
CAPÍTULO V: <i>O ego e o id</i> de 1923: a constituição do ego como instância psíquica e acréscimo de elementos na elucidação do conceito de objeto na metapsicologia freudiana.....	65
CAPÍTULO VI: A relação entre o conceito de ego e processo defensivo na fase final da obra de Freud: uma análise de <i>Inibição, sintoma e angústia</i> de 1927 e <i>A cisão do ego no processo defensivo</i> de 1940.....	84
CONCLUSÃO	98
BIBLIOGRAFIA	110

INTRODUÇÃO

“O que se segue é especulação, freqüentemente de largo vôo, que cada um estimará ou desdenhará de acordo com sua posição subjetiva. É, além disso, uma tentativa de explorar de maneira conseqüente uma idéia, por curiosidade de saber onde levará”.

(Sigmund Freud, *Para além do princípio do prazer*)

A possibilidade de submeter os conceitos de ego e objeto a uma investigação capaz de detectar suas condições de possibilidade, seus princípios norteadores e seus métodos, torna-se uma importante ferramenta na tentativa de elucidar o projeto freudiano de análise da subjetividade. Percebemos, contudo, no decurso dessa investigação, que a obra de Freud é permeada de ambigüidades no que se refere à definição dos conceitos em questão, ambigüidades que autores pós-freudianos, como Melanie Klein e Jacques Lacan, procuram elucidar. Deste modo, essa dissertação propõe-se a fornecer os fundamentos conceituais necessários para uma visão mais coesa e crítica desses conceitos e propõe-se a analisar o modo como se apresentam essas ambigüidades ao longo de sua construção metapsicológica.

A análise dos conceitos de ego e objeto na obra de Freud requer algumas condições sem as quais tal trabalho ficaria inexequível. Assim, dividimos nossa exposição em seis capítulos. Procuraremos inicialmente acompanhar de maneira crítica o modo como se dá a constituição destes conceitos em momentos-chave de sua metapsicologia, desde os manuscritos e rascunhos da correspondência com Fliess até os últimos trabalhos, *Esboço de psicanálise* e *A cisão do ego no processo de defesa*, publicados postumamente em 1940. Em relação ao conceito de ego, procuraremos apresentar como as questões anteriores à introdução dos sistemas da primeira tópica de 1900 – a relação estabelecida entre ego e consciência, os pressupostos da teoria das neuroses como conflito entre consciente e inconsciente, e a significativa relação entre ego e defesa desde os primórdios da letra freudiana – são pontos a partir dos quais pode ser desenvolvida a análise desse conceito na metapsicologia. Por estar relacionado ao conceito de defesa, o ego apresentou, durante algum tempo, um elo muito

estreito com a consciência. Assim, incluiremos uma análise destes pontos no primeiro capítulo desta dissertação, sendo apresentadas também as influências de Charcot, Bernheim e Breuer neste momento inicial. No segundo capítulo, apresentaremos o conceito de ego no *Projeto de uma psicologia científica* de 1895 e n' *A interpretação dos sonhos*. Além de considerados como trabalhos seminais para toda a sua metapsicologia, são escritos nos quais este conceito é enfatizado de maneira distinta, considerando os objetivos teóricos de Freud. Por sua vez, no capítulo terceiro, analisaremos a sua crítica apresentada nos *Três ensaios de teoria sexual* de 1905 e a introdução do conceito de pulsão. Aqui, encontramos o conceito de objeto em sua relação estreita com a sexualidade, cujos desenvolvimentos encontraremos ao longo de sua obra. A partir de 1900, o conceito de ego assumirá um papel secundário em sua metapsicologia, e seu “retorno” em 1910, a partir da análise do conceito de narcisismo, será o tema do quarto capítulo, no qual também encontraremos elementos que elucidarão algumas lacunas presentes na teoria da sexualidade proposta em 1905, referentes tanto à constituição dos conceitos de ego e objeto quanto à passagem da sexualidade infantil para a sexualidade adulta. Posteriormente, seguiremos para a análise dos fundamentos que tornaram possível a elaboração da tópica freudiana proposta em 1923 e o modo como algumas implicações teóricas redundaram nas teorias do complexo de Édipo e de castração, cujos elementos acrescentados à metapsicologia são imprescindíveis na análise do *corpus* desta dissertação. Finalmente, no sexto capítulo, retornaremos à relação entre o conceito de ego e defesa no final da obra de Freud, a partir da análise das implicações da releitura da teoria pulsional proposta em *Para além do princípio do prazer* de 1920 e da tópica proposta em *O ego e o id*, publicado em 1923. Ressaltamos que recorreremos à análise de alguns comentadores de sua obra, como Jean Laplanche, Richard Wollheim e Paul-Laurent Assoun, dentre outros, na tentativa de elucidar de maneira mais crítica alguns pontos de vista apresentados ao longo desta dissertação.

Como conclusão, com a apresentação crítica dos elementos norteadores a partir dos quais pode ser apreendido o modo como se dá a constituição desses conceitos na obra freudiana, analisaremos de que maneira eles se apresentam como pilares teóricos de suma importância para a manutenção de um saber psicanalítico. Faz-se necessária tal apreciação, analisando algumas de suas subseqüentes ambigüidades teóricas que nos serão úteis na tentativa de compreender a noção de subjetividade presente no pensamento freudiano.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Os primórdios do conceito de defesa na obra de Freud: as influências de Charcot, Bernheim e Breuer e as primeiras aproximações de uma formulação estritamente freudiana das neuroses

Uma das grandes realizações freudianas anteriores a 1900 com a publicação de *A Interpretação dos sonhos* foi a elaboração de uma teoria da defesa. Esta dá os fundamentos do que posteriormente denominar-se-ia repressão, uma das pedras angulares da metapsicologia freudiana.

Pode-se dizer que a teoria da defesa é o ponto fundamental para se interpretar os primeiros dados freudianos não somente no campo da psicopatologia, mas da metapsicologia, na medida em que, além de servir como base para a primeira distinção nosográfica empreendida por ele e descrever a primeira classe de afecções psíquicas com as quais ele trabalha neste período, este termo também aponta o advento das elaborações em torno dos processos psíquicos inconscientes, ego e repressão. Deste modo, vê-se a importância deste período inicial na obra deste autor, anterior à publicação de *A interpretação dos sonhos* em 1900.

Para uma análise mais acurada acerca das elaborações freudianas em torno da relação entre ego e defesa desde suas primeiras obras, deve-se analisar sucintamente certos aspectos referentes aos contatos anteriores de Freud com figuras importantes que, certamente, influenciaram sobremaneira seus trabalhos posteriores. O contato com fisiologistas, neuropatologistas e psiquiatras renomados do final do século XIX abriu as portas para que ele tecesse suas análises sobre os mecanismos e processos encontrados em certas afecções.

No final do século XIX, neurose era um conceito relacionado às afecções do sistema nervoso, diferentemente do que é encontrado atualmente, período no qual neurose apresenta-se, no geral, como uma enfermidade psicológica. Segundo LEVIN (1980), no século XVIII, William Cullen, em seu compêndio *First lines in the practice of Physic*, cunhou pela primeira vez este termo. Para ele, as neuroses seriam todas aquelas “afecções preternaturais” de sentido e movimento que não apresentariam pirexia como parte da doença primária e todas as afecções que não dependeriam de um problema tópico dos órgãos, mas de uma afecção mais geral do sistema nervoso. Além disso, William Cullen “desenvolveu uma teoria médica segunda a qual o sistema nervoso era a fonte e regulador de todos os fenômenos da vida, tanto da saúde quanto da doença” (KATZ, 1994, p.27). Ainda, segundo o autor, isto faria com que cada vez mais houvesse uma espécie de imposição da “função nervosa” na

psicopatologia médica. O compêndio de Cullen foi traduzido para o francês por Phillippe Pinel, tendo recebido pouca atenção pela psiquiatria francesa, marcadamente influenciada pela orientação anatômica.

LEVIN (1980) aponta que a psiquiatria do século XIX considerava a anatomia patológica o meio pelo qual se poderia explicar os distúrbios mentais. Esta abordagem psiquiátrica, que logo foi denominada psiquiatria patológico-anatômica, enfatizava o descobrimento de lesões anatômicas em distúrbios psiquiátricos. Esta ênfase anatômica remonta aos estudos de um dos mais renomados discípulos de Esquirol, Jeanne Pierre Falret, cujas investigações médicas consistiam em acompanhar um doente até à mesa de dissecação e descobrir lesões que pudessem estar correlacionadas com dados clínicos anteriormente registrados. Deve-se ressaltar que Freud encetou sua educação médica neste contexto descrito aqui, mais especificamente em 1873 na Alemanha.

Ainda, segundo esse autor, uma das figuras mais importantes desta tradição psiquiátrica na Alemanha foi certamente Wilhelm Griesinger, que, em 1845, publicou seu compêndio *Psicologia Mental e Terapêutica*, no qual a tradição patológico-anatômica está presente de maneira maciça. Para ele, influenciado pela teoria de Zeller, de quem recebera tutela em um manicômio em Winnenthal, todas as doenças mentais são várias fases de um mesmo processo psicótico¹, sendo que, mesmo naquelas doenças em que não são encontrados dados anatômicos específicos, a estas poderia ser aplicada a abordagem anatômica, pelo fato de, caso progredissem, esses distúrbios acabariam por manifestar mudanças anatômicas sistemáticas (lesões claramente discerníveis), insanidade crônica ou demência. Além disso, o compêndio de Griesinger foi utilizado pelas universidades européias de medicina, influenciando de maneira significativa o pensamento psiquiátrico do século XIX, e, deste modo, os grandes mestres de Freud na Universidade de Viena.

Ainda segundo este autor, Freud teve como professor de neuropsiquiatria Theodor Meynert, discípulo de Griesinger, considerado como o maior neuroanatomista da Europa. Este autor enfatizava a pesquisa anatômico-patológica no estudo da psiquiatria, sendo esta, segundo ele, a disciplina médica que se ocupa das doenças do córtex cerebral. Segundo ele, há a correlação dos sintomas clínicos dos distúrbios psiquiátricos com lesões anatômicas locais. Além disso, Freud recebera de Meynert seu treinamento médico em Viena, influenciado-o na consideração desta abordagem como essencial na consecução de uma

¹ Segundo KATZ (1994), o termo psicose foi cunhado por Ernst Freiherr von Feuchtersleben em 1845 no seu *Lehrbuch der Aertztlichen Seelenkunde*. Este autor, influenciado pelo Romantismo e pelo anticartesianismo, afirmava que a mente e o corpo seriam um fenômeno singular invariavelmente único e indivisível. Segundo ele, a noção de doença mental deveria ser deduzida a partir da relação entre o corpo e a mente.

ciência psiquiátrica. Nota-se neste treinamento o peso atribuído aos estudos anatômicos, sendo os primeiros estudos de Freud na área da neuroanatomia e as pesquisas realizadas no laboratório de Ernst Brücke.

Este eminente fisiologista dirigia um laboratório no qual Freud também fez algumas pesquisas, permanecendo até 1882 (KATZ, 1994). Segundo Freud, Brücke teria sido a maior autoridade que agiu sobre ele. Deve-se ressaltar que seu laboratório fazia parte da escola de Hermann von Helmholtz, que seguia uma linha de pensamento extremamente naturalista e fisicalista. MONZANI (1989) apresenta a opinião de alguns críticos da obra freudiana de que este autor teria permanecido fiel à orientação científico-natural aprendida com os “helmholtzianos” (Helmholtz, Emil Du Bois Reymond e Karl Ludwig), dos quais teria recebido os pressupostos filosóficos do determinismo e de um materialismo biofiscalista. Por sua vez, ASSOUN (1981) analisa os fundamentos epistemológicos e históricos da metapsicologia freudiana, com o intuito de apresentar a relação entre sua consonância com as idéias presentes no campo epistemológico, em sua plena evolução na época de sua formação, e o “inédito do objeto” de sua descoberta².

Por sua vez, em outros cientistas da época, como Kraepelin, Kraft-Ebbing e Charcot, encontramos uma certa relativização da linha de pensamento patológico-anatômico e fisicalista, dominante na época de formação do jovem Freud. Para eles, deveria haver uma compreensão maior dos sintomas e do curso clínico das doenças mentais, a partir da rigorosa necessidade de estudos clínicos mais intensos. Com certeza, foi Charcot o maior responsável

² Cf. ASSOUN, P-L. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Editora Imago Ltda. 1983. Como fundamentos epistemológicos, encontramos o monismo, o fisicalismo e agnosticismo, como centrais na formação da metapsicologia freudiana. Primeiramente, Freud filia-se à corrente de pensamento que recusa o dualismo entre as *Naturwissenschaften* e *Geisteswissenschaften*, apontando que a psicanálise é, indubitavelmente, uma *Naturwissenschaft*. Em relação ao fundamento fisicalista, encontramos os princípios da psicofisiologia dos anos de 1840, cuja genealogia encontramos no modelo físico-químico, tendo como cientistas principais, Du Bois-Reymond, Brücke e Helmholtz. Assim, encontramos o desenvolvimento das *Naturwissenschaften* seguindo a seqüência física-fisiologia-psicologia, apoiando-se numa necessidade rigorosamente determinista. Por fim, o fundamento agnosticista encontra-se suas bases na filosofia kantiana do limite do conhecimento. Encontramos a influência de Du Bois-Reymond, que especifica a teoria kantiana para o uso dos cientistas do final do século XIX.

Como fundamentos históricos, encontramos 1) a passagem da anatomia para a tópica freudiana, cujo modelo principal advém dos ensinamentos de Ernst Brücke e a importância da pesquisa anatômica e a fisiologia, 2) a passagem da tópica à dinâmica, seguindo a recusa de uma psicologia das faculdades por Herbart e necessidade de uma investigação científica da psique por meio de sua “moção de base”, a saber, o conceito de representação [*Vorstellung*] e pela idéia de um campo de forças e de oscilações, e 3) a dinâmica econômica e o modelo de Fechner e Helmholtz, na consideração de noções como *medida* e *energia*.

São estes os fundamentos epistemológicos e históricos que nortearão o projeto de Freud na elaboração da metapsicologia no limite entre a neurologia e a psicologia, pelo viés da patologia, para encontrarmos sua originalidade a partir do modo como ele se apropria da psicopatologia, para remetê-la organicamente a uma teoria do funcionamento mental.

pela promoção do estudo das neuroses como entidades mórbidas (*entités morbides*), que não poderiam ser explicadas estritamente por meio dos termos apresentados acima.

As primeiras idéias sobre a nosografia das neuroses em Freud advieram do contato com o neuropatologista francês Jean-Martin Charcot. Ainda por volta de 1885, em Paris, Freud travou contato com este renomado neuropatologista que lhe abriu as portas da “clínica das enfermidades nervosas”, mais especificamente, a *clínica da histeria*. Com esta experiência, Charcot apresenta a Freud a histeria como uma questão clínica, aplicando-lhe a noção de neurose. Contudo, o neuropatologista francês não considerava possível a cura da histeria, já que ele considerava plenamente dominantes os componentes constitucionais do indivíduo histérico em sua etiologia. Ainda, os histéricos seriam altamente susceptíveis à hipnose, ou seja, apresentariam um alto grau de sugestibilidade, devido à constituição e ao modo de funcionamento dos mesmos. O que Charcot afirmava era que, como a constituição hereditária era a total responsável pela enfermidade histérica, não haveria a cura definitiva, e a hipnose somente surtiria efeitos positivos durante a sessão hipnótica, pois, decorrido o tempo da sessão, os sintomas histéricos voltariam. Apesar de Freud discordar de algumas idéias de Charcot, é inegável que sua maior contribuição para o futuro fundador da psicanálise tenha sido o enquadramento da histeria como neurose, como um problema clínico, apresentando os aspectos dinâmicos e funcionais envolvidos. Isto foi fundamental para a posterior explicação que Freud usará para a neurose, apresentando estes fatores psicológicos e históricos.

Outra importante figura que influenciaria Freud, propondo uma visão psicológica, menos biológica, da histeria e afirmando uma possível cura aos pacientes histéricos foi o médico francês Bernheim. Em sua *Apresentação Autobiográfica* (1925), Freud cita que, durante os experimentos hipnóticos de Bernheim, ficara impressionado com a possível existência de processos anímicos que ficavam ocultos à consciência do ser humano³. Com Charcot e Bernheim, Freud já estava no caminho que o levaria a formular as teorias psicanalíticas sobre as neuroses. Considerando a histeria como uma questão clínica, atribuindo-lhes causas psicológicas e históricas e tendo em vista processos anímicos ocultos à consciência, Freud sentiu-se mais seguro para elaborar suas primeiras formulações nosográficas. Em outras palavras, a contribuição de Charcot para a constituição e o desenvolvimento do projeto nosográfico freudiano foi, em primeiro lugar, fornecer-lhe um objeto clínico precisamente caracterizado (histeria) sobre o qual Freud poderia teorizar e exercer suas capacidades interpretativas. Em segundo lugar, Charcot acrescentou um fator

³ Deve-se ressaltar que outros cientistas franceses, notadamente Pierre Janet, já tinham chegado a algumas conclusões referentes a processos anímicos ocultos à consciência.

psicológico nas determinações dos quadros histéricos, ou seja, a sugestão, abrindo uma possível via teorizadora para Freud. Esse elemento psicológico foi ainda mais reforçado por Bernheim, haja vista sua concepção mais histórica e psicológica e menos fisiológica da sugestionabilidade, o que fez com que, pelo menos, fosse viável a tentativa de um tratamento psíquico para a histeria, questão contestada por Charcot. Porém, ainda estava faltando mais uma grande figura com quem Freud trabalharia e que colocaria ainda mais peso no fator histórico na etiologia da histeria. Este homem, considerado por alguns, juntamente com Freud, como o pai da psicanálise, foi Joseph Breuer.

Joseph Breuer foi um renomado médico clínico e fisiologista vienense com o qual Freud entrou em contato mesmo antes do encontro com Charcot. Este último sempre se mostrava pouco interessado pelos estudos breuerianos, e isto fez com que Freud gradualmente se afastasse dele e iniciasse uma investigação e discussão com Breuer acerca de questões relativas à histeria, as quais redundariam em uma teoria para esta neurose que pudesse debelar as deficiências percebidas nas concepções do neuropatologista francês, que, segundo Freud, seriam relativas ao peso ainda decisivo delegado ao fator constitucional na neurose em questão.

O contato entre Breuer e Freud redundou em um grande avanço para a primeira concepção nosográfica das neuroses. Em 1893, Freud e Breuer publicaram *O mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar*, no qual são explicados os mecanismos a partir dos quais se desencadeiam os fenômenos histéricos. Estes autores tentam generalizar o conceito de histeria traumática para a totalidade do fenômeno histórico, tomando a estratégia explicativa desta forma de histeria como o modelo segundo o qual seriam explicadas as demais. Deste modo, para Breuer e Freud, toda histeria seria uma histeria traumática. Vê-se por que Freud se anima entusiasmamente com este contato com Breuer, já que ambos defendiam a idéia de um *fator histórico e acidental* como primordial na explicação das neuroses, não sendo este um mero *agente provocador*, segundo Charcot. A partir de cinco estudos clínicos, Breuer e Freud publicaram seus *Estudos sobre Histeria* em 1895, trabalho no qual a histeria foi explicada utilizando-se a hipótese de um estado intermediário entre o sono e a vigília, denominado estado hipnóide, ao qual o histórico seria predisposto devido à sua constituição hereditária. Uma cena trivial tornar-se-ia incrivelmente traumática se o indivíduo estivesse em estado hipnóide, desencadeando o desenvolvimento de sintomas histéricos. Além disso, a teoria dos estados hipnóides justifica e dá os fundamentos a uma forma de investigação da etiologia e da patogênese específicas de cada sintoma do quadro histórico: a

vivência desencadeadora de afeto deixa, como consequência de sua ocorrência durante um estado hipnóide, um registro mnêmico composto por representações intensamente carregadas de afeto, dissociadas do restante da vida psíquica, não sendo capazes, deste modo, de descarregar a sua cota de afeto, redundando na preservação de seu potencial patogênico. Estas características podem ser ilustradas, citando a famosa frase de Breuer, ao final da parte I de *Sobre o mecanismo psíquico de fenômenos histéricos: comunicação preliminar* (1893), “o hístico padece, na maior parte, de reminiscências” (BREUER & FREUD, 1895, p.3⁴).

Não obstante, Freud ainda não se encontrava seguro com a teoria dos estados hipnóides, já que, mesmo com o peso histórico, acidental e, desta maneira, psicológico da cena traumática, o fator constitucional seria o mais importante, uma vez que sem ele aquela não poderia acarretar a formação de sintoma algum. Deste modo, mais uma vez uma teoria psicológica para as neuroses ficaria inviabilizada, indo de encontro aos planos freudianos. Ulteriormente, veremos o modo como Freud conduzirá essa idéia, atribuindo ao fator externo, acidental e histórico um peso sobremaneira importante na eclosão de uma neurose, o que fará com que tal intento inicial seja inviabilizado, implicando a elaboração de suas concepções sobre sexualidade infantil, fantasia e complexo de Édipo.

Neste ponto, começam as discordâncias entre estes autores. Estas discordâncias entre Freud e Breuer podem já ser notadas no livro escrito pelos dois, *Estudos sobre Histeria* (1893-95). No capítulo escrito por Freud, denominado “Psicoterapia para Histeria”, ele já começa a citar o descontentamento com a explicação da histeria utilizando as explicações constitucionais do estado hipnóide, dizendo claramente que nunca havia se deparado com alguma forma de histeria hipnóide pura e que nunca também havia se deparado com um caso de histeria no qual não houvesse processos defensivos por parte do enfermo. Isto pode ser notado na seguinte frase: “Em minha experiência, curiosamente, nunca me deparei com uma histeria hipnóide genuína, todas as que abordei foram, para mim, histerias de defesa” (*Ibid.*, p. 291).

Ainda, relacionando sua crítica aos estados hipnóides e à dissociação de consciência, Freud afirma em seu capítulo teórico que nunca havia encontrado sintomas gerados em estados de consciência segregados e por causa dos quais as representações ficariam excluídas da consciência. Assim Freud, que já começava a pensar em um “lugar”

⁴ Nesse trabalho, foram utilizados como referência os trabalhos de Sigmund Freud compilados nos volumes da Edição das Obras Completas de Sigmund Freud da Amorrortu Editores (Buenos Aires, 1989, 24 vols.). Nas referências, foram mantidas as datas em que originalmente os trabalhos de Sigmund Freud foram publicados.

psíquico onde ficaria este material segregado da consciência⁵, tenta demonstrar que as representações ficavam suprimidas em um estado hipnóide devido ao fato de operarem contra elas um “grupo psíquico” segregado anteriormente pela defesa. Deste modo, pode-se notar que, mesmo nos *Estudos sobre histeria*, Freud já demonstrava certo descontentamento com a teoria dos estados hipnóides na explicação da histeria. Cada vez mais, Freud se afasta desta teoria como será visto posteriormente.

A partir deste ponto, já começa a ser introduzida a teoria da defesa. Isso faz com que Freud siga seu próprio caminho na explicação das neuroses, já que Breuer nunca aceitou a exclusão dos estados hipnóides para a explicação da histeria e era cético em relação às concepções freudianas sobre defesa. Isto porque, nessa época, Freud parecia tratar a defesa como um processo voluntário e consciente de exclusão de representações, comum nas neuroses. Isso explica por que Breuer se manteve cético em relação à defesa como um processo voluntarista e se ela poderia responder por toda a dimensão dos fenômenos histéricos. Posteriormente, Freud parece já tratar a defesa como algo inconsciente e não voluntário por parte do indivíduo. Porém, pode-se notar que, apesar destas discordâncias, algumas das formulações de Breuer encontravam, neste momento e em momentos posteriores, alguma credibilidade por parte de Freud, como noções de ‘energia livre’ e a metáfora breueriana de ‘corpo estranho’. Sem dúvida alguma, Breuer foi um dos grandes nomes desta fase freudiana pré-psicanalítica ou fase da análise clínico-psicológica⁶.

A concepção de Freud de admitir um conceito dinâmico e conflituoso de forças que explicariam o aparecimento do sintoma neurótico foi a solução para explicar a neurose em termos históricos e psicológicos, substituindo, deste modo, a explicação das neuroses e, mais especificamente da histeria, por fatores constitucionais. Deve-se apontar que o fator constitucional nunca foi descartado por Freud para a concepção etiológica das neuroses. Posteriormente, Freud iria considerar para a concepção da etiologia das neuroses a idéia de *série complementar*, em que fatores constitucionais e históricos teriam seus papéis na eclosão

⁵Nos *Estudos sobre histeria*, Freud já começa a sentir a necessidade de tecer hipóteses sobre um lugar no qual ficaria inserida a representação intolerável. A culminação destas hipóteses será apresentada no capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* de 1900, com a instância psíquica *inconsciente*. Isto pode já ser notado com a insistência freudiana em utilizar o termo “grupo psíquico”, como um grupo segregado da consciência. Ficava assentada a primeira tópica freudiana, talvez erroneamente denominada como tal, pois, anteriormente a 1900, Freud elaborou algumas noções de aparelho psíquico, como em 1891 em sua monografia sobre as afasias, em 1895, em seu *Projeto de uma Psicologia*, e em sua *carta 52 a Fliess*, modelo este muito próximo daquele apresentado em 1900.

⁶Segundo James Strachey, em sua Introdução aos *Estudos sobre Histeria*, com suas *Cinco Conferências sobre Psicanálise* em 1909, Freud atesta que Breuer foi um nome importante na elaboração das idéias psicanalíticas, citando suas idéias muitas vezes.

de uma neurose. Como afirma MONZANI (1990), em relação à noção de séries complementares em Freud, este autor, desde seus primeiros escritos até o fim de sua obra, mantém uma certa “equação etiológica” que não nega a influência nem de fatores constitucionais (hereditários) nem dos fatores externos nas neuroses.

Este processo não foi por acaso, já que Freud, primeiramente, elabora uma concepção individual complementar à teoria hipnóide, mas que, posteriormente, procurará impor como uma concepção alternativa àquela e relativa a todo o campo das manifestações históricas.

Nos textos *As neuropsicoses de defesa* de 1894 e *As novas observações sobre as neuropsicoses de defesa* de 1896, são apresentadas as idéias de Freud sobre a etiologia e o mecanismo da defesa na histeria, ampliando estes conceitos para as outras neuropsicoses, como a neurose obsessiva e em alguns casos de paranóia, as chamadas *neuropsicoses de defesa*. No texto de 1894, artigo situado nos anos de elaboração dos *Estudos sobre histeria*, apresenta o subtítulo *a uma teoria psicológica da histeria adquirida*, apontando uma clara intenção de Freud em distinguir das puras histerias hipnóides, que, como visto anteriormente, possuem uma determinação atribuída a fatores hereditários e totalmente biológicos, uma forma que permita uma explicação estritamente relacionada a fatores históricos e psicológicos do indivíduo, como a *histeria de defesa*. Posteriormente, em 1896, Freud somente relacionaria a histeria com a histeria de defesa, deixando de lado a histeria hipnóide.

Um outro aspecto interessante a se considerar é a análise de alguns trechos da correspondência entre Freud e Fliess durante esse período. Segundo WOLLHEIM (1971. p. 45), esta correspondência constitui-se como “a melhor fonte para as primeiras iniciativas teóricas de Freud”. No *manuscrito H*, datado de 24 de janeiro de 1895, no *manuscrito K*, anexado à *carta 39*, datada de 01 de janeiro de 1896, e, finalmente, no *manuscrito N*, datado de 31 de maio de 1897, encontramos algumas das elaborações das idéias freudianas sobre o conceito de defesa e nota-se a estreita relação entre esse conceito e ego.

No *Manuscrito H* de 24-01-1895, Freud apresenta a diferença que opera nas confusões alucinatórias e nas alucinações históricas, dizendo que nestas a excitação é transferida de uma representação reprimida para uma compulsiva, dominando a consciência, sendo que, na confusão alucinatória, a representação e o afeto seriam suprimidos, ambos sucumbindo ao processo da repressão. Assim, na alucinação histórica, o efeito da repressão seria fracassado, enquanto, na confusão alucinatória, a repressão seria permanente com um lucro brilhante. Um ponto a se considerar é que este autor aponta que a representação seria

hostil ao ego na alucinação histérica, ao contrário do que é encontrado na confusão alucinatória, na qual a representação seria amistosa ao ego.

Ainda, neste mesmo manuscrito, Freud começa analisando a relação que pode ser estabelecida entre a paranóia e a neurose obsessiva⁷. Baseando-se na psiquiatria tradicional da época, Freud trata estas duas afecções como afins por serem ambas “psicoses intelectuais”. No entanto, este autor aponta que ambas afecções devem ser relacionadas a perturbações afetivas. Assim, por esta comparação, Freud afirma que a paranóia pode ser considerada, como a neurose obsessiva, uma neurose de defesa. Citando-o: “Ocorre, de fato, que a paranóia crônica, em sua forma clássica, é um *modo patológico de defesa*, tal como a histeria, a neurose obsessiva e a confusão alucinatória” (FREUD, 1895, p. 247).

Tomando como exemplo um de seus casos, Freud começa a notar a relação entre a paranóia e seu conflito defensivo. A questão colocada por Freud é por que a paciente descrita não adquiriu uma histeria ou uma neurose obsessiva, uma vez que também estas são neuropsicoses de defesa. Para resolver tal questão Freud apela para o fato de o conteúdo da representação paranóide permanecer inalterado, diferentemente das neuropsicoses de defesa citadas anteriormente, as quais necessitariam de substitutos ou símbolos mnêmicos para que a representação permanecesse ausente da consciência. Assim, o conteúdo daquela é distorcido, diferentemente no caso da paranóia. Neste caso, segundo Freud, o que ocorreu foi a transformação de uma auto-recriminação em uma reclamação advinda do exterior: as pessoas diriam aquilo que, de outra maneira, a paciente diria a si mesma. Neste ínterim, percebe-se o papel dos delírios de perseguição e de observação na afecção paranóica. Assim, a recriminação e a censura seriam para o paranóico, relacionados ao que lhe é externo, na medida em que ele seria capaz de rejeitar o mau juízo que lhe recai quando o recebe como proveniente do exterior, ficando distanciado do ego o aspecto gerador de conflito da representação intolerável. “a paranóia tem, portanto, o propósito de defender-se de uma representação incompatível ao ego, projetando no mundo exterior o sumário da causa que a representação mesma estabelece” (FREUD, 1895, p.249).

Nas *Novas considerações sobre as neuropsicoses de defesa*⁸, aponta Freud: “Na paranóia, o reproche é reprimido por um caminho que se pode designar como *projeção*, posto que se enceta o sintoma defensivo da *desconfiança aos outros*” (FREUD, 1896, p.183).

⁷ Esta comparação entre a neurose obsessiva e a paranóia manter-se-á também no *Manuscrito K*, na *carta 46* e nas *Novas considerações sobre as neuropsicoses de defesa*.

⁸ James Strachey afirma que o termo *projeção* apareceu pela primeira vez em um trabalho publicado neste texto. Contudo, no *Manuscrito H* e *Manuscrito K* este termo já havia aparecido.

Deve-se ressaltar que o tema da projeção apresentará interesse especial e será mais bem caracterizado por Freud somente alguns anos mais tarde, mais especificamente em 1911 com o *caso Schreber*. O que seria a projeção senão o mecanismo pelo qual uma representação seria tão intolerável para ao ego que a única solução contemplada seria expulsá-la desse último? Assim, teríamos novamente ego e reprimido em pólos opostos no processo defensivo.

No *Manuscrito K*, intitulado “Um conto de fadas natalino”, Freud ainda analisa as neuroses de defesa. Várias passagens mostram o aspecto do processo defensivo: o ego de um lado e as representações reprimidas de outro. Como exemplos: “o estágio em que as representações reprimidas retornam e, na luta entre elas e o ego, formam-se novos sintomas” (FREUD, 1986, p. 162) ou “gerado um sintoma pela ação do reprimido sobre o ego, a massa de representações reprimidas segue trabalhando de maneira autônoma” (*Ibid*, pp. 165-166). Mais especificamente em relação à paranóia, Freud parece apresentar seus pontos de vista, não se atendo a explicá-los de forma precisa e sistematizada. Um dos aspectos importantes deste manuscrito foi a *alteração do ego no processo defensivo após o fracasso da defesa*. Freud cita dois tipos de resultado para esta alteração na estrutura egóica: a *melancolia*, relacionada ao empobrecimento do ego, e a *megalomania* (delírios protetores), relacionada ao engrandecimento do ego. Ambas as formas de alteração do ego fazem com que o paranóico perca seu senso de identidade, distorcendo a realidade a partir de sua percepção. Deste modo, a fronteira entre o sujeito e o objeto vai se tornando gradualmente menos nítida, sendo que, no final do manuscrito, Freud afirma que este processo ocorre até que o ego seja completamente transformado.

Finalmente, temos o rascunho *N*, no qual há uma nítida relação entre ego e consciência / pré-consciência, sendo aquele sempre relacionado ao conceito de defesa. Assim, segundo Freud, “crer (duvidar) é um fenômeno que pertence inteiramente ao sistema do ego (o Cc.) [consciência] e não tem equivalente no Ics. [inconsciente]” (FREUD, 1897, p. 297), ou, em outra passagem, “a defesa, que emerge do Pcs. (o ego)” (*Ibid.*, p. 298).

Nota-se, deste modo, a relação estabelecida por Freud entre ego e consciência. Algo que escapa à consciência deve encetar no ego um processo de defesa. Assim, temos de um lado o conflito entre algo consciente e algo reprimido, ou, em outros termos, um conflito entre o ego e o reprimido, o qual nos dá notícias de um conceito utilizado por Freud nessa época, já citado nesse trabalho: o de “grupo psíquico”, um grupo segregado da consciência, citado por Freud e Breuer nos *Estudos sobre histeria*. Relembremos o fato de ambos os autores tentarem demonstrar que as representações ficavam suprimidas em um estado

hipnóide devido ao fato de operarem contra elas um “grupo psíquico” segregado anteriormente pela defesa. Assim, notamos que se inicia a problemática “inconsciente e ego” no campo da metapsicologia freudiana. Vemos sua influência cabal na elaboração da primeira teoria pulsional freudiana entre pulsão de autoconservação (ou do ego) e pulsão sexual (libido), iniciada antes mesmo de sua elaboração final em 1915 no artigo *Pulsões e destinos de pulsão*, erigida a partir dos desenvolvimentos da teoria das neuroses: há um pólo de onde parte a defesa – o ego – e outro reprimido – inconsciente. Tais considerações começaram a ser desenvolvidas aqui nesse período anterior a 1900, como se procurou demonstrar.

Durante todo esse período apresentado na correspondência Freud/Fliess, há um trabalho que estava sendo elaborado por Freud e que é de importância capital para os desenvolvimentos de sua metapsicologia. Em relação a ele, há várias referências nessa correspondência. Esse autor o considerou como uma “psicologia para neurologistas” e veio ao conhecimento público somente postumamente, em 1950, devido à resistência de Freud em publicá-lo. Vamos analisar agora seu *Projeto de uma psicologia científica* e veremos como o conceito de ego ganha um peso relevante em seu desenvolvimento, diferentemente do que é encontrado em 1900, no trabalho *A interpretação dos sonhos*.

CAPÍTULO SEGUNDO

**O conceito de ego no *Projeto de uma psicologia científica* e n´A
*interpretação dos sonhos***

Deve-se dizer que ao conceito de ego em *Projeto de uma psicologia científica*⁹ de 1895 e n' *A interpretação dos sonhos*, de 1900, Freud nos apresenta duas interessantes modalidades de leitura. Na primeira, referente ao *Projeto*, vemos a importância do conceito de ego no desenvolvimento das idéias de Freud na explicação de diversos fenômenos psíquicos, ao contrário do trabalho de 1900, no qual esse conceito adquire um papel secundário, considerando a sua necessidade de apresentar o inconsciente como uma hipótese plausível a partir do qual se poderia pensar o psiquismo humano, suas motivações e vicissitudes. Como se pode ver, na medida em que ambos os trabalhos partem de objetivos distintos, o conceito de ego é apresentado de maneiras diferentes. Tentando em 1900 colocar em destaque o estatuto inconsciente nos processos psíquicos, o ego, seu pólo oposto, apresenta-se em estado de ostracismo, sendo resgatado de certa forma somente em 1914, a partir das considerações acerca da teoria do narcisismo. Assim, *A interpretação dos sonhos* funciona como um trabalho a partir do qual o conceito de ego perde toda sua potencial significância, principalmente com os textos subsequentes *Psicopatologia da vida cotidiana* de 1901 e *Os chistes e sua relação com o inconsciente* de 1905, tentativas desse autor em vasculhar os ditos “fenômenos normais” (sonhos, atos falhos e chistes) e relacioná-los aos mecanismos inconscientes, relacioná-los às lacunas comuns da consciência, fator principal a partir do qual a hipótese do inconsciente pode ser levantada, conforme apontado em 1915 no texto *O inconsciente*.

O Projeto é um dos trabalhos mais instigantes de Freud, cujas idéias desenvolvidas podem ainda ser encontradas em suas elaborações metapsicológicas ulteriores. Como ler *A interpretação dos sonhos* e não reconhecer uma forma reduzida do aparelho neuronal do *Projeto* na apresentação da conhecida primeira tópica na seção B de seu capítulo VII? Como não relacionar as idéias referentes aos processos primário e secundário nas elaborações metapsicológicas posteriores? Como não reconhecer em *Para além do princípio do prazer* alguns dos desenvolvimentos presentes no texto de 1895? Assim, a análise dessa obra torna-se de fundamental importância para o entendimento do movimento do pensamento freudiano ao longo dos anos.

⁹ Doravante denominado *Projeto*. Neste trabalho, foi utilizada tradução de Osmyr Faria Gabbi Júnior em seu livro *Notas a 'Projeto de uma psicologia'*. Como o *Projeto* é um trabalho de 1895, mas publicado somente em 1950, fizemos sua citação utilizando ambas datas. Porém, ressaltamos a questão da escolha da tradução empreendida pelo autor supracitado cuja obra foi publicada em 1995.

Conforme cita WOLLHEIM (1971), ao longo de 1895, Freud parece ter dirigido, cada vez mais, seus interesses para a elaboração de uma teoria da mente, considerando as relações entre o campo fisiológico e psicológico, conforme atesta sua correspondência com Fliess. Segundo o autor:

“De fato, em um nível, o *Project*¹⁰ é uma descrição neurológica do cérebro e seu funcionamento. Como tal, visa a uma correspondência com os fatos da anatomia. Num outro nível, porém, é um modelo teórico da mente e dos processos mentais, tanto normais como patológicos. Quando encarado desse modo, deve ser julgado pelo êxito com que unifica e sugere observações clínicas; e o fato dos termos teóricos que Freud emprega (como “neurônio”) terem uma aplicação concreta em neurofisiologia, pode ser encarado como uma coincidência. Contudo, os dois níveis em que o *Project* está concebido ajustam-se entre si. Pois não só era a convicção de Freud, fundamentada no materialismo que ele nunca abandonou, que a psicologia deve ter uma base física mas também acreditava que os fenômenos psicológicos exibem muitas das mesmas características e padrões característicos dos fenômenos neurofisiológicos de que os psicológicos dependem casualmente” (*Ibid.*, p. 46).

Conforme analisa SOLOMON (1976, p. 40), a forma de pensamento de Freud no *Projeto* é “especulativa”, não porque não tenha “relação com provas, ou que é insensata e inconfirmável”. Em vez disso, significa que, haja vista o período em que ele se encontra, com a ausência de informações acerca do sistema nervoso e de sua fisiologia, dos mecanismos de estimulação e condução no sistema nervoso central, para tal empreitada teórica, certa dose de especulação seria necessária, um “jogo de adivinhação sofisticado, freqüentemente apoiado, ou não, por teorias emprestadas da física, da química, e da biologia, bem como por noções de bom senso da psicologia” (*Ibid.*, p. 41). Nesses termos, o pensamento especulativo de Freud nesse texto atinge um papel considerável, situação que somente será ulteriormente vista nos trabalhos de metapsicologia de 1915 e particularmente, em 1920, no texto *Para além do princípio do prazer*, que retoma muitas das idéias presentes no *Projeto*, como já dito no parágrafo anterior. Ainda segundo esse autor, “o caráter do *Projeto* é definido pela exigência newtoniana [que Freud se coloca] de que ‘a psicologia deve ser uma ciência natural’” (*Ibid.*, p. 42 – colchetes nossos). Para melhor ilustrar esse caráter, tomemos um exemplo encontrado logo na introdução do plano geral do *Projeto*: a apresentação do conceito de quantidade como o que diferencia atividade de repouso e o que está submetido à lei geral do movimento. Termos como “atividade”, “repouso”, “leis gerais do movimento”, “inércia” retomam a

¹⁰ No original, em inglês.

ciência newtoniana e vê-se tal influência na consideração da psicologia como ciência natural, o propósito de mostrar “os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados em partes materiais capazes de serem especificadas” (FREUD, 1895 [1950], p. 175).

Em que consiste tal especulação na obra freudiana? Partindo de dois axiomas básicos de neurônios e quantidade, Freud apresenta sua teoria da mente como a elaboração do relacionamento entre esses dois axiomas básicos. De acordo com o princípio da inércia neuronal e, posteriormente, com o de constância, haja vista a necessidade de considerar as quantidades (Q) endógenas e a necessidade do aparelho em dar conta do fenômeno psicológico da memória, Freud postula que a mente procura eliminar toda a energia, à medida que entra no sistema. Porém, a redução da tensão nunca chega a zero, e, desta constatação, ele apresenta o princípio da constância – a energia é eliminada, mantendo-se uma constante necessária para manter os níveis de excitação do aparelho neuronal e suas funções perceptiva e mnêmica – como um princípio operacional do aparelho neuronal.

Freud aponta que há 3 sistemas de neurônios que seriam diferenciados somente em relação à função que apresentariam: os neurônios ϕ (percepção ou sensação), ψ (memória) e ω (consciência). Dentro dos neurônios ψ , Freud distingue os do *manto* (registro das informações advindas de ϕ) e os do *núcleo* (registro das informações do interior do organismo). Uma vez que seu modelo da mente deve explicar como são processadas as representações da memória dentro do aparelho, é necessário falar sobre a *facilitação* [*Bahnung*] entre os neurônios, já que nos mesmos há a passagem de quantidade que diminuem continuamente a *barreira de contato* entre eles. Com a diminuição da resistência entre os neurônios, este caminho ulteriormente tende a ser percorrido preferivelmente, explicando o mecanismo da memória, que estava ausente na monografia sobre as afasias de 1891. Nesse momento, faz-se necessária uma digressão para esclarecer melhor a relação entre os trabalhos de 1891 e 1895.

Em 1891, Freud apresenta uma monografia sobre o mecanismo das afasias, na qual se encontram severas críticas ao localizacionismo, ao atomismo psicológico e associacionismo¹¹. Segundo SIMANKE (2007), neste trabalho, encontramos seus primeiros desenvolvimentos acerca do conceito de representação e, deste modo, o mesmo é considerado de capital importância no entendimento dos primórdios da metapsicologia freudiana. Pode-se dizer que duas questões foram deixadas em aberto por Freud em seu trabalho de 1891, encontrando-se inter-relacionadas, e que serão respondidas em 1895, em seu *Projeto*

¹¹ Cf. CAROPRESO, F. S. ; SIMANKE, R. T. . *Temas de introdução à psicanálise freudiana*. 1. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2006. v. 1.

(SIMANKE, 2005). A saber, podemos citar duas questões. Primeiramente, a questão da memória e, por fim, a natureza dos elementos da representação. Sucintamente, como o aparelho neuronal de 1895 apresenta explicações tanto para percepção quanto para a memória, ele reconhece, como já apontado, a existência de dois sistemas de neurônios a realizarem essa função, ϕ e ψ , respectivamente, ambos de mesma natureza, diferindo, somente, de forma funcional. Funcionalmente diferentes dos neurônios ϕ devido à resistência e ao contato com diferentes magnitudes e origens de Q, os neurônios ψ são relacionados com a memória, uma vez que apresentam resistência considerável à passagem de Q. Por serem resistentes, podem ocorrer constantes modificações essenciais para a formação de um sistema mnêmico. Portanto, a memória seria constituída pelas diferenças nas facilitações [*Bahnung*] – caminhos preferenciais para a excitação dentro do aparelho, após passagens frequentes de Q entre os neurônios e diminuição da capacidade de resistência dos mesmos – existentes entre os neurônios. Em outras palavras, o que constitui a memória são as diferenças de facilitação. Por sua vez, para Freud, o conceito de representação seria entendido na complexidade das relações entre neurônios e facilitações. Vê-se de que modo Freud, partindo de uma crítica ao atomismo psicológico e o associacionismo, considera a representação em termos processuais, e não em termos reducionistas e localizados em áreas do cérebro. Assim, segundo as noções apresentadas em 1895, forma-se um traço de memória da representação, atestando a inter-relação entre esses dois conceitos, memória e representação no desenvolvimento da metapsicologia freudiana desde seus primórdios. Em relação aos neurônios ω , nestes é encontrado o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos que ocorrem no sistema nervoso. Incapazes de receber Q e, deste modo, incapazes da função de transferência quantitativa de Q, eles se apropriam do *período*, conceito relacionado ao curso temporal no sistema nervoso. Em outros termos, este sistema de neurônios apresenta a função de *consciência*, apresentando a série das sensações qualitativas de prazer e desprazer, a partir das transferências de Q efetuadas entre os neurônios ϕ e ψ , podendo haver o decréscimo ou o acréscimo de Q em ψ . Assim, temos a função de cada um dos sistemas de neurônios e o funcionamento do aparelho de acordo com as mudanças quantitativas e qualitativas ao longo do processo de formação de representações psíquicas.

No entanto, onde encontramos o conceito de ego nesse trabalho de 1895? Já foi dito que este apresenta um papel essencial na apresentação da teoria da mente aqui desenvolvida. O ego é assim apresentado por Freud:

“Mas, efetivamente, com a suposição da ‘*atração desiderativa*’ e da inclinação para a *repressão* já nos referimos a um estado de ψ , que ainda não foi discutido; pois os dois processos indicam a formação em ψ , de uma organização, cuja existência perturba cursos quantitativos que foram executados, na primeira vez, de uma forma determinada, ou seja, acompanhados de satisfação ou de dor. Esta organização chama-se o ‘*eu*’” (FREUD, 1895 [1950], p. 200).

A respeito desta apresentação do conceito de ego no *Projeto*, gostaríamos de ressaltar alguns pontos. Primeiramente, temos a apresentação de dois processos – ‘*atração desiderativa*’ e *repressão* – que indicam a organização do ego, em ψ . Em segundo lugar, o ego apresenta-se como uma organização que perturba os cursos quantitativos, acompanhados, na primeira vez, ou de satisfação ou de dor.

Primeiramente, a experiência do estado desiderativo é relacionada à vivência de satisfação, processo complexo em que certos passos são necessários para seu melhor entendimento. Durante uma eliminação da Q nos neurônios e, conseqüentemente, a finalização da incitação em ω de desprazer, origina-se no manto a ocupação de um ou vários neurônios que correspondem à percepção de um objeto. O último passo é a chegada de mensagens de eliminação em outros lugares do manto devido ao movimento reflexo empreendido subsequente à ação específica, ou seja, a ação necessária para a cessação do estímulo, que, no caso do ser humano, é efetuada pela ajuda externa. Entre essas ocupações e os neurônios do núcleo forma-se uma facilitação. Assim, origina-se, por intermédio da vivência de satisfação, uma facilitação entre duas imagens recordativas e os neurônios do núcleo que, no estado de incitação, são ocupados:

“Com a eliminação própria da satisfação, a Q η também é, sem dúvida, retirada das imagens recordativas. Com o reaparecimento do estado *incitante* ou *desiderativo*, a ocupação prossegue agora também para ambas as recordações e as anima. A imagem recordativa do objeto é certamente a primeira a ser afetada pela *animação desiderativa*” (FREUD, 1895 [1950], p. 197).

Assim, foi apresentado o processo de vivência de satisfação, essencial no entendimento das idéias contidas nesse trabalho de Freud. Deve-se apontar que tal *animação desiderativa* resulta, em primeiro lugar, no mesmo que a percepção, ou seja, ela é vivida como alucinação. Deste modo, temos a idéia de que, do estado desiderativo, segue-se uma atração ao objeto, ou seja, uma *atração desiderativa*. Deve-se ressaltar que tal realização alucinatória

do desejo desempenha um papel central em toda a atividade mental, seja ela patológica ou normal. Embora coerente com o funcionamento mental, esse processo é uma parte de uma forma primitiva, a que Freud deu o nome de “processo primário”. Para salvaguardar-se dos perigos que esse tipo de funcionamento mental envolve, uma vez que não há distinção entre o desejo e o objeto externo e não ocorre a cessação do estímulo, como a fome, por exemplo, que necessita de uma ação específica empreendida pela ajuda externa, o aparelho deve adotar um modo ainda mais complexo de operação para o qual já existem os requisitos necessários. Estamos falando do “processo secundário”, analisado nas páginas que seguem.

Em relação à repressão, temos que expor as idéias de Freud sobre a vivência de dor. Segundo Freud, a dor é considerada como uma falha no sistema de proteção do aparelho e o mais imperioso de todos os processos, uma vez que não há nenhum impedimento de condução para ela. Em outros termos, o sistema nervoso é disposto de modo que as grandes Q exógenas sejam afastadas de ϕ e de ψ , por meio de barreiras de contato gradualmente mais resistentes. A falha desse dispositivo é o fenômeno da dor. “A dor é, por conseguinte, caracterizada como irrupção de Qs enormes em ϕ e ψ , ou seja, de Qs de uma grandeza ainda maior que os estímulos ϕ ” (FREUD, 1895 [1950], p. 186). A dor produz em ψ um grande aumento de nível, sentido como a qualidade de desprazer em ω , redundando numa inclinação para eliminação e uma facilitação entre esta e uma imagem recordativa do objeto que excitou a dor. A vivência de dor é relacionada à ocupação de uma imagem recordativa de um objeto hostil, causando a qualidade de desprazer e a inclinação para a eliminação. Porém tal hipótese somente se sustenta, caso haja liberação de desprazer desde o interior do aparelho. São introduzidos os “neurônios-chave”, uma espécie de neurônios secretores, que, ao invés de eliminar Qs, fornece-as de forma indireta. Devido à vivência de dor, a imagem recordativa do objeto hostil conservou uma considerável facilitação com esses neurônios, de modo que o desprazer é liberado agora no afeto. Enquanto da vivência de satisfação, segue-se diretamente uma atração pelo objeto desiderativo, da vivência de dor, segue-se uma repulsa a manter ocupada a imagem recordativa hostil.

O esforço do ego é ceder suas ocupações por meio do caminho da satisfação, evitando a repetição de vivências dolorosas e afetivas. Isso faz com que ele seja importante na perturbação dos cursos quantitativos que foram executados. Essa perturbação advém de uma característica essencial desse grupo e organização neurônica denominada ego: eles se apresentam como neurônios constantemente ocupados. Seguindo o princípio de que se um neurônio adjacente for simultaneamente ocupado, o mesmo atua como uma facilitação

temporária das barreiras de contato localizadas entre ambos e modificará o curso que, caso contrário, dirigir-se-ia para alguma barreira de contato facilitada. Segundo ele, “uma ocupação lateral é uma inibição para o curso de Q₁” (FREUD, 1895 [1950], p. 201). Em seguida, ele cita: “representemos o ego como sendo uma rede de neurônios ocupados, bem facilitados entre si” (*loc .cit*). Assim, temos o ego como uma organização dentro do sistema neuronal, responsável por perturbar o curso quantitativo de Q₁, inibindo os processos que possam ser sentidos como desprazer em ω . Isso porque o aparelho mental tende a operar de modo que o prazer seja assegurado e o desprazer evitado.

Uma das funções do ego é a inibição de processos psíquicos primários, atestando sua característica de ser uma espécie de armazenador de energia, exigida pela função secundária. Deve-se apontar que a “realização alucinatória de desejos” apresenta-se como um mecanismo inicial importante para a economia do aparelho, trazendo consigo ao mesmo tempo sua ineficácia ulterior, uma vez que impede a manutenção da vida, caso não haja a emergência de uma ação específica. Assim, o ego tem a característica de, a partir do controle de Q e pelo fato de possuir condições de desdobrá-la, oferecer ocupações laterais à Q em curso no aparelho, não estimulando a ocupação da imagem recordativa desiderativa acima de certa medida, evitando, assim, a alucinação. A inibição proporcionada pelo ego possibilita a emergência de um critério de diferenciação entre percepção e recordação, havendo a obediência a um signo de realidade, que nortearia a eliminação da Q. Atesta-se, assim, a importância do ego na execução dos processos secundários do aparelho neuronal:

“Designamos como *processos psíquicos primários* a ocupação desiderativa até a alucinação, o total desenvolvimento do desprazer trazendo consigo o gasto total de defesa; por outro lado, designamos *processos psíquicos secundários* todos os outros processos que só são possibilitados por uma boa ocupação do eu e que são uma moderação dos expostos acima. A condição dos últimos está, como se vê, em um uso correto dos *signos de realidade*, só possível no caso de inibição do eu” (FREUD, 1895 [1950], p. 204).

Outro ponto a se considerar é a relação estabelecida por Freud entre o processo de pensar e o processo psíquico secundário. Constituindo-se assim como uma tensão no aparelho, o processo de pensar consiste na ocupação de neurônios ψ com alteração do curso de excitação a partir da ocupação lateral proporcionada pelo ego,. Assim, um dos mecanismos essenciais no estabelecimento do processo secundário e na cessação da ocupação que leva à “realização alucinatória de desejos” é o processo de pensar, que reorganiza a economia do

aparelho, garantindo a ação frente aos signos de realidade. Assim, ressaltamos que os processos de pensamento, reconhecimento e julgamento promovem uma alteração dos cursos de excitação do aparelho neuronal, possibilitando uma maior liberdade nas ações empreendidas pelo ego frente à diversidade das representações que são aí produzidas.

Retomando alguns pontos, a organização de neurônios denominada ego no *Projeto*, estando sempre investidos e sob constante ocupação, é capaz de influenciar o curso da excitação nas demais regiões de ψ . Deste modo, o ego defende-se de uma possível consciência de representações conflitivas e intoleráveis que poderiam provocar o aumento da excitação no interior do sistema, sendo vivenciada uma experiência de desprazer.

Sobre isso, devemos apontar que, desde o *Projeto*, a explicação da eclosão de uma defesa (patológica, neste caso) que conduzirá à neurose vai exigir uma condição suplementar, que Freud encontrará nas idiossincrasias da sexualidade humana. É neste campo que pode ocorrer a inscrição de uma cena sexual que, a seu tempo, não provoca a defesa, devido à imaturidade do indivíduo e à incapacidade de entendimento do cunho sexual presente em tal cena. Ao ser rememorada em um momento posterior, na puberdade, a representação da cena provocaria a emergência de uma quantidade intensa de excitação. Assim, não é apenas a intensidade do afeto em si que desencadearia a defesa, mas sim a presença de condições características da sexualidade humana, que explicariam como uma recordação pode liberar uma quantidade de excitação que a própria vivência original não foi capaz de provocar. Freud aponta a puberdade humana e a conseqüente liberação intensa de quantidades de excitação como as particularidades da sexualidade humana que explicariam este processo e apontariam a resposta da constante presença da sexualidade na etiologia das neuroses, como analisada no artigo *A sexualidade e seu papel na etiologia das neuroses* (1896). Vemos então como o conceito de ego, desde os primórdios, está sobremaneira vinculado ao conceito de defesa e ao conceito de processo psíquico secundário, uma vez que possui um papel ativo no direcionamento da energia no aparelho neuronal.

Antes de iniciarmos a análise do conceito de ego em *A interpretação dos sonhos*, devemos previamente apontar um dado importante. Já foi apontada a relevância da análise da correspondência Freud/Fliess para o entendimento do pensamento de Freud nessa época. Sabe-se notadamente a relação que pode ser estabelecida entre a conhecida carta 52,

datada de 06 de dezembro de 1896 e a tópica freudiana apresentada na seção B do capítulo VII d' *A interpretação dos sonhos*. Nessa carta há uma passagem interessante em que Freud apresenta a relação entre o ego e pré-consciente. Após a apresentação da idéia de que o mecanismo psíquico teria formado por uma espécie de processo de “estratificação”, Freud apresenta um diagrama esquemático, que pressuporia diferentes registros. Assim, ele cita: “Vb [*Vorbewusstsein* (pré-consciência)] é o terceiro registro, ligado à representação de palavra e corresponde ao nosso ego oficial” (FREUD, 1896, p. 208). Aqui encontramos uma espécie de redução do aparelho neuronal exposto no *Projeto* em 1895, uma vez que suas instâncias podem ser relacionadas sobremaneira ao sistema ψ do trabalho de 1895. Tal característica será encontrada na conhecida primeira tópica freudiana de 1900, porém não mais sendo utilizado o conceito de neurônios, como o trabalho de 1895 e a carta de 1896 sugerem. Outro fato a se considerar é que, mesmo apresentando na carta 52 um esboço quase finalizado da tópica de 1900, Freud não utiliza o conceito de ego no desenvolvimento daquela. Sobre estas afirmações, gostaríamos de analisar alguns pontos.

Embora Freud nunca tenha explicitamente mencionado o *Projeto* em qualquer escrito a ele posterior, podemos notar que o capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* é uma “apresentação não-formal das idéias expostas no manuscrito agora abandonado [o *Projeto*]” (WOLLHEIM, 1971, p. 65 – colchetes nossos). Por sua vez, em 1896, ano no qual escreve a carta 52, Freud apresenta “a transferência do sistema ω para uma posição entre os sistemas ϕ e ψ , de modo a ficar em contato direto com cada uma deles, os quais não têm agora comunicação direta entre si” (*Ibid.*, p. 66). Segundo ele, “esta mudança simplificou consideravelmente o funcionamento da mente” (*loc. cit.*), perdendo-se “uma parte da riqueza de interação entre a percepção, a memória e a consciência” (*loc. cit.*). Assim, de 1895 a 1900, passando pela carta 52, assistimos a uma redução do aparelho neuronal exposto no *Projeto*, porém notamos sua influência nos textos posteriores. Não obstante o fato da perda da “riqueza de interação entre a percepção, a memória e a consciência”, como expõe o comentador de Freud, notamos a continuidade de seu pensamento no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* e em trabalhos ulteriores¹².

Realizado o devido desenvolvimento, perguntamo-nos qual é o estatuto metapsicológico do conceito de ego no importante trabalho *A interpretação dos sonhos*. Sabe-se que este conceito possui um papel secundário na articulação da tópica. O que pode ser

¹² Sobre a discussão entre as leituras da obra freudiana que afirmam uma continuidade no desenvolvimento de suas teses – a chamada leitura “continuista” – e aquelas que partem do princípio que há grandes rupturas nesse desenvolvimento – a chamada leitura “descontinuista”, cf. MONZANI, L.R. *Freud: o movimento de um pensamento*. 2ª. Edição. Campinas: Editora Unicamp, 1989.

notado nas raras asserções tematizadas acerca do ego é que Freud estreita ainda mais os seus laços com o sistema pré-consciente-consciente, sendo muitas vezes tratados como idênticos. Uma justificativa para tal asserção é o fato de o ego se apresentar como um pólo de oposição a partir do qual o autor de *A interpretação dos sonhos* pôde pensar e analisar o “lugar” do inconsciente, sua descoberta inédita e que precisava ser exposta ao leitor não familiarizado com o conceito. Assim, podemos citar:

“O que o leitor assiste, de fato, em *A interpretação dos sonhos*, é o seguinte: de um lado, uma redistribuição das funções do ego, e de outro, uma tendência geral a identificar esse conceito com o sistema pré-consciente e consciente. A razão desse fato talvez esteja em que, em *A interpretação dos sonhos*, Freud está muito mais preocupado em delimitar, circunscrever e estabelecer as leis e regras que regulam esse espaço absolutamente original que tinha sido o resultado de suas descobertas clínicas – o inconsciente – do que propriamente em caracterizar o seu pólo oposto – o domínio dos processos secundários ou da instância de defesa” (MONZANI, 1989, p. 243).

Outros problemas também encontrados nessa obra podem ser remetidos diretamente ao conceito de ego: o problema da inserção da consciência na tópica e a questão da origem das representações e o processo da repressão das mesmas. Sobre a primeira questão, encontramos o fato de a consciência aqui não encontrar lugar fixo, uma vez que Freud ora a localiza na extremidade perceptiva, ora na extremidade motora. Este problema permeia toda a obra de 1900 e repetidamente Freud debater-se-á com este problema. Um exemplo será a nota de rodapé agregada à obra em sua edição de 1919, na qual Freud, procurando solucionar este problema, propõe uma espécie de torção no aparelho apresentado na seção B. Outro problema, como dito, seria a repressão das representações. Segundo Freud, uma representação desprazerosa pode ser reprimida, uma vez que sua tradução no sistema seguinte acarrete uma sobrecarga de excitação, que é vivenciada como desprazer, idéia esta que encontra sua origem na *carta 52* a Fliess. Além disso, para Freud, a representação tem sua origem no inconsciente e este era fundamentalmente, neste ponto da obra, reprimido. Então, como o inconsciente seria equivalente ao reprimido, uma vez que se subentende que serão reprimidas as representações pré-conscientes e estas serão investidas pelo inconsciente? As representações teriam realmente uma origem no sistema inconsciente? Estes problemas fazem com que Freud teça suas hipóteses nos artigos metapsicológicos de 1915 (*O inconsciente e A repressão*) acerca da noção de repressão primordial [*Urverdrängung*], uma repressão que não

pressuporia uma outra anterior. Ficava assentada aí a constatação de um inconsciente originário, que, futuramente, daria os fundamentos para o conceito de *id* em 1923.

Porém, não percamos de vista o fato de que a primeira tópica não funciona como momento a partir do qual o conceito de ego torna-se ambíguo na metapsicologia freudiana. Tentamos, com os trabalhos anteriores a esse, como os *Estudos sobre histeria*, *Projeto* e excertos de sua correspondência com Fliess, demonstrar que:

“O ‘ego’ em Freud tem um estatuto ambíguo desde seus primeiros textos. Ora ele parece se identificar com o sistema percepção-consciência, ora ele parece mais extenso que este último, levando seus domínios para além do consciente e do pré-consciente, e mergulhando no inconsciente. O que significa dizer que essa oscilação, essa ambigüidade no pensamento de Freud, não está essencialmente ligada à instauração da primeira tópica, já que ela é posterior a essa oscilação e apenas a mantém, não a criando” (MONZANI, 1989, p.244).

Assim, notamos que, a partir de 1900, ao conceito de ego não mais serão relacionadas maiores considerações nas discussões metapsicológicas, não intervindo diretamente nas considerações tópicas, dinâmicas e econômicas dos fenômenos psíquicos. Além disso, nem mesmo com a dualidade pulsional entre pulsão de autoconservação (do ego) e pulsão sexual, proposta em 1915, o ego terá papel primordial, na medida em que as pulsões relacionadas a ele não se tornam alvo de grandes discussões. No entanto, a partir de 1914, com a *Introdução ao narcisismo*, o ego passará a ter um papel de destaque, ressurgindo após alguns anos de considerável ostracismo, dando já ensejo à delimitação de outra instância proposta em 1923, a saber, o superego. Deve-se apontar que, antes dessa fase de sua obra, a partir de 1910, Freud começou a elaborar o conceito de narcisismo, sendo que este está sobremaneira relacionado à teoria da sexualidade, apresentada em seus famosos *Três ensaios de teoria sexual* de 1905. A eles vamos nos reportar agora e entenderemos como ambos os trabalhos encontram uma relação substancial intermediada pelo conceito de objeto.

CAPÍTULO TERCEIRO

***Os Três ensaios de teoria sexual* de 1905 e as primeiras relações entre os conceitos de objeto e pulsão**

Podemos afirmar que os *Três ensaios de teoria sexual* (1905)¹³ representam um dos mais importantes trabalhos da obra freudiana. Uma das principais razões apontadas nas discussões sobre essa questão é a retomada do conceito de pulsão. Nos *Três Ensaios*, que teve diversas edições, sendo a de 1925 a última publicada em vida por Freud, é um dos textos aos quais Freud agregou mais informações ao longo das mesmas. Com os avanços de sua teoria psicanalítica e com os avanços da bioquímica, Freud viu-se obrigado a acrescentar certos fatos que poderiam explicar melhor a sexualidade humana. Conforme aponta ASSOUN (1991), devido a essas diversas edições, os *Três ensaios* apresentam aspectos essenciais ligados à evolução da metapsicologia. Assim, é de importância capital o entendimento de suas notas e acréscimos.

Do *Projeto* aos *Três Ensaios*, Freud deixara de usar o termo pulsão em seus trabalhos. No *Projeto*, encontramos o conceito de estímulos endógenos ou condução endógena, a expressão “impulso mantenedor de toda atividade psíquica” (FREUD, 1895 [1950], p. 195) e a relação entre a vontade e pulsões, sendo aquela seu derivado. Todas essas idéias podem ser facilmente remetidas ao conceito de pulsão. Freud elabora seu aparelho psíquico em 1900 sem levar em consideração a idéia de pulsão, considerando o desejo como fator primordial, existindo por si só como a energia motriz do aparelho de processamento de representações, como já apontado anteriormente.

Neste texto, pela primeira vez, Freud desenvolve como ponto central do texto sua teoria da libido, ou seja, a expressão da pulsão sexual e, em particular, o conceito de pulsão [*Trieb*] que se encontra como base da sexualidade humana. Assim, Freud revela que a libido é pouco conforme ao que se poderia esperar de um instinto biologicamente determinado e que a sexualidade humana tem que ser considerada como constituída por uma mobilidade “caprichosa” da pulsão e suas amplas fontes corporais. Na apresentação do conceito de pulsão, Freud introduz dois termos: “chamamos *objeto sexual* à pessoa de qual parte a atração sexual, e *meta sexual* à ação em direção à qual esforça a pulsão” (FREUD, 1905, p. 123). Posteriormente, esse autor apresenta os desvios [*Abirrungen*] sexuais nesses termos (objeto e meta), cuja relação com a norma suposta e pré-estabelecida deveria ser mais bem analisada. Assim, nos desenvolvimentos em torno da sexualidade, ou mais especificamente, na primeira consideração do conceito de libido como expressão da pulsão sexual, encontramos esboçado o conceito de objeto. Aqui, o vemos como um dos termos a partir dos quais poderiam ser analisados os desvios sexuais.

¹³ Doravante denominado *Três Ensaios*.

Na explicação dos desvios, em relação às supostas normas impostas à sexualidade, Freud prepara o terreno para adentrar no domínio da sexualidade infantil. Assim, em sua reflexão sobre tal questão, Freud é obrigado a reconhecê-la, diferenciando-a da sexualidade adulta. O problema desta reflexão é que o conceito de sexualidade estava intimamente relacionado com a idéia de reprodução, ou seja, um ser sexual é aquele que está apto para perpetuar a espécie. Como uma criança, que biologicamente não está madura para ter um intercuro sexual, pode apresentar sexualidade? Isso faz com que Freud amplie o conceito de sexualidade.

Até então, o sexual era considerado como o intercuro sexual heterossexual genital entre dois indivíduos adultos e cuja meta era somente a reprodução. Deste modo, o objeto e meta definiam o que seria sexual. Ainda, práticas e atitudes que desviassem desta norma sexual não poderiam ser consideradas como tal. Comportamentos e práticas que desviassem quanto à meta como voyeurismo, exibicionismo, sadismo e masoquismo como aquelas que desviassem quanto ao objeto, como homossexualidade, fetichismo, bestialismo e pedofilia, não poderiam ser consideradas como sexuais. Notamos o modo como Freud expõe uma teoria precisa de conceitos e não de normas.

Isto leva Freud a se perguntar o que haveria nestas práticas “desviantes” para apresentar características sexuais. Qual seria o denominador comum entre elas? A resposta está na idéia de *prazer desvinculado da função biológica*. A sexualidade seria mais que uma função biológica, apresentando também função psicológica. Isto porque, na medida em que Freud considera o conceito de pulsão na explicação da sexualidade, esse autor leva em conta tanto fatores biológicos em sua explicação quanto fatores psicológicos. Assim, ele afirma nesse texto, em sua terceira edição, que a pulsão pode ser definida como “um dos conceitos do deslinde do anímico em relação ao corporal” (FREUD, 1905, p. 153).

Além desse exemplo, retirado do final do primeiro ensaio, tal questão pode ser corroborada pelo fato de Freud não considerar a sexualidade como restrita a uma meta reprodutiva e a um objeto do sexo oposto. *O que Freud faz em seus Três Ensaio é “psicologizar” a sexualidade, não desmerecendo, porém, a função biológica inerente a ela*. Em outros termos, citando ASSOUN (1991, p. 57), esse trabalho é considerado como o “verdadeiro pilar da investigação sobre a ‘psico-sexualidade’”. Neste ponto, a pulsão, fronteira entre o biológico e o psicológico, seria um bom alicerce a partir do qual se poderia analisar a sexualidade.

Mas qual seria a meta da sexualidade levando-se estes fatores em consideração? A resposta a essa pergunta é o fato da sexualidade ter o prazer como um fim

em si mesmo. O denominador comum de todas as práticas denominadas sexuais teria o prazer como meta, e o objeto seria qualquer coisa por meio da qual se obteria o prazer. Deste modo, a sexualidade não mais teria como definição um objeto em especial. Esta afirmação faz com que o objeto seja essencial para a consecução da meta, mas não é demandado um em especial, fazendo, por outro lado, com que o prazer sexual deixe de especificar um aparato orgânico biológico. Até este ponto, pode-se concluir que, num certo sentido, a função dos *Três Ensaio*s foi responder as questões que ficaram em aberto após o abandono da teoria da sedução¹⁴, refletir sobre a noção de sexualidade, chegando à conclusão de que este termo era exíguo e merecia ser desconstruído, já que a norma de meta e objeto restritos enrijeceriam o conceito. Assim, Freud não tem a intenção de fazer uma nosografia dos desvios sexuais, como também uma leitura pouco embasada pode sugerir. Assim, à medida que as questões envolvendo os desvios sexuais foram analisadas no primeiro ensaio, nota-se como o termo objeto foi anteriormente introduzido e aparentemente vai perdendo seu estatuto nas discussões metapsicológicas do trabalho. Aqui, o conceito de pulsão adquire uma importância cabal, uma vez que possui a flexibilidade necessária a partir da qual esse autor pode apresentar suas idéias sobre a relação entre sexualidade e etiologia das neuroses, sexualidade e fantasia e as relações entre a sexualidade adulta e infantil. Como aponta WOLLHEIM (1971, p. 197) em relação aos delírios de auto-observação na afecção paranóica, mas que cabe muito bem nessa presente exposição, “os delírios da vida adulta são as fantasias da infância normal revividas”. Como o conceito de objeto poderia dar conta da teoria de sexualidade proposta por Freud de achar na arqueologia da sexualidade infantil a patologia da vida adulta, apresentada pelo discurso de seus pacientes e nos desdobramentos econômicos e dinâmicos da formação de seus sintomas?

¹⁴ Antes de 1897 – mais especificamente na carta a Fliess, datada de 21 de setembro de 1897 – em sua tentativa de elucidar sua teoria das psiconeuroses de defesa, a partir do estabelecimento dos vínculos entre a sexualidade, o traumatismo e a defesa, Freud afirma que há uma cena de sedução *real* por parte de um adulto a criança, que, em um primeiro momento, não sofre um processo de afluxo de excitação sexual, uma vez que não está apta em termos somáticos e psíquicos para representar o evento sexual, ou, em outros termos, a investida sexual por parte de um adulto. Em um segundo momento, que sobrevém após a puberdade, haveria uma outra cena de sedução sexual, que, *a posteriori*, evoca o primeiro evento mediante traços associativos. Aqui, a lembrança da primeira cena acarreta o aumento do afluxo de excitação sexual, redundando na necessidade do ego em erigir uma defesa patológica e, deste modo, a lembrança é reprimida. Esses desenvolvimentos são componentes da conhecida *teoria da sedução*, abandonada por Freud em 1897, devido a algumas questões referentes à impossibilidade de encontrar o evento patológico inicial, à constatação subsequente de uma generalização do caráter perverso dos pais para além dos casos de histeria e à impossibilidade fundamental de distinção entre a realidade e a fantasia no inconsciente. Assim, Freud aponta que a cena de sedução pelo adulto não é um evento real, mas sim uma *fantasia*, abrindo as portas para o estudo da sexualidade infantil e do complexo de Édipo. Cf. LAPLANCHE, J; PONTALIS, J-B. *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1988, bem como LAPLANCHE, J. *Teoria da sedução generalizada*. Porto Alegre: Artes médicas, 1988.

Os três ensaios em questão versam sobre três temas centrais: (1) perversões e aberrações sexuais, (2) sexualidade infantil e (3) puberdade e sexualidade adulta. O 1º ensaio é um ensaio crítico, advindo de observação clínica. Neste ensaio, Freud desconstrói o conceito de sexualidade até então vigente e começa a englobar aos desvios sexuais na categoria de sexual, já que apresentam como ponto comum o prazer como fim em si mesmo. Assim, é neste ensaio no qual Freud amplia o termo sexualidade. No 2º ensaio, ele conceitua a sexualidade infantil como perversa e polimorfa, dominada pelo auto-erotismo e pela anarquia das pulsões parciais. Finalmente no 3º ensaio, ao explicar a sexualidade adulta e o encontro com o objeto, Freud estabelece algumas restrições à teoria sexual exposta no 1º ensaio. Do primeiro ao terceiro ensaio, vemos uma elaboração do conceito de objeto em sua forte vinculação com o de pulsão. Notamos como o mesmo pode ser entendido como um termo que enrijece o conceito de sexualidade caso seja considerado em seu sentido tradicional. Por isso, a necessidade premente desse autor em apresentar uma teoria crítica no primeiro ensaio, salvando o que torna o objeto um elemento importante, ou seja, sua contingência à consecução do prazer como meta primordial da sexualidade. Por sua vez, no segundo ensaio, notamos as implicações da introdução da idéia de pulsão parcial na engrenagem teórico-freudiana para o aprofundamento do conceito de objeto, dada a característica do processo e economia pulsional típicos da sexualidade infantil, e, finalmente, o vemos no terceiro ensaio como um elemento de suma importância para a passagem da sexualidade infantil para a adulta, uma vez que especifica uma escolha. Nessa análise, um olhar mais atento aos ensaios segundo e terceiro faz-se necessário.

No 2º ensaio, Freud conceitua de maneira ampla a sexualidade infantil. A sexualidade infantil seria dominada pelo auto-erotismo, atividade sexual na qual o prazer sexual seria o prazer de órgão [*Organlust*], zona erógena que, por alguma razão, tornou-se uma grande fonte de estimulação sexual. O próprio corpo não-unificado seria a fonte de prazer, sendo as inúmeras zonas erógenas do corpo as fontes parciais do prazer. Com a não-unificação do corpo em um centro organizador das pulsões, estas se tornam autônomas, agindo sem totalidade, não apresentando uma hierarquia sexual. Atesta-se a razão pela qual a sexualidade infantil é considerada como polimorfa: várias pulsões parciais no campo da sexualidade apresentam autonomia para conseguirem satisfações por inúmeros meios. A pulsão parcial é o que mais afirma a idéia de autonomia pulsional e não-totalidade das pulsões, restringindo-se ao prazer de órgão. Em outros termos, não há a necessidade de um objeto unificado para o prazer ser atingido. Assim, a sexualidade está presente em todos os órgãos, sendo estes grandes fontes para prazer sexual. Posteriormente a 1905, Freud completa

sua teoria sexual e aprofunda o conceito de sexualidade infantil, agregando às edições subseqüentes um centro organizador para as pulsões parciais. Deve-se ressaltar a importância dos trabalhos de Karl Abraham nessas elaborações sobre o desenvolvimento libidinal apresentadas por Freud¹⁵. As fases oral, anal e fálica seriam as consideradas fases pré-genitais referentes à sexualidade infantil, na qual as pulsões parciais teriam como fonte a mucosa bucal, anal e o falo, respectivamente. Assim, o conceito de objeto encontra aqui sua relação com a pulsão parcial: a fonte da pulsão na fase oral é a boca, o ânus na fase anal e assim por diante. A fase genital seria característica da sexualidade adulta na qual a pulsão se totaliza em um objeto único e se centraliza nos genitais; um objeto total. Assim, aprofunda-se o estudo do conceito de objeto em sua relação com a introdução da pulsão parcial. Deve-se ressaltar que os conceitos de fonte e objeto encontram-se sobremaneira intrincados na teoria da sexualidade proposta por Freud nos *Três ensaios*, em sua vinculação com a idéia de corpo erógeno. No entanto, o conceito de fonte vincula-se à zona erógena, *topos* do qual emerge a exigência pulsional, enquanto o objeto seria entendido como qualquer meio a partir do qual o prazer pode ser alcançado, redundando na satisfação pulsional.

Mesmo a sexualidade infantil apresentando-se polimorfa, encontramos centros organizadores em determinadas zonas erógenas no corpo do ser humano em seus primeiros anos de vida. Na 1ª edição dos *Três Ensaio*s em 1905, há a idéia de uma espécie de anarquismo da sexualidade infantil e pulsões parciais, sendo suavizada esta idéia nas edições posteriores com as fases libidinais e a idéia de que, mesmo em uma sexualidade polimorfa, pode haver certas organizações centralizadoras e fontes específicas para as pulsões atingirem sua meta. Apesar de considerar a pulsão genital como total, pode-se perceber, analisando a obra freudiana de maneira integral, que toda pulsão é, em essência, parcial, não havendo *um centro organizador*, mas sim *um conjunto de centros organizadores*. As vicissitudes da vida sexual humana fazem com que haja um objeto e zona erógena, mas a característica essencial

¹⁵ A partir das análises dos quadros patológicos primitivos, notadamente a psicose maníaco-depressiva, Karl Abraham aprofundou o estudo das fases do desenvolvimento psicosexual, nas quais a libido se organiza de maneira diferente: o estágio oral, no qual a boca é a fonte principal, o estágio anal, em que o treinamento esfinteriano e seus substitutos simbólicos centralizam a mucosa anal como fonte libidinal, e, finalmente, o estágio genital, quando os órgãos genitais ocupam o interesse pulsional principal e hegemônico. Além disso, Abraham apresenta um esquema de subfases aos estágios: 1) oral inicial, pré-ambivalente, 2) oral posterior, sádico (canibalístico), 3) anal-sádico inicial, retentivo, 4) anal-sádico posterior, expulsivo, 5) estágio genital inicial, fálico e sádico, e 6) estágio genital posterior, pós-ambivalente, com amor objetal verdadeiro (objeto total). Para ele, no estudo das relações entre sadismo e agressividade e na análise das formas sádicas de introjeção e projeção, há pontos específicos de fixação no desenvolvimento libidinal, presentes na etiologia dos quadros psicóticos, maníaco-depressivos, obsessivo-compulsivos e histéricos. Além disso, ele apresenta a diferenciação entre os objetos parciais e os objetos totais, na passagem da pré-genitalidade à genitalidade. Cf. ABRAHAM, K. A short study of the development of the libido. In: ABRAHAM, K. *Selected papers on psychoanalysis*. London: Hogarth Press, 1927.

da pulsão é ser parcial, ou seja, começa e acaba em uma zona erógena. Isto pode ser visto em uma das últimas obras freudianas escrita em 1927, *Inibição, Sintoma e Angústia* no qual Freud diz: “A organização genital da libido demonstra ser frágil e pouco resistente” (FREUD, 1927, p. 108).

Deste modo, podemos apresentar as características essenciais da sexualidade infantil. Primeiramente, temos o *puro exercício da pulsão*, ou seja, o prazer é obtido no próprio corpo, constituindo um prazer de órgão (auto-erotismo). Por sua vez, encontramos um *polimorfismo*, não havendo um centro organizador da sexualidade, sendo esta difusa e fragmentada e, finalmente, um *exercício autônomo das pulsões parciais*, já que a pulsão parcial começa e termina em uma zona erógena. Estes fatores constituirão a diferença entre a sexualidade infantil e a adulta. Nesta sexualidade, haverá a especificação e a escolha de um objeto e a primazia da pulsão genital sobre as outras. Enquanto a sexualidade infantil terá como características o polimorfismo e auto-erotismo, a adulta terá o primado da genitalidade e a escolha de objeto como características essenciais. Isto será analisado no 3º ensaio. Assim, vê-se o que seria o auto-erotismo no desenvolvimento do ser humano, uma atividade sexual típica da sexualidade infantil, dominada pelas pulsões parciais e, deste modo, sem um centro organizador destas últimas. Nota-se que o que falta ao auto-erotismo para constituir-se como característica da sexualidade adulta é a centralização da pulsão em um pólo e a constituição de uma “imagem” da totalidade do próprio corpo, não sendo este visualizado de forma incompleta, conforme as características da pulsão parcial.

Sobre essas questões, temos:

“Através da introdução da sexualidade infantil, Freud questionou, ao mesmo tempo: (a) a norma sexual no plano das perversões, graças à idéia de perversão polimorfa infantil; (b) a concepção normativa da sexualidade genital finalizada para a procriação, graças à noção de libido pré-genital, (c) a apreensão normativante da criança, reconhecendo seu estatuto de sujeito; e (d) a noção de anomalia neurótica – através da descoberta do ponto de vista do sujeito histérico” (ASSOUN, 1991, p. 59).

Assim, vemos em que medida Freud apresentou vários questionamentos à teoria sexual, todos contemplados no desenvolvimento das idéias até aqui discutidas. A sexualidade infantil funciona como uma tentativa de dar voz à pulsão parcial em essência, enfatizar a “psicologização” da sexualidade a partir do desenvolvimento do conceito de pulsão sexual, de dar voz ao sujeito infantil e “buscar na infância libidinal as raízes das

patologias do adulto” (ASSOUN, 1991, p. 58). Em outros termos, buscar no contexto da neurose o que há de mais comum na vida cotidiana do ser humano.

Um ponto ainda a ser destacado é como o conceito de objeto vai se apresentar nas metamorfoses da puberdade, com a escolha e encontro do mesmo. Ele aponta:

“Com o advento da puberdade, são introduzidas mudanças que levam à vida sexual infantil sua conformação definitiva. A pulsão sexual era até então predominantemente auto-erótica; agora encontra um objeto sexual” (FREUD, 1905, p. 189).

Aqui temos a diferença entre a sexualidade infantil e a adulta: a passagem do auto-erotismo ao encontro com o objeto. Já nas elaborações acerca das fases do desenvolvimento da organização sexual, Freud apresenta os dois tempos da escolha de objeto da pulsão sexual. O primeiro iniciar-se-ia entre os dois e cinco anos - posteriormente será durante a fase fálica¹⁶- sendo retida durante o período de latência e o segundo tempo sobrevém com a puberdade, havendo a determinação definitiva da vida sexual. O período de latência funcionaria como uma linha divisória, mantida pela repressão das pulsões relacionadas a metas e objetos infantis. Com o advento da puberdade, o encontro e a escolha do objeto sexual tornam-se novamente sensuais, como no primeiro tempo, e não mais ternas, como durante a latência. Como dissemos, uma das características diferenciadoras dessa sexualidade é a busca da meta da pulsão não mais no próprio corpo, nem no prazer de órgão, tampouco de maneira narcísica, mas em um objeto externo em especial, total, baseado no processo empreendido pela pulsão genital de centralização das pulsões parciais. Afirmando-se o primado das zonas genitais, há o encontro com o objeto sexual típico da sexualidade adulta, “preparado desde a mais tenra infância” (FREUD, 1905, p. 202). Essa frase nos remete à celebre passagem: “o encontro do objeto é propriamente um reencontro” (*Ibid.*, p. 203). Isso porque Freud afirma que “o fato de mamar a criança do peito da mãe torna-se paradigmático para todo vínculo de amor” (*loc. cit.*). Assim, temos a relação entre os dois tempos da escolha de objeto e aquele do encontro com o objeto, desde a mais tenra infância. Mesmo o encontro acontecendo na puberdade, esse já foi delineado nos primeiros anos de vida, quando ainda a pulsão sexual apoiava-se no ato de nutrição. Um fato interessante é a relação estabelecida por Freud entre o objeto da pulsão oral, parcial por definição, e aquele da sexualidade adulta, total

¹⁶ Em nota agregada em 1924, Freud modificará essa posição ao apresentar e descrever a terceira fase do desenvolvimento sexual pré-genital: a fase fálica, fase genital infantil. Assim, a primeira escolha de objeto ocorreria durante a fase fálica.

e genital. O seio será o primeiro objeto por excelência e constitui-se como paradigmático para todo o vínculo objetal posterior, seja durante a fase fálica, seja a partir da puberdade. Como veremos a seguir, esse encontro será o desencadeador da identificação primária, fenômeno de suma importância nas análises da gênese do ego a partir de 1923. O período de latência funciona como o organizador da sexualidade humana, na medida em que representa o abandono das metas e dos objetos infantis da sexualidade. Sobre isso, Freud afirma:

“Quando a ternura que os pais depositam sobre o filho evitou despertar-lhe a pulsão sexual prematuramente – ou seja, antes que estejam dadas as condições corporais próprias da puberdade –, e despertá-la com força tal que a excitação anímica se abra de maneira inequívoca até o sistema genital, aquela pulsão pode cumprir seu conteúdo: conduzir a criança, recém-chegada à maturidade, em direção à escolha de objeto. De certo, o mais imediato para a criança seria escolher como objetos sexuais justamente as pessoas que, desde a infância, ama, por assim dizer, com uma libido neutralizada. Porém, em virtude das peculiaridades da maturidade sexual, ganhou-se tempo para erigir, junto a outras inibições sexuais, a barreira do incesto, e para implantar neles os preceitos morais que excluem expressamente da escolha de objeto, por sua qualidade de parentes consangüíneos, as pessoas amadas da infância” (FREUD, 1905, p. 205).

Temos aqui a descrição da escolha de objeto da puberdade, da sexualidade adulta: a repressão da pulsão sexual com metas e objetos infantis, objetos esses relacionados às figuras dos pais. Haveria a passagem do auto-erotismo da sexualidade infantil para a escolha de objeto da sexualidade adulta. Partindo do ponto que a barreira do incesto é cultural, Freud afirma que a escolha de objeto relaciona-se primeiramente à *esfera representacional*. Porém, faltariam conceitos na metapsicologia freudiana desse período que o auxiliariam a pensar essa questão considerando o aspecto representacional da escolha de objeto típica da sexualidade adulta, a partir dos elementos referentes à dinâmica edípica. Um fato que deve ser ressaltado a partir desse excerto é o modo como a escolha de objeto, tipicamente característica da sexualidade adulta, é guiada por indícios infantis, renovados na puberdade. Assim, encontramos a inclinação sexual da criança em direção às figuras de pais, sejam eles biológicos, ou encarregados de cuidá-los, desviada para outras pessoas devido às barreiras do incesto erigidas. Nesse desvio, nota-se a “reinscrição” dessa inclinação sexual aos objetos primitivos. Posteriormente, esse fato terá uma análise mais bem elaborada a partir da análise dos tipos de escolha objetal descritos em 1914.

Sobre o conceito de escolha objetal, deve-se ressaltar que, nos *Três Ensaio*s, ele não é profundamente analisado, pois, se considerado o lado biológico para explicá-la, a

escolha objetual somente seria heterossexual e cairiam por terra as tentativas de “psicologizar” a sexualidade proposta por Freud neste texto. Além disso, se considerado apenas o lado pulsional para a escolha de objeto, a teoria pulsional proposta por Freud seria insuficiente pelo fato de não especificar um objeto. Deste modo, os *Três Ensaio*s não são capazes de explicar e determinar a dinâmica da característica essencial da sexualidade adulta que a diferencia da sexualidade infantil, ou seja, o encontro e a escolha do objeto. A noção de pulsão não consegue por si só explicar a passagem do auto-erotismo (sexualidade infantil) para a escolha objetual (sexualidade adulta), já que esta requer considerações que ainda não estavam presentes na obra freudiana produzidas até então. Considerando este fato, as escolhas de objeto requerem a idéia de representação de objeto juntamente com a idéia de pulsão. A escolha de objeto necessitará da idéia de desejo, ou seja, a representação de um objeto para fazer com que o sujeito o especifique e o escolha. Assim, a teoria freudiana precisaria explicar os dois lados desta escolha objetual que até então não estavam explícitos: *quem / o que escolhe* e *quem / o que é escolhido*. Deste modo, faltava a explicação da gênese do agente da escolha e a gênese do objeto escolhido. Para a gênese do agente da escolha, Freud precisaria retomar a idéia de ego presente em 1895 no *Projeto* e relegada nas obras posteriores e que será retomada somente em 1914 no texto *Introdução ao narcisismo*. Para a explicitação do objeto, mesmo Freud o tendo apresentado de maneira indireta em 1905, acrescentando-lhe uma nota em 1920 sobre o mesmo, faltaria ainda o conceito de complexo de Édipo, que encontraria suas definições cabais somente na década de 20, a partir das implicações da teoria do narcisismo e da elaboração da segunda tópica. Porém, já o antevemos nas fantasias históricas descritas por Freud, na correspondência a Fliess, nos sonhos típicos apresentados no texto de 1900, em sua auto-análise, bem como nessa última passagem em termos como “barreira do incesto” e “preceitos morais”. Como não ver as figuras do superego freudiano e o complexo de Édipo, do qual aquele é herdeiro?

CAPÍTULO QUARTO

**As elaborações em torno do conceito de narcisismo a partir de 1910: o “retorno”
do ego na metapsicologia freudiana**

O narcisismo é um dos conceitos mais importantes da teoria psicanalítica e um dos que mais suscitaram renovadas análises. Muitos autores ressaltam o caráter inovador do conceito de narcisismo para a psicanálise, desde que esta última se constituiu como “estudo do *Trieb* sexual reprimido” (ANDRADE, 1999, p. 631). Primeiramente analisado em detalhe em 1914 em um dos textos mais importantes de Freud, sua *Introdução ao narcisismo*¹⁷, o narcisismo passou a ser considerado como um dos pontos essenciais a serem considerados para o entendimento da evolução observada nos pontos de vista de Freud. Como implicações diretas desse conceito para a teoria psicanalítica, temos as mudanças relacionadas à sexualidade, a revisão da dualidade pulsional proposta em 1915 no texto *Pulsões e destinos de pulsão*, a abertura no campo da nosografia psicanalítica para o estudo das psicoses, a reformulação em relação ao agente da repressão e o retorno do ego na teoria psicanalítica e estruturação posterior deste conceito. Assim, faz-se necessária a análise destas implicações do narcisismo na metapsicologia freudiana, seu desenvolvimento inicial e sua introdução oficial, tendo em vista o “retorno” do conceito de ego na metapsicologia e o desenvolvimento do mesmo a partir de tais implicações.

Uma introdução ao narcisismo

Em 1911 no texto *Perturbações psicogênicas da visão*, Freud analisa um dos sintomas mais freqüentes encontrados em casos de histeria, uma das mais tradicionais neuroses de transferência, e introduz de forma breve o conceito “pulsão egóica”. Neste texto, Freud afirma:

“Estas pulsões nem sempre são conciliáveis entre si; freqüentemente entram em conflito de interesses, e as oposições entre as representações não são nada mais do que a expressão das lutas entre as pulsões singulares. Do particularíssimo valor para nosso ensaio explicativo é a inequívoca oposição entre as pulsões que servem a sexualidade, a consecução do prazer sexual e as demais pulsões que têm por objetivo a autopreservação do indivíduo – as pulsões do ego” (FREUD, 1910, p. 211).

¹⁷ Segundo James Strachey, em sua introdução ao texto em questão, no ano de 1909 Freud já havia citado o termo narcisismo como um estado intermediário entre o auto-erotismo e o amor objetal, idéia posteriormente agregada à 2ª edição dos *Três Ensaios de teoria sexual*.

Analisando os aspectos dinâmicos envolvidos na cegueira histérica, ele dá os primeiros indícios na consideração do narcisismo pelo fato de considerar este sintoma como uma forte erotização do órgão da visão. O olhar se torna excessivamente libidinizado a ponto de se “voltar para dentro”, constituindo um estado narcísico puro. GREEN (1988) aponta como Freud tece suas primeiras hipóteses acerca do narcisismo neste texto de 1911, afirmando, como SIMANKE (1994), o fato de Freud relacionar a visão com o narcisismo, isto é, como a visão recebe um caráter especial na consideração sobre o narcisismo. Neste ponto, devemos apresentar duas ressalvas: primeiramente, para corroborar esta afirmação, a escolha do mito de Narciso e toda a sua relação com a *visão*, e, segundo, o fato de Freud servir-se do sentido da visão (perturbações psicogênicas da visão) para introduzir a idéia de “pulsão do ego”, relacionada à erogeneidade desse órgão, sendo implícita a relação entre pulsão sexual e de autoconservação. Ficava esboçada a idéia de “libido egóica”, que será peça chave na elaboração da teoria do narcisismo e que será desenvolvida somente em 1914. Para finalizar, pode-se citar que a inibição presente em casos de erotização hiperintensa de órgãos requeridos para determinadas funções vitais, como exposta em 1911, é também citada no texto de 1927, *Inibição, Sintoma e Angústia*. Deste modo, no exercício de suas funções somáticas, o órgão da visão, entretanto, sofre um investimento da libido denominada egóica.

Além destas idéias que podem remeter ao narcisismo de 1914, este termo aparece explicitamente pela primeira vez em uma nota de rodapé presente na segunda edição dos *Três ensaios*, publicada em 1910, na qual há uma análise da relação entre narcisismo e homossexualidade, certamente agregada devido às considerações presentes no ensaio sobre Leonardo da Vinci publicado no mesmo ano. Neste ponto, nota-se que as primeiras elaborações acerca do narcisismo começam a aparecer a partir de 1911 com três trabalhos deste mesmo ano: o texto sobre as perturbações psicogênicas da visão, como já visto, a nota de rodapé agregada aos *Três Ensaio*s e o texto *Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci*¹⁸, no qual, pela primeira vez, há uma menção explícita do mito de Narciso. Neste último trabalho, Freud dá ensejo à formulação da teoria do narcisismo, uma vez que este tema é mais bem explorado.

O artigo *Leonardo* tem uma importância capital para uma análise da obra de Freud, na medida em que apresenta o conceito de narcisismo na dinâmica da homossexualidade. No trabalho *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia autobiograficamente descrito*¹⁹, o famoso *Caso Schreber*, Freud propõe a idéia de que a

¹⁸ Doravante este texto será chamado *Leonardo*.

¹⁹ Doravante este texto será chamado *Caso Schreber*.

paranóia seria um caso limite de defesa contra as emergências de moções pulsionais de cunho homossexual. Este fato aponta a relação íntima que Freud, de maneira incipiente, começa a traçar entre a paranóia (psicose) como defesa radical frente à insurgência de moções pulsionais de natureza homossexual, e o narcisismo, como conceito-chave imprescindível na explicação dessa dinâmica.

Voltando ao texto *Leonardo*, Freud aponta como fantasias erótico-amorosas reprimidas, remetidas a um dado momento da vida de Leonardo, conseguiram imprimir uma característica permanente na obra deste grande artista italiano. Neste texto, Freud analisa uma recordação infantil de Leonardo da Vinci, a saber, a de um abutre que teria pousado em seu berço e introduzido a calda em sua boca, relacionando-a ao cerne de sua homossexualidade. Para Freud, o abutre seria um símbolo materno, enquanto a cauda seria um símbolo do pênis. Na explicação desse possível paradoxo (mãe com pênis), Freud recorre às suas teorias sexuais infantis, mais especificamente à concepção de uma mãe onipotente que possui o falo, a “mãe fálica”. Segundo Freud:

“O amor pela mãe não pode prosseguir e sucumbe à repressão. O menino recalca seu amor pela mãe, coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela e toma sua própria pessoa como modelo à semelhança do qual escolhe seus novos objetos de amor (...), pois os meninos a quem ama agora, já crescidos, são nada mais que pessoas substitutivas e novas versões de sua própria pessoa infantil e os ama como a mãe o amou quando era criança. Dizemos que acha seus objetos de amor pelas vias do *narcisismo*” (FREUD, 1910, p. 93).

Na nota de rodapé agregada em 1910 aos *Três Ensaio*s, Freud diz:

“Comprovamos que as pessoas depois invertidas atravessaram, nos primeiros anos de sua infância, uma fase muito intensa, mas também muito breve, de fixação à mulher (quase sempre a mãe), após cuja identificação se identificaram com a mulher e tomaram a si mesmos como objeto sexual, vale dizer, a partir do narcisismo, buscaram homens jovens e parecidos com sua própria pessoa, que deviam amá-los como a mãe os havia amado” (FREUD, 1905 [1910], p. 132).

Deste modo, Freud considera que a escolha homossexual de objeto é aquela na qual o indivíduo passa da imagem de si como objeto de amor para amar objetos do mesmo sexo, apoiando-se no amor que sua mãe lhe tinha na infância. Estes objetos de amor evocarão

a sua imagem, a imagem pela qual Narciso se apaixonou: a imagem de si mesmo. No entanto, devem ser ressaltados alguns pontos nesta frase de *Leonardo*: a fixação na figura materna e a busca de indivíduos do mesmo sexo utilizando sua própria imagem. Em relação ao primeiro ponto, a identificação ocorre com um indivíduo do sexo oposto, ou melhor, uma identificação com a figura da mãe. Como dito anteriormente, pela teoria sexual infantil da “mãe fálica”, o indivíduo identifica-se com a mãe em sua conotação fálica, na medida em que reprime seu amor pela mãe, regredindo seu amor objetal para uma identificação. Mas por que ocorreria esta repressão? O que seria tão drástico para o indivíduo renunciar assim ao amor da mãe? Para Freud, seria o *horror à castração materna* que seria reprimido. Deste modo, com esta explicação do motivo pelo qual ocorre a repressão, a afirmação de que o indivíduo se identifica com a mãe em sua conotação fálica fica mais compreensível. Deve-se lembrar que ainda faltaria uma teoria mais completa acerca do complexo de Édipo e toda sua dinâmica relacionada ao complexo de castração, que somente será empreendida a partir dos anos 20, e explicaria de maneira mais acurada a dinâmica identificatória no triângulo edípico, tanto o “normal” quanto o “invertido”. Outro ponto é referente à busca de indivíduos do mesmo sexo como objetos de amor, sendo estes relacionados à sua própria pessoa quando era menor e a relação de amor entre mãe e filho. Aqui temos uma “equação” que parece relacionar em uma cadeia de identidade a figura do indivíduo, da mãe e do objeto de amor. Isto porque a mãe funcionaria como modelo de identificação para o indivíduo, que, por sua vez, procuraria, a partir de sua própria imagem – confusa, em essência, com a da mãe –, objetos de amor, que seriam relacionados à sua pessoa quando era mais jovem e aos quais seria devotado o amor outrora dispensado a ele pela mãe. Aqui também se explica por que Freud diz “desliza para trás” e “os meninos a quem ama agora, já crescidos, são nada mais que pessoas substitutivas e novas versões de sua própria pessoa infantil”, na medida em que regride à fase narcísica de desenvolvimento, ou seja, na infância, na qual o indivíduo era seu próprio ideal.

A Introdução ao narcisismo de 1914

Como dito, o que falta ao auto-erotismo para constituir-se como característica da sexualidade adulta é a constituição de uma “imagem” da totalidade do próprio corpo, a partir da centralização da pulsão em um pólo único. Em relação a esta visão total do corpo

pela introdução de uma “nova ação psíquica”, que seria a constituição do ego, é introduzido o conceito de narcisismo.

Segundo LAPLANCHE & PONTALIS (1977), a especificação e a diferenciação entre o auto-erotismo e o narcisismo em Freud se dá pela noção de que o *ego não existe primeiramente como unidade e que este necessita de algo a mais para se constituir enquanto tal* (“nova ação psíquica”). Assim, apesar de haver uma confusão entre estes dois termos muitas vezes analisados como se fossem sinônimos como, às vezes, Freud parece sugerir²⁰, há uma diferenciação entre estes dois termos desde o *caso Schreber* e há a formalização desta diferenciação na *Introdução ao Narcisismo*. Citando:

“O ego tem que ser desenvolvido. Agora, as pulsões auto-eróticas são iniciais, primordiais; portanto, algo tem que se acrescentar ao auto-erotismo, uma nova ação psíquica, para que o narcisismo se constitua”. (FREUD, 1914, p. 74).

O texto *Introdução ao narcisismo* publicado em 1914 é tido como um trabalho revolucionário na obra de Freud. Por vezes considerado um texto denso e cheio de obscuridades, é um dos trabalhos nos quais Freud mais se debate com as lacunas metapsicológicas que vai encontrando.

Este autor dá início ao artigo falando do narcisismo como um modelo de perversão. Começa a citar os aspectos descritos por Näcke²¹ de condutas narcísicas como relacionadas a comportamentos perversos, mas logo nas primeiras páginas do capítulo primeiro, Freud já relaciona o narcisismo com o curso regular do desenvolvimento humano²².

²⁰ Como exemplo, pode-se citar a frase presente em *Leonardo*, no qual Freud diz que o homossexual “deslizou pra trás”, para o auto-erotismo. Nota-se como o narcisismo e o auto-erotismo nesta frase se apresentam como sinônimos, na medida em que o narcisismo era a fase à qual os homossexuais regridem, segundo Freud.

²¹ Em 1920, na 4ª edição dos *Três Ensaios*, Freud retifica que não foi Näcke quem introduziu o termo “narcisismo” e sim Havelock Ellis. Posteriormente, este o corrige, dizendo que, na verdade, dever-se-ia atribuir a introdução deste termo a ele e a Näcke,

²² Esta é uma das características mais originais de Freud: a supressão do “patológico” encontrado em conceitos da conotação e vinculação até então a ele exclusivos. Para tal, Freud sempre cita casos “normais” nos quais há resquícios de atividades patológicas, apresentando uma relação entre eles, como no caso dos sonhos, dos atos falhos e, por fim, do narcisismo, do qual é retirada a conotação exclusivamente patológico-sexual. Como afirma WOLLHEIM (1971, p. 67), um dos maiores problemas nos quais Freud se debruçou ao longo de sua obra foi o “relacionamento entre a psicopatologia com a psicologia geral”. Encontrando em casos ditos normais, características dos quadros psicopatológicos, esse autor apresentou uma das grandes contribuições à explicação dos fenômenos psicológicos gerais. Também encontramos em ASSOUN (1991) uma interessante passagem sobre essa característica na obra de Freud. Ele diz que “as relações sociais, lugar da ‘normalidade’, foram decifradas, através da expressão *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, como uma sintomatologia” (*Ibid.*, p. 67). Ainda, Freud em *O humor* cita: “Somente nos aventuramos a formular um juízo sobre o normal quando o deduzimos nos deslocamentos e deformações do patológico” (FREUD, 1927, p. 161). Por isso, notamos o modo

Sobre esta questão, ele dirá que “surgiu a conjectura de que uma colocação de libido definida como narcisismo podia ocorrer em uma amplitude mais vasta e ter seu lugar dentro do desenvolvimento sexual regular do homem” (FREUD, 1914, p.71).

Considerando este fato, Freud retira do conceito de narcisismo a exclusividade de uma perversão encontrada no comportamento sexual humano, considerando-o como inerente ao desenvolvimento sexual. O narcisismo só pôde ser visto desta forma na análise de certos casos clínicos encontrados por Freud e por outros clínicos como Kraepelin, Bleuler e Abraham, casos nos quais os pacientes apresentavam delírio de grandeza e retraimento do seu interesse em relação ao mundo exterior, características referentes à fase narcísica do desenvolvimento. Até então Freud tinha encontrado casos de neuroses de transferência²³ nas quais o vínculo com a realidade torna-se perturbado, porém o vínculo erótico com os objetos da realidade mantém-se, por meio da fantasia.

Pode-se notar que, nas neuroses denominadas de transferência, a libido retraída de certos objetos e representações é transferida para outros objetos do mundo externo que apresentam alguma relação com os objetos reais. É esse mecanismo que não se apresenta nas chamadas parafrenias, nas quais a libido retirada do mundo externo seria conduzida ao ego dos sujeitos, surgindo uma conduta com as mesmas características do narcisismo.

Retornando ao texto de 1914, Freud afirma haver um estado presente na infância constituído de certas características onipotentes que remetem ao narcisismo encontrado posteriormente nos parafrênicos. Este narcisismo originário e natural é denominado *narcisismo primário*, sendo um estado de investimento libidinal originário e normal do ego, cedido depois aos objetos. O que é encontrado nos parafrênicos, seria um *narcisismo secundário*, estado caracterizado por investimento egóico libidinal após este ter se subtraído aos objetos do mundo exterior, ou seja, um retorno ao narcisismo primário após a ocorrência de investimentos objetivos. Como aponta ANDRADE (1999), este artigo já mostra

como a conotação restritamente nosográfica e o apelo à ordem do patológico, encontrados no início da obra freudiana, foram se tornando exíguos à medida que ele formulava suas explicações para os fenômenos psíquicos gerais.

²³ Neste ponto de sua obra, Freud já denomina as “neuroses de defesa” como “neuroses de transferência”: histeria de conversão, histeria de angústia e neurose obsessiva. A paranóia e a confusão alucinatória, até então consideradas como neuroses de defesa, conforme os trabalhos sobre as neuropsicoses de defesa de 1894, 1896 e no *manuscrito K* e *manuscrito H* de sua correspondência com Fliess, apresentarão outra classificação. Elas serão denominadas neuroses narcísicas e, a partir dos anos 20, com as psicoses, bem como a melancolia, que sempre apresentou uma ambígua posição nosográfica ao longo da obra freudiana. Vê-se claramente pelo uso do termo “transferência” a principal característica desta classe de neuroses, a qual será a diferenciadora em relação às neuroses narcísicas: a capacidade do neurótico apresentar o fenômeno transferencial com os objetos do mundo externo, diferente da regressão ao narcisismo primário, típico dessa última.

que o estado primordial da libido era o narcisismo, sendo o ego seu primeiro destino (narcisismo primário), assim como seria secundária sua saída para os objetos. Deste modo, apreendemos a constatação freudiana de que o ego constitui-se ao longo do tempo.

Para esclarecer a noção de narcisismo primário, Freud utiliza uma metáfora presente tanto neste artigo de 1914 quanto em sua *Conferência Introdutória à Psicanálise no. 26* Comparando o homem a uma ameba, Freud diz que, após o narcisismo primário, o homem investiria sua libido nos objetos, sendo esta desviada aos objetos como pseudópodos de ameba. Citando Freud:

“Forma-se assim a imagem de um original investimento libidinal do ego, cedido depois aos objetos; de fato, considerado em sua profundidade, o investimento persiste e é como aos investimentos objetivos como o corpo de uma ameba aos pseudópodos que emite” (FREUD, 1915, p. 73).

Outras evidências do estado narcísico para Freud são as características de onipotência presentes nas crianças. Além disso, esta questão foi analisada por Freud um ano antes em seu terceiro ensaio do texto *Totem e Tabu* de 1912-13, no qual ele analisa os povos primitivos e suas relações com o horror e o tabu ao incesto. Neste texto, além das considerações sobre a origem da proibição do incesto, proibições morais e sociais, há também grandes considerações sobre o narcisismo presente no ser humano, ao descrever o modo como os seres primitivos superestimavam a realidade anímica, a onipotência dos pensamentos e a intensa crença na magia. Certamente, este texto também foi um dos pioneiros na evolução do termo narcisismo que recebeu em 1914 uma análise mais acurada.

Voltando ao texto de 1914, Freud considera dois caminhos para a libido: aos objetos e ao próprio sujeito. Assim, ele opõe a libido objetual e a libido egóica, havendo uma relação inversamente proporcional entre elas. Esta divisão modifica as idéias presentes no pensamento freudiano do conflito neurótico entre as pulsões de autoconservação e pulsões sexuais, que estão presentes no pensamento freudiano desde o começo da década de 10. Estas idéias culminaram com a exposição da primeira dualidade pulsional apresentada em 1915 no texto *Pulsões e destinos de pulsão*. As pulsões de autoconservação seriam as repressoras enquanto as pulsões sexuais seriam as reprimidas. O interessante é que Freud neste texto opõe as pulsões egóicas relacionadas à autoconservação dos indivíduos às pulsões sexuais, ou libido. A libido não poderia ser investida no ego do sujeito, já que esta parte seria investida

pelas pulsões de autoconservação. O que Freud faz no texto do narcisismo é afirmar as duas coisas: 1) a diferenciação entre pulsões egóicas e sexuais e 2) existência de um regular investimento libidinal do ego. Deste modo, introduz-se assim na metapsicologia freudiana uma contradição teórica, cuja corroboração mais cabal seria a utilização do conceito de *libido narcísica*. Segundo MONZANI (1989), com a introdução do conceito de narcisismo, a explicação do conflito psíquico entendido nas vicissitudes da luta entre as pulsões do ego (autoconservação) e pulsões sexuais torna-se vaga, bem como a diferenciação entre os conceitos de libido egóica e libido objetal. Esta será uma dificuldade com a qual Freud se depara e será mais bem explicitada posteriormente.

Alguns pontos a serem assinalados ainda nesse texto de 1915 é o modo como o conceito de ego e objeto são apresentados. Em relação ao primeiro, esse é entendido fundamentalmente como um “ego-sujeito”. Sobre isso, podemos citar tal excerto: “O ego-sujeito é passivo em relação aos estímulos externos, e ativo devido suas próprias pulsões” (FREUD, 1915, p. 129). Pode-se citar que o conceito de ego na metapsicologia freudiana assume tais acepções: ora relacionado ao sujeito, à pessoa como um todo, ora como uma estrutura dentre outras de um sujeito. Porém, nos textos de metapsicologia dessa época, nota-se freqüentemente o modo como o conceito de ego apresenta uma relação muito significativa com a primeira acepção, diferentemente do que é visto em 1895 no *Projeto*. Em relação ao conceito de objeto, nota-se como ele assumirá um papel na teoria pulsional proposta em 1915. Como já dito, falar de sexualidade implica falar de um objeto, haja vista o conceito de libido apresentado em 1905. Nas elaborações da teoria pulsional de 1915, o conceito de objeto assume mais explicitamente uma posição que já lhe era de direito: assume-se como um dos elementos da pulsão ou, como aponta Freud no texto em questão, um dos termos utilizados em conexão com o conceito de pulsão. Segundo ele:

“O objeto [*Objekt*] da pulsão é aquilo no ou pelo qual [esta] pode alcançar sua meta. É o mais variável na pulsão; não está enlaçado originariamente a ela, mas se coordenam somente como consequência de sua aptidão para possibilitar a satisfação. Não necessariamente é um objeto externo, também pode ser uma parte do próprio corpo (...) um laço particularmente íntimo da pulsão com objeto se acusa como *fixação* daquela” (*Ibid.*, p. 118 – colchetes nossos).

Aqui, nesse excerto, nota-se como o conceito de objeto apresenta nova complementação na metapsicologia freudiana. Ao lado, do esforço [*Drang*], meta [*Ziel*] e

fonte [*Quelle*], o conceito de objeto encontra-se entrelaçado nas elaborações freudianas referentes à teoria pulsional. Deve-se ressaltar que esse fato é consequência do trabalho de 1905 e não há maiores implicações para as discussões metapsicológicas. Ainda o objeto é algo no ou pelo qual a pulsão alcança sua meta. Pode ser qualquer objeto, não há um especificamente. Porém, deve-se ressaltar o modo como os destinos da pulsão²⁴ implicam a pressuposição do objeto. A transformação ao contrário, a volta para a própria pessoa, repressão e sublimação só podem ser entendidos utilizando os termos relacionados ao conceito de pulsão. Como prescindir do conceito de objeto ao se analisar as considerações freudianas sobre sadismo-masoquismo, prazer de ver-exibição, amor-ódio, presentes nesse texto de 1915? Um fato interessante para as nossas discussões sobre o conceito de objeto na metapsicologia é apresentado nesse texto quando Freud discorre sobre o modo como o ódio, não entendido ainda em sua acepção pulsional, como a partir de 1920 adquirirá, e ainda mais especificamente com o trabalho *O mal-estar na cultura* de 1930, é apreendido como “relação com o objeto” (FREUD, 1915, p. 133) mais antiga que o amor, dada a repulsa primordial que o ego narcísico apresenta logo nos primeiros contatos com o mundo externo. Assim, o ódio faz com que seja estabelecida a primeira relação com o objeto, uma vez que esse conceito é constituído a partir da relação de ódio estabelecida com o ego, narcísico em essência. Tudo que lhe causa prazer, mesmo presente no mundo externo, mesmo constituindo-se como objeto, é visto como parte de si mesmo. Nem todos os objetos, nem todos os componentes do mundo externo, são vistos como tais. O objeto constitui-se a partir da repulsa primordial do ego narcísico, seguindo o funcionamento do princípio do prazer. O objeto constitui-se e emerge da relação com o ego baseada no ódio. Esse fato será mais bem analisado em seguida, quando da apresentação do texto de 1911, *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*.

Realizadas as digressões necessárias, em 1914, Freud aponta três maneiras de se estudar o narcisismo. Uma das maneiras seria o estudo das parafrenias, como já realizado neste trabalho. O outro ponto seria a hipocondria e, finalmente, o terceiro ponto seria a vida

²⁴ Este texto apresenta uma interessante particularidade em seu título. Nota-se explicitamente que, embora haja a dicotomia das pulsões, apenas uma, a pulsão sexual, apresenta destinos. Como já dito, encontramos aqui a dificuldade de Freud em conciliar em sua primeira teoria pulsional suas concepções sobre o conflito defensivo e a atribuição de destinos particulares ou não às duas classes de pulsão. Os destinos da pulsão são factíveis somente para a pulsão sexual, e não para as pulsões de autoconservação.

amorosa dos indivíduos. Em relação ao segundo ponto, Freud afirma que, na hipocondria, a libido objetal é retirada, concentrando-se em um órgão, ao qual será devotada toda a atenção do indivíduo. Assim, como nas parafrenias, há o desinteresse nas coisas do mundo exterior, sendo o interesse voltado para dentro. Segundo ele, “o enfermo recolhe sobre seu ego seus investimentos libidinais, para tornar a enviá-los depois de se curar” (FREUD, 1914, p. 79).

O outro ponto apresentado em 1914 para o estudo do narcisismo seria a vida amorosa dos indivíduos, mais especificamente o modo pelo qual um objeto de amor é escolhido. Esse ponto deve ser ressaltado na medida em que mostra como a teoria do narcisismo traz nova luz às análises acerca do conceito de objeto na metapsicologia freudiana. Segundo Freud, há duas escolhas possíveis de objeto de amor: a *escolha narcísica* e a *escolha por apoio (anaclítica)* [*Anlehnungstypus*]. Na primeira, os objetos seriam as pessoas que se assemelham ao sujeito da escolha. Segundo Freud, neste tipo de escolha, o sujeito teria quatro possibilidades: 1) o objeto igual a si mesmo; 2) o objeto igual ao que foi; 3) o objeto que queria ser; e 4) o objeto que foi uma parte de si mesmo. Já, em relação à escolha por apoio, o sujeito escolheria objetos que se assemelhariam às pessoas que se preocuparam com seus cuidados durante as primeiras fases de sua vida; cuidados referentes à alimentação e proteção. Vê-se neste tipo de escolha o que Freud aponta em seus *Três Ensaios* como sendo o *apoio* [*Anlehnung*] e o modo como, nos primeiros anos de vida do indivíduo, as pulsões sexuais apóiam-se nas pulsões de autoconservação, ou melhor, apóiam-se nas pulsões relacionadas à alimentação, antes de se desvincularem de vez. Somente com a noção de *Anlehnung*, Freud pode conceber a idéia de uma sexualidade relacionada às noções de pulsão parcial, erogeneidade de órgão, prazer de órgão e à distinção entre as diversas fases libidinais, nas quais é claro o papel do apoio das pulsões sexuais nas pulsões de autoconservação. Assim, voltando ao texto de 1914, o sujeito, segundo este tipo de escolha de objeto, buscaria objetos que se assemelham à mãe nutridora ou ao pai protetor. Deve-se lembrar que Freud assinala o fato de estas escolhas não ocorrerem desta forma rígida, mas sim formando “séries”. Segundo Freud, a escolha narcísica de objetos é freqüentemente encontrada em homossexuais, como já visto neste trabalho quando foi discutido o ensaio sobre *Leonardo*, e nas mulheres²⁵, enquanto que o tipo por apoio é amiúde encontrado em homens heterossexuais.

²⁵ Freud afirma que o nascimento de um filho faz com que as mulheres experimentem “um pleno amor de objeto”, saindo de uma escolha narcísica de objeto. Uma possível explicação seria que o filho representa uma parte do próprio corpo da mãe, sendo a ele devotado toda a plenitude do amor. No entanto, esta explicação não desmerece o papel do narcisismo no relacionamento com o objeto, uma vez que este seria considerado como uma parte do *próprio corpo*.

Além disso, no terceiro capítulo do texto sobre o narcisismo, é apresentado pela primeira vez o ideal do ego, termo que será importante posteriormente para o desenvolvimento da idéia de superego presente no texto *O ego e o id*, de 1923. O homem, em seu desenvolvimento, é obrigado a reprimir certas pulsões libidinais quando estas entram em conflito com tendências culturais e éticas presentes na sociedade na qual este homem está inserido²⁶. A infância é a fase na qual as tendências culturais e éticas ainda não atingiram sua força esmagadora e, deste modo, esta fase é considerada como ideal para o sujeito. Nesta fase, seria como se o ego do sujeito e o ideal fossem iguais, presentes na idéia de narcisismo primário e onipotência. Gradualmente, o ego começa a se diferenciar do ideal e, nesta fase, forma-se este ideal de ego. É neste ideal que recai agora o amor por si mesmo que na infância o sujeito gozou, mas que foi obrigado a renunciar devido a fatores sociais e culturais. A existência deste ideal mostra como o indivíduo não quer privar-se da perfeição narcísica que já vivenciou na infância. Ainda, a criança constituirá este ideal do ego, com o qual tentará recuperar a perfeição narcísica original, mas às custas de uma intrincada dinâmica identificatória com as figuras paternas, a qual procurará diminuir a distância entre o ego real e o ideal, regulando sua auto-estima. ANDRADE (1999) afirma que, no narcisismo primário, haveria uma coincidência entre o ego real e o ego ideal, sendo que, uma vez que a criança defronta-se com sua realidade e vê arruinada sua onipotência, deseja recuperá-la. Somente introjetando o objeto idealizado (ego ideal), haveria a restauração da onipotência. Citando Freud, “o que ele [o indivíduo] projeta frente a si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele foi seu próprio ideal” (FREUD, 1914, p.91 – colchetes nossos).

Além disso, segundo Freud, uma outra forma de entrar em contato com o narcisismo “perdido” na infância, seria o ato de nascimento de um filho. Este faz com que os pais reproduzam novamente seu próprio narcisismo, havendo uma espécie de “reatualização” do ego ideal presente nos pais, que somente é exequível mediante o nascimento de uma criança. Na infância, o sujeito equivale ao ego ideal. Daí, segundo Freud, a explicação de por que há uma tendência de supervalorização dos filhos por parte dos pais, atribuindo-lhes todas as perfeições e desejos não realizados.

Ainda, Freud analisa a repressão em termos de ideal do ego. Segundo ele, a formação do ideal seria a condição da repressão. Podem ser vistas de maneira incipiente as

²⁶ O acabamento final dessas idéias pode ser encontrado no importante trabalho *O mal-estar na cultura* de 1929, no qual a conceito de pulsão de morte e sentimento inconsciente de culpa terão um papel essencial no desenvolvimento desse conflito.

idéias que culminariam com a instância superego proposta em 1923, instância que é relacionada ao ideal do ego e aos valores morais advindos da identificação com uma das figuras paternas após o Complexo de Édipo. Ainda, nota-se a semelhança entre o ideal do ego e do futuro superego em relação à influência paterna. Citando, “a incitação para formar o ideal do ego, cuja tutela se confia à consciência moral, partiu da influência crítica dos pais” (FREUD, 1914, p. 92) Pode ser apontado que, com o conceito de um ideal do ego, a velha máxima da primeira tópica de que o pré-consciente é o agente da repressão torna-se exígua. Isto pode ser explicado pelo fato de Freud começar a notar que o pré-consciente seria uma qualidade psíquica e não um sistema em si, atribuindo ao conceito de ego algumas novas funções, não mais o relacionando somente com a instância pré-consciente. Ainda, gradualmente, Freud começará a atribuir a certas partes do ego a característica de serem inconscientes, levando-o a notar que sua tópica deveria ser reformulada. Deste modo, Freud começa a perceber que sua teoria da repressão vai se tornando exígua para dar conta de toda uma gama de fenômenos, na medida em que descobre que a repressão se dá com base em valores que, em última instância, são fundamentalmente inconscientes. Neste ponto, encontramos o ideal do ego, como uma instância advinda das influências paternas, cujo desenvolvimento encontra raízes no inconsciente.

Nota-se assim como as idéias de Freud, neste período, já antecipam conceitos que somente alguns anos mais tarde serão apresentados de forma direta. Finalmente, deve-se ressaltar a analisar um aspecto confuso importante presente na idéia de ideal do ego.

Esta confusão refere-se ao fato de Freud parecer usar os termos *ideal do ego* [*Ichideal*] e *ego ideal* [*Idealich*] como sinônimos. Há passagens em que estes termos são usados alternadamente, ficando difícil saber se Freud queria ou não passar a idéia de que estes termos têm o mesmo significado. Segundo LAPLANCHE & PONTALIS (1977), o ideal do ego seria a “instância” da personalidade resultante da convergência do narcisismo e das identificações com os pais, além de ser uma espécie de modelo com o qual o indivíduo deve se conformar. Por sua vez, o ego ideal seria uma “formação psíquica” definida como um ideal narcísico de onipotência, que era igual ao ego real do indivíduo quando este estava na infância. Assim, o ideal do ego parece ter um sentido mais “tópico”, constituindo-se como uma “instância” a partir da qual se define o que vai ser reprimido em cada indivíduo. Em outras palavras, o conceito de ideal do ego permite situar, *topograficamente*, aquele que vai ser o *lugar* a partir do qual se define o que será reprimido. Daí o fato de Freud posteriormente relacionar o ideal do ego com o superego quando formula sua segunda tópica nos anos 20. Por sua vez, o ego ideal seria uma forma de narcisismo revivido, introjetado no ideal do ego, que

procurará incessantemente diminuir a distância entre o ego e seu ideal, assegurando a auto-estima, sendo continuamente investido por libido narcísica, constituindo-se, apesar disso, a partir de referências do campo social. Ainda, estes autores, seguindo Nunberg e Lagache apontam duas características comuns a estes termos: ambos apresentam formação inconsciente e ambos apresentam um caráter narcísico.

Além disso, seguindo uma leitura de Lacan e Leclaire do texto freudiano de 1914, oferecidas por HORNSTEIN (1989), a diferença entre o ideal do ego e o ego ideal estaria na noção de temporalidade. Segundo este autor, o ideal do ego seria como um projeto identificatório, uma tensão entre o ego e o ideal, comportando a referência a um tempo futuro. Assim, esse projeto apóia-se na noção de que o ego não é ideal, mas pode chegar a sê-lo. Como aponta muito bem este autor, este seria utópico, uma vez que neste projeto está presente a noção de castração, que implica a noção de falta perene, fazendo com que o ego nunca coincida com o ideal. Por sua vez, a noção de ego ideal aparece como um “corte momentâneo”, sendo uma identificação do ego com o ideal, não estando presente a idéia de tempo, projeto e futuro. Estas são idéias não presentes no texto em questão, mas que podem ser analisadas desta forma se levarmos em consideração a evolução deste termo na obra de Freud. A idéia de repressão ligada ao ideal do ego já mostra o movimento freudiano de reformulação da teoria do conflito, alterando a idéia geral de que o pré-consciente recalca e que o ego é somente consciente. Assim, pode-se dizer ainda que o narcisismo, ou melhor, a idéia de um ideal do ego, também abre o caminho para Freud repensar sua tópica nas obras ulteriores.

Durante o ano de 1915, como se sabe, Freud publicou diversos artigos sobre metapsicologia, onde encontramos o âmbito mais teórico e especulativo da psicanálise. Em 1917, Freud publica seu artigo *Luto e melancolia*, artigo metapsicológico de importância capital na descrição da teoria do narcisismo e suas relações com o conceito de identificação. Assim, antes da análise do conceito de ego a partir da introdução da segunda tópica em 1923, devemos apresentar quais foram os desenvolvimentos da teoria do narcisismo encontrados nesse artigo de 1917. Como veremos, Freud consegue elaborar uma teoria estrutural do aparelho psíquico, na medida em que já possui elementos metapsicológicos desenvolvidos nos trabalhos citados ao longo dessa dissertação. E um dos elementos metapsicológicos basais

para a elaboração dessa teoria apresentada em 1923 é a identificação. Iniciemos, assim, sua análise nesse período da obra desse autor.

Podemos dizer que, em *Luto e melancolia*, Freud complementa suas idéias sobre as perturbações psíquicas narcísicas analisando a essência da melancolia, diferenciando-a do estado normal de luto. Neste texto, Freud complementa suas idéias acerca das neuroses narcísicas, apontando como o mecanismo psíquico da identificação é encontrado nestas afecções²⁷, apresentando sua primeira tentativa sistemática de estudo da identificação. Visto como um processo defensivo desde o estudo sobre *Leonardo*, esse conceito apresentará uma considerável importância na explicação dos fenômenos “normais” e na formação das instâncias psíquicas em 1923.

No começo da obra freudiana, a melancolia tendia a relacionar-se ora com as neuroses atuais, ora com a paranóia. No entanto, em 1917, com a teoria do narcisismo de 1914, Freud já se sente seguro em relacionar esta afecção à categoria das neuroses narcísicas, portanto mais próxima da paranóia. Tendo isso em vista, Freud considera que a melancolia diferencia-se do luto normal por causa de algumas características, como perturbação do amor próprio e empobrecimento do ego. Segundo Freud, na melancolia:

“houve uma escolha de objeto, uma ligação da libido a uma pessoa determinada; graças à influência de uma ofensa real ou decepção por parte da pessoa amada, esta relação ficou abalada (...) O investimento de objeto provou ser pouco resistente, foi suspenso, mas a libido livre não se deslocou para um outro objeto e sim se retirou para o ego” (FREUD, 1917, p. 135).

Além disso, outra diferença apontada por Freud entre estes dois fenômenos psíquicos é o fato de, no luto, a perda de objeto ser evidente e consciente, enquanto que, na melancolia, esta perda é de natureza mais ideal, sendo que o melancólico não consegue compreender conscientemente o que perdeu. Por fim, Freud aponta que “isto nos levaria a relacionar a melancolia com uma perda de objeto que foi retirada da consciência, à diferença do luto, no qual nada do que diz da perda é inconsciente” (FREUD, 1917, p. 132).

No primeiro excerto citado, percebemos a característica essencial e diferenciadora já apontada entre casos de neuroses de transferência e neuroses narcísicas: o destino da libido objetual desinvestida. Na melancolia, a libido desinvestida do objeto, após

²⁷ O mecanismo da identificação será mais bem elaborado em um trabalho de 1921, *Psicologia das massas e análise do ego*, no qual Freud já está em vias de elaborar sua segunda tópica em 1923.

uma frustração, retira-se para o ego do indivíduo e, uma vez aí, a libido serve para produzir uma identificação do ego com o objeto abandonado²⁸. Além disso, Freud afirma que este tipo de substituição do amor objetal pela identificação é um mecanismo essencial nas neuroses narcísicas, correspondendo à regressão de um tipo de escolha de objeto para um narcisismo originário. Essas idéias nos remetem ao trabalho sobre *Leonardo*, em que se nota a relação entre identificação e processo defensivo. Considerando o fato de que a identificação é a etapa preliminar da escolha de objeto, sendo ela a primeira modalidade pela qual o ego distingue os objetos, a identificação apresenta-se ambivalente em sua expressão, remetendo à dinâmica oral do desenvolvimento libidinal. Citando: “Não hesitaríamos de incluir na caracterização da melancolia a regressão do investimento de objeto à fase oral da libido, que ainda pertence ao narcisismo” (FREUD, 1917, p.136).

A presença de comportamentos auto-recriminatórios e perturbação do amor próprio na melancolia é explicada por Freud como uma satisfação de tendências sádicas e de tendência ao ódio²⁹ relativas a um objeto que, na melancolia, confunde-se com o próprio ego do sujeito. Assim, na melancolia, além do investimento amoroso regredir à identificação, este investimento, por outro lado, devido à ambivalência descrita acima, é remetido à fase sádica de relação com o objeto, típica deste conflito. Assim, vê-se como a escolha de objeto que regride à identificação e a ambivalência primária oral têm papel importante na dinâmica desta afecção.

Ainda em relação a este texto, Freud aponta o modo como na melancolia fica evidente a presença de uma parte do ego que se contrapõe à outra, idéia já presente em seu *Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos* de 1915. Este fato remete às elaborações freudianas que redundariam na figura do superego apresentado em 1923. Com a produção de uma identificação do ego com o objeto abandonado após uma ofensa real ou decepção por parte deste último, ou seja, o objeto amado, o ego pode ser julgado por uma determinada instância como um *objeto*. Neste ponto, encontramos o já conhecido ideal do ego, que, segundo Freud, contrapõe-se à outra parte ego, avaliando-a criticamente, uma vez que a toma como objeto.

²⁸ “A sombra do objeto caiu sobre o ego” é a frase utilizada por Freud para ilustrar metaforicamente a identificação do ego com o objeto desinvestido (FREUD, 1917, p. 135).

²⁹ No texto *Pulsões e destinos de pulsão* de 1915, Freud diferencia as tendências sádicas e tendências ao ódio afirmando que o ódio situa-se do lado da luta do ego por sua conservação e afirmação e, deste modo, não corresponde a uma pulsão em si. O ódio só adquirirá um caráter essencialmente pulsional no momento em que proporcionar satisfações sadomasoquistas, ou seja, se o ódio for erotizado.

Assim, uma das maiores conquistas de Freud ao estudar a identificação é fornecer dados para corroborar o fato de o ego não se encontrar desde o começo organizado e unificado. Com a noção de identificação entra em jogo, além do ego, o objeto. Juntamente com o objeto em uma relação dinâmica, formar-se-á a “nova ação psíquica” essencial para a passagem do auto-erotismo para o narcisismo.

Uma característica importante desse texto é a aproximação de uma leitura objetual do conceito de narcisismo. No estudo da patologia – a melancolia – Freud elabora suas implicações na vida cotidiana e “normal”. Sabe-se que o estado intermediário que medeia esta “nova ação psíquica” de constituição do ego é o narcisismo, que coloca um centro organizador para as pulsões, que, até então, são parciais e anárquicas, sendo este centro o próprio ego do sujeito. Deste modo, no narcisismo há um centro subjetivo e um centro objetivo, já que a figura por trás de quem escolhe e quem é escolhido é a mesma: o ego do sujeito. Mas o que deve ocorrer para a origem do ego? A gênese do ego advém de identificações, ou seja, o indivíduo se percebe como igual ao objeto. Porém, pela leitura isolada do texto de 1914, pode parecer que as idéias de Freud são deficitárias ao analisar a relação entre identificação e a formação do ego. As perguntas feitas na análise deste texto são: como se poderia falar de um narcisismo que constitui o ego do sujeito, sendo que o narcisismo parece fazer nenhuma referência ao objeto? Ou melhor, como poder falar de anobjetalidade e identificação? Empiricamente, anula-se esta noção de anobjetalidade do narcisismo³⁰, já que se comprova que o bebê já tem um contato com o mundo externo pela percepção, não sendo um ser totalmente alheio ao mundo como pressupõe a idéia de narcisismo. No entanto, na metapsicologia freudiana esta questão apresenta-se de maneira mais complexa e tentaremos, assim, apresentar alguns elementos para a análise da mesma.

Segundo LAPLANCHE (1988) há duas interpretações possíveis para o termo narcisismo, que segundo ele, poderia ser definido como relação de si consigo mesmo: 1) estado anobjetal, monádico, *sem mediação* de objetos do mundo externo; ou 2) relação de si consigo mesmo *por intermédio* de uma certa imagem do ego. Para ele, esta última interpretação é a mais viável e descarta a noção de anobjetalidade. Esta interpretação implica, segundo este autor, a noção de totalização, ou seja, a relação com a imagem do ego redundando em uma delimitação de uma certa unidade. Por unidade, esse autor aponta a objetalidade do

³⁰ Este é o argumento de LAPLANCHE & PONTALIS em seu *Vocabulário de Psicanálise*. Segundo eles, a hipótese de uma anobjetalidade no narcisismo é uma aporia idealista, na medida em que contradiz a experiência, já que o bebê já mantém contatos com o mundo exterior, uma vez que apresenta uma abertura perceptiva para o mundo exterior.

narcisismo, apontando as idéias de Lacan acerca da “fase do espelho”. Assim, o narcisismo é entendido como uma relação estabelecida verdadeiramente com a imagem do outro. Ressaltamos que, de acordo com o próprio texto freudiano, podemos encontrar indícios que vêm ao encontro da segunda interpretação apontada por esse autor.

Por exemplo, se analisado o texto *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* de 1911, Freud nos apresenta indícios de que a constituição do ego não pode prescindir de objetos do mundo exterior. Isto pode ser observado nas noções de *ego-prazer* e *ego-realidade*. Deste modo, o ego-prazer seria constituído pelos objetos externos que trazem prazer e o ego-realidade seria constituído pelos objetos que trazem desprazer. Deste modo, os objetos relacionados ao ego-prazer fariam parte do sujeito, e os objetos relacionados ao ego-realidade seriam expulsos do ego do sujeito, não se constituindo como parte deste, sendo projetados no mundo externo. Relacionando o texto de 1911 e o texto de 1914, o ego-prazer, advindo da identificação com os objetos que trazem prazer ao indivíduo, seria um ego narcísico, ou seja, um ego que é auto-suficiente, já que possui em si a *incorporação de todos os objetos externos* que são prazerosos. Deve-se ressaltar, como já dito, o modo como, em 1915, o objeto constitui-se em uma relação com o ego baseada no ódio, emergindo da repulsa primordial do ego, narcísico em essência. Além deste texto, pode-se citar o já apontado *Luto e Melancolia* de 1917, no qual o narcisismo é pensado em termos de *identificação narcísica com o objeto*. Assim, de acordo com estas afirmações, podemos afirmar que *o ego se constitui com referência ao objeto*, sendo o narcisismo objetual e pautado pela identificação, reafirmando-se, deste modo, a idéia de que a identificação funciona realmente como a geradora do ego. No entanto, não devemos nos esquecer de que há uma possível leitura referente à anobjetalidade no narcisismo que perpassa ao longo da obra de Freud.

Iniciamos agora a análise do conceito de ego a partir da introdução da segunda tópica em 1923, suas relações com as outras instâncias psíquicas e novamente o peso conferido à sua relação com o processo de defesa, intermediada pelas mudanças na teoria da angústia em meados da década de 20.

CAPÍTULO QUINTO

***O ego e o id* de 1923: a constituição do ego como instância psíquica e
acréscimo de elementos na elucidação do conceito de objeto na
metapsicologia freudiana**

Muitos foram as contradições que levaram Freud a repensar sua tópica em *O ego e o id* de 1923. Contradições presentes na primeira tópica freudiana apresentada em 1900, dificuldades teóricas referentes ao problema da inserção da consciência na tópica e à reformulação do ego a partir da teoria do narcisismo, o peso cada vez maior ao conceito de identificação nessa fase de sua obra, as questões envolvendo o inconsciente e o reprimido, podem ser citadas como motivos de tal introdução da conhecida segunda tópica de 1923.

Segundo MONZANI (1989), uma questão de ordem conceitual foi decisiva para Freud repensar sua tópica nesse trabalho capital de 1923, a saber, o problema relacionado aos limites do sistema inconsciente. Além disso, este problema pode ser subdividido em duas outras questões: o problema da composição do inconsciente e a reformulação da noção de ego, sendo esta última agora analisada. Dessas questões, advirão as estruturas psíquicas descritas nesse trabalho: id, ego e superego.

Este autor aponta o fato de que a experiência analítica mostra que, quando se trata de fazer emergir as resistências, aquilo que é reprimido está no mesmo nível inconsciente que a instância que leva a cabo esse mecanismo. Assim, a defesa é inconsciente. Essa idéia, como é salientado pelo autor, já está presente no pensamento freudiano anterior a 1920, mas, somente em *Para além do Princípio do Prazer*, ela é caracterizadamente enfatizada. Segundo ele, “este foi o grande motivo pelo qual Freud se viu levado a não confundir mais ego com sistema pré-consciente-consciente como, de forma um pouco incoerente, tinha feito até então” (MONZANI, 1989, p. 237).

Assim, Freud afirma que as resistências do paciente são indubitavelmente inconscientes. Isto faz com que ele note que a resistência emana do ego e, deste modo, conclui que parte do próprio ego também é inconsciente:

“Eliminamos esta obscuridade colocando em oposição não o consciente e o inconsciente, mas o ego coerente e o *reprimido*. É que, sem dúvida, também o interior do ego é muito o inconsciente: justamente o que pode se chamar de ‘núcleo do ego’; relacionando somente uma pequena parte disso ao pré-consciente”³¹ (FREUD, 1920, p. 19).

³¹ Vê-se aí a substituição de uma terminologia meramente descritiva por uma sistemática e dinâmica da tópica. Este fato é muito bem analisado por James Strachey no apêndice A de *O ego e o id* (AE, 19, pp.60-62)

Em *O ego e o id*, esse autor aponta que “também uma parte do ego, Deus sabe o quão importante, pode ser icc, é seguramente icc” (FREUD, 1923, p. 19), após ter apontado que:

“cairíamos em infinitas imprecisões e dificuldades si pretendêssemos nos ater a nosso modo de expressão habitual e, por exemplo, reconduzíssemos a neurose a um conflito entre o consciente e o inconsciente. Nossa intelecção das constelações estruturais da vida anímica nos obriga a substituir essa oposição por outra: a oposição entre o ego coerente e o reprimido cindido dele” (*loc. cit.*)

Em conclusão, pode-se dizer que é evidente que os mecanismos de defesa são dinamicamente inconscientes, não se confundindo, não obstante, com o sistema inconsciente tal como este é exposto em 1900. Deste modo, a implicação cabal é a reformulação de sua teoria das neuroses, uma vez que a hipótese de um conflito entre o consciente e inconsciente torna-se inexequível. A partir dessa fase em sua obra em que o alcance do conceito de inconsciente e a teoria tópica passam por reformulações, é possível a Freud tecer a diferença fundamental entre as acepções dinâmica e tópica do inconsciente.

O ego possui partes inconscientes. Essa é a conclusão a que chega Freud ao analisar minuciosamente os processos defensivos relacionados a esta instância. Porém, se a mesma possui partes que são inconscientes, este fato contradiz os princípios norteadores apresentados por este autor ao elaborar sua primeira tópica, que atribui ao ego uma relação muito próxima com a consciência. Além disso, como já analisado neste trabalho, a partir de 1914, com a *Introdução ao narcisismo*, o ego ressurgue na metapsicologia freudiana, apresentando novas funções e novas características. O que se vê mais uma vez é a ambigüidade apresentada pelo conceito de ego.

Como afirma MONZANI (1989), o conceito de ego sempre se manteve ambíguo na metapsicologia freudiana. Já nos *Estudos sobre Histeria* (1895), este aparece ora relacionado à consciência, ora há uma certa relutância em estreitar os laços entre os mesmos. Como afirma LAPLANCHE (1987, p. 209), neste trabalho de Freud, o ego é definido como uma espécie de espaço fechado, ao qual se teria acesso por um “desfiladeiro da consciência”. Vê-se claramente mais um exemplo em que se atesta a relação entre o ego e a consciência. No entanto, nota-se uma problemática em se delimitar uma fronteira nítida e clara entre o ego e a consciência, além de ser concebida a possibilidade de ocorrência de resistência que seja em si inconsciente. Em relação a isso, “a possibilidade de que partes do ego sejam inconscientes é

uma idéia que Freud conhece há muito tempo e que, por várias vezes, antes de 1923, vai ser acentuada” (MONZANI, 1989, p. 242).

Como vimos no *Projeto*, Freud concebe o ego como uma espécie de aglomerado de neurônios com boas facilitações entre si e que, portanto, apresentam-se sempre investidos, possibilitando o processo de ocupação e investimento lateral. Assim, eles apresentam a característica de desviarem o curso da excitação, evitando o livre curso da última e a conseqüente liberação de desprazer. A partir desta característica inibidora, esse autor aponta que o ego é “um sistema de defesas contra a liberação de desprazer” (MONZANI, 1989, p. 242). Ainda, este aglomerado de neurônios investidos assume o papel de agente executivo de produzir efeitos no fluxo e distribuição da excitação.

Em relação ao conceito de ego apresentado em *A interpretação dos sonhos* de 1900, já foi dito que ele possui um papel secundário na articulação da tópica. A partir de 1900, ao conceito de ego serão oferecidas importantes discussões metapsicológicas, não intervindo diretamente nas considerações tópicas, dinâmicas e econômicas dos fenômenos psíquicos. Além disso, nem mesmo com a dualidade pulsional entre pulsão do ego e pulsão sexual, proposta em 1915, o ego terá papel primordial, na medida em que as pulsões relacionadas a ele não se tornam alvo de grandes discussões. No entanto, a partir de 1914, com a *Introdução ao narcisismo*, o conceito de ego em certa medida ressurgirá após alguns anos de exílio, dando já ensejo à delimitação de outra instância proposta em 1923, a saber, o superego. Deve-se apresentar o fato de que, em 1915, no artigo metapsicológico *O inconsciente*, as características incluídas no conceito de ego estão sobremaneira vinculadas ao sistema consciente/pré-consciente. Todas as características desse sistema, a saber, “a introdução de uma censura ou várias, o exame da realidade e o princípio de realidade” (FREUD, 1915, pp. 185-186), são nesse momento da obra as mesmas atribuídas anteriormente ao ego. Assim, o que antes se denominava *ego* passou a ser chamado de *sistema Cc/Prcc*, segundo nomenclatura do artigo de 1915. Mais uma vez, o conceito de ego perde seu papel na discussão dos conceitos metapsicológicos.

Com o narcisismo, o ego passou a apresentar um importante papel nas elucidacões acerca da passagem do auto-erotismo para a escolha objetal. Assim, o ego é conceituado como um possível objeto de fixação da libido do indivíduo, pólo a partir do qual as pulsões encontram-se organizadas, não mais dispersas, em função da imagem do indivíduo mesmo. Portanto, tem-se a idéia de que “o ego surge como uma unidade frente à diversidade do pulsional” (MONZANI, 1989, p. 244). Além disso, ele passa a ser considerado o grande reservatório da libido do indivíduo, de onde esta se estende aos objetos do mundo externo.

Além disso, principalmente a partir de uma análise mais elaborada e aprofundada da identificação, o ego aparece como uma síntese de diferentes identificações, tendo como elemento basal a identificação primária, visto que o ego se constitui pela identificação que tem como modelo a integração oral.³² Segundo LAPLANCHE (1987), o ego seria relacionado à civilização, à cultura, seguindo a afirmação freudiana de que o ego é nosso ego social. Como o ego nasce e se desenvolve a partir do contato do id com a realidade por intermédio da percepção, esse autor aponta que esta realidade nada mais é do que a realidade social. Este fato corrobora a característica do ego ser formado a partir da realidade social, uma vez que se constitui como sede e centro das identificações. Assim, caso seja esboçado este esquema mais complexo que se elabora pela instância do ego, pode-se conceber na metapsicologia instâncias “ideais e normativas”, como o ego ideal, ideal do ego e superego. Relacionada a esta noção de ideal e norma, segundo este autor, a segunda tópica (id, ego e superego) marca a influência da elaboração e das noções de identificação e de interiorização de conflitos externos no pensamento de Freud, sendo as identificações uma espécie de precipitados de experiências, ou, como define muito bem esse autor, “essas instâncias seriam espécies de metáforas realizadas” (*Ibid.*, p. 207). Esta análise é interessante na elucidação da relação entre o id e a natureza e do ego com a cultura.

Voltando a MONZANI (1989), finalmente, o ego pode ser dividido em subpartes e funções do mesmo podem se separar por cisão. Em *Introdução ao narcisismo*, Freud leva a cabo a elucidação das instâncias constituintes do ego, a saber, o superego, ideal do ego, ego ideal, sendo que as duas primeiras instâncias têm origem na identificação, enquanto o ego ideal relaciona-se com a projeção do narcisismo originário, como já visto em outros capítulos deste trabalho.

Deste modo, o conjunto de transformações que vão aparecer em 1923 em *O ego e o id* já estava claro em textos anteriores. Segundo ele:

“Desde 1914, o ego já aparece claramente como uma constelação psíquica razoavelmente complexa a ponto de se poder falar num sistema do ego composto de várias instâncias e funções: o ego está estreitamente vinculado com a consciência, suas relações com o aparato motor são salientadas; boa parte das funções do sistema pré-consciente é englobada como parte do ego; dele fazem parte, por fim, as instâncias do superego, ideal do ego e o ego ideal. Ele é o agente principal nos mecanismos de defesa e recalçamento, e desde há muito tempo Freud sabe que extensas partes do ego podem ser inconscientes” (MONZANI, 1989, p. 248).

³² Como afirma MONZANI (1989), os fenômenos regressivos colocam em relevo estes diferentes padrões identificatórios, uma vez que há uma espécie de “des-fusão” que restabeleceria essas formas originais. Esta afirmação remete claramente à problemática distinção entre ego e não-ego.

Pode-se notar o fato de que, a partir de uma elucidação acurada acerca da identificação, cuja consecução somente foi possível com a teoria do narcisismo e seus desdobramentos em *Luto e melancolia*, os conceitos de ego e superego são delimitados na obra freudiana. De acordo com isso, SIMANKE (1994) parte da análise de *Psicologia das massas e análise do ego*, trabalho de Freud publicado em 1921, a fim de analisar a constituição destas instâncias. Deve-se ressaltar que este texto se nos apresenta como a exposição mais acabada de Freud sobre a identificação, após a publicação de *Luto e melancolia*.

Sendo assim, há a apresentação da identificação como “a mais precoce exteriorização de uma ligação afetiva com outra pessoa” (FREUD, 1921, p.99), desempenhando, ainda, um papel na pré-história do complexo de Édipo. A partir daí, este autor começa a dissertar acerca do complexo de Édipo masculino e normal, afirmando que o menino:

“mostra, então, duas ligações psicologicamente distintas; com a mãe, um investimento sexual de objeto; com o pai, uma identificação que o toma como modelo. Ambas coexistem um tempo, sem se influenciarem, nem se perturbarem” (*loc. cit.*).

Assim, há uma espécie de afluência da identificação com o pai e da tomada da mãe como objeto libidinal. Porém, Freud também contempla a possibilidade de uma inversão deste complexo, representando a tomada do pai como objeto libidinal e a identificação com a mãe, de cuja análise mais detalhada em 1923, surgirá a noção de complexo de Édipo “completo”.

Posteriormente, o autor começa a diferenciar a identificação com o pai em relação à escolha de objeto que recai sobre ele, a partir da distinção gramatical entre os verbos “ser” e “ter”. No caso da identificação, o pai representa o que se quer *ser*, enquanto, no segundo caso, o pai representa o que se quer *ter*. Segundo Freud, a diferença depende de onde recai a ligação, se no próprio sujeito ou no objeto do ego. Assim, a identificação aspira a configurar o próprio ego à semelhança do outro, tomado como “modelo”. Complementando esta idéia, pode-se notar em um breve escrito de Freud de 1938, pouco citado pelos críticos, *Conclusões, idéias, problemas*, uma sucinta afirmação acerca da questão do “ser” e do “ter”. Segundo ele:

“Ter e ser na criança. A criança tende a expressar o vínculo de objeto mediante a identificação: *Eu sou o objeto*. O ter é posterior, vem de encontro ao ser, a partir da perda de objeto. *O peito é um pedaço meu, eu sou o peito*. Logo, somente: *Eu o tenho, ou seja, eu não o sou*” (FREUD, 1938[1941], p.301).

Assim, pode-se notar a relação estabelecida por Freud entre a distinção entre ser e ter com a problemática da identificação e escolha de objeto. Primeiramente haveria a identificação (Eu sou o objeto), sendo que, posteriormente, poder-se-ia pensar em uma escolha de objeto (Eu tenho o objeto).

Não obstante, devemos apontar que Freud nunca encontrou dificuldade em afirmar que a escolha de objeto ocorre antes de toda identificação. Sobre isso, Freud aponta que “a identificação substitui a escolha de objeto; a escolha de objeto regride até a identificação” (FREUD, 1921, p.100), na esteira de alguns desenvolvimentos apresentados em *Luto e melancolia*. Em *Leonardo*, notamos o papel da identificação como uma defesa, após a frustração advinda da perda do objeto escolhido. Assim, na tentativa de preservar o amor pela mãe e o amor da sua mãe por ele, após a perda do objeto escolhido, Leonardo identifica-se com ela, sendo essa a explicação da gênese de sua homossexualidade. Assim, encontramos a identificação como subsequente à escolha objetal.

Não obstante, em *Luto e melancolia*, encontramos outro desenvolvimento que vem ao encontro da anterioridade da identificação em relação à escolha de objeto. Corroborando a afirmação de que a identificação é ambivalente, ocorre uma regressão à fase oral de desenvolvimento da libido, podendo-se pensar em uma identificação anterior à escolha de objeto. Isso porque Freud relaciona de maneira estreita o conceito de identificação com a fase oral do desenvolvimento libidinal, a partir dos trabalhos de 1910. WOLLHEIM (1976) aponta que Freud tornou-se mais explícito quando relacionou a origem da identificação baseada em uma fantasia de incorporação oral. Embora o filósofo não aponte a época exata de sua obra em que esta posição torna-se mais específica, notadamente podemos citar os trabalhos de 1910, principalmente *Totem e tabu*. Deste modo, podemos dizer que há duas leituras possíveis na obra freudiana acerca da relação entre os conceitos de identificação e escolha objetal, as quais permeiam ao longo de seus trabalhos, sem uma resolução definitiva.

Retornando à análise de *Psicologia das massas e análise do ego*, posteriormente Freud começa a relacionar a homossexualidade masculina com a melancolia, que terá um papel de importância aqui, uma vez que deslinda o ideal do ego. Além disso, as

explicações dadas por Freud neste texto são sobremaneira influenciadas por aquelas apresentadas em 1917, sendo que muitas são repetidas aqui.

Sendo assim, Freud afirma que, na melancolia, vê-se a divisão do ego, decomposto em dois fragmentos, um dos quais lança sua fúria ao outro. Esta espécie de “outra instância do ego” inclui a consciência moral e a instância crítica do ego.

Deve-se ressaltar a presença sempre assídua do conceito de “instância crítica”, “censura onírica” na obra freudiana, desde seus primórdios. Somente a partir desta constatação de divisão egóica, consciência moral e ideal do ego, aqueles termos puderam ser mais bem explicitados. Além disso, Freud afirma que o ego desenvolve uma instância crítica, que se separa do restante do ego e pode entrar em conflito com ele. Complementando isso, o autor afirma que a origem deste ideal está nas influências das autoridades, sobretudo dos pais. Assim, o papel do ideal do ego na melancolia apresenta-se como uma nítida antecipação da introdução do superego em *O ego e o id*, cuja função é complementar o papel de uma instância ideal com a de instância crítica, capaz de dar conta da emergência do sentimento de culpa, presentes nos episódios melancólicos.

No final do capítulo acerca da identificação, Freud diz que, antes de se ater à explicação da organização libidinal de uma massa, deve-se levar em conta outras relações recíprocas entre objeto e ego. Tendo isto em vista, no capítulo seguinte deste trabalho, há o estudo do fenômeno aparentemente oposto ao da identificação: o enamoramento. Citando as fases da vida amorosa do ser humano, Freud trata do ápice do enamoramento, que seria a superestimação sexual do objeto escolhido. Segundo ele, este objeto goza de certa isenção da crítica, sendo que suas qualidades são muito mais estimadas do que das pessoas a quem não se ama. Este fenômeno é o que Freud denomina *idealização* e relaciona-se com o fato de que

“o objeto é tratado como o ego próprio e, portanto, no enamoramento aflui ao objeto uma medida maior de libido narcísica. Além disso, em muitas formas de escolha amorosa, é posto em relevo o fato de *o objeto servir para substituir um ideal do ego próprio, não alcançado*” (FREUD, 1921, p. 106 – grifo nosso).

Assim, é a libido narcísica que aflui aos objetos, uma vez que estes se vêm colocados como ideal do ego da pessoa que ama. Notam-se mais uma vez elementos que vêm ao encontro de uma leitura objetual do narcisismo. Deve-se notar a dinâmica envolvida na constituição do ego, ou seja, a noção de simultaneidade de constituição do ego e do objeto no

interior do aparelho psíquico e na realidade externa, respectivamente. Haja vista esta relação entre enamoramento e narcisismo:

“O que se verifica no enamoramento extremo é, então, um estado narcísico no sentido mais estrito, uma regressão (assim como na identificação) àquele momento da gênese do sujeito em que não era possível estabelecer diferença entre o ego e o objeto, em que o *narcisismo significaria amar o objeto em si mesmo, amar a si mesmo no objeto*” (SIMANKE, 1994, p. 182 – grifos nossos).

Deste modo, pode-se considerar que a identificação e a superestimação sexual não são fenômenos opostos, mas duas fases do processo de constituição do ego, ao qual não se poderia negar a denominação de estágio narcísico. Além disso, a diferença entre os dois fenômenos é “que o objeto se ponha no lugar do ego (identificação) ou no ideal do ego (idealização)” (FREUD, 1921, p. 107).

A partir desta elucidação, Freud sente-se seguro ao apontar a fórmula da constituição libidinal de uma massa. Segundo ele, “uma massa primária desta índole³³ é uma multidão de indivíduos que colocaram um objeto, um ou o mesmo, no lugar de seu ideal do ego, e, como consequência, identificaram-se entre si em seu ego” (FREUD, 1921, pp. 109-110). Tal fórmula de constituição libidinal de uma massa também é encontrada na seguinte frase presente nas *Novas conferências sobre a psicanálise*, a saber, “uma massa psicológica é uma reunião de indivíduos que introduziram em seu superego a mesma pessoa e se identificaram entre si em seu ego, sobre a base desta relação de comunidade” (*Id.*, 1933[1932], p. 63).

Em *O ego e o id*, Freud esclarece a importância de seu trabalho *Para além do princípio do prazer* de 1920 no desenvolvimento de suas idéias a serem apresentadas. Um argumento interessante desse trabalho e que nos coloca mais uma vez em contato com a retomada das elaborações freudianas em torno do conceito de ego a partir da teoria do narcisismo é a seguinte: “A investigação patológica dirigiu nosso interesse demasiado exclusivamente ao reprimido. Desde que sabemos que também o ego pode ser inconsciente no sentido genuíno, quereríamos averiguar mais acerca dele” (FREUD, 1923, p. 21). Com ela, notamos em que medida, como aponta WOLLHEIM (1971, p. 181), “o ego foi colocado em primeiro plano” nas elaborações metapsicológicas finais desse autor. Tendo apresentado o ego

³³ “Uma massa que apresenta um condutor e não pôde adquirir secundariamente, por um excesso de organização, as propriedades de um indivíduo” (FREUD, 1921, p. 109).

como possuidor de vínculos estreitos com a percepção, como seu núcleo, com o pré-consciente, a partir da sua ligação com os restos mnêmicos, e com o inconsciente, Freud tece sua hipótese de que há uma parte de nosso ego que, talvez aqui entendido como “ego-sujeito”, não como estrutura, é vivida por “poderes ignotos e ingovernáveis” (FREUD, 1923, p. 25). Aqui ele apresenta suas idéias sobre o id. Deve-se ressaltar a influência citada por Freud de Georg Groddeck, escritor e físico de Baden-Baden, na nomeação dessa estrutura psíquica e sabemos como esse termo, das *Es*, encontra um peso considerável nos escritos de Nietzsche. Freud propõe dar razão a Groddeck, “chamando *ego* à essência que parte do sistema *P* e que é primeiro *prcc*, e *id*, em contrapartida, segundo o uso de Groddeck, ao outro psíquico em que aquele se continua e que se comporta como *icc*” (*loc.cit.*). Segundo Freud:

“Um indivíduo é agora para nós um id psíquico, não conhecido e inconsciente, sobre o qual, como uma superfície, se assenta o ego, desenvolvido a partir do sist. P, como se fosse seu núcleo. Caso tratarmos de obter uma figura gráfica, complementaremos que o ego não envolve o id por completo, mas somente na extensão em que o sist. P forma sua superfície (...) o ego não está separado do id: conflui abaixo com o id.

No entanto, também o reprimido conflui com o id, não sendo mais do que uma parte do id. O reprimido somente é segregado, de maneira contígua, do ego pelas resistências da repressão, podendo, porém, se comunicar com o ego através do id” (FREUD, 1923., pp. 25-26).

Assim, podemos notar o desenvolvimento da tópica estrutural apresentada em 1923. O ego é a parte do id alterada pela influência direta do mundo externo, haja vista sua mediação com a percepção e o pré-consciente. Assim, ambas as estruturas não estão separadas, apenas há uma espécie de diferença de superfícies na tópica, na qual o ego apresenta uma relação privilegiada com o id e o sistema perceptivo/consciente/pré-consciente. Assim, constitui-se como uma transformação do id devido ao contato com o mundo externo e, como tal, tem a função de lhe impor o princípio da realidade, fazer valer tanto os propósitos próprios do mundo externo quanto, conforme apresentado nas *Novas conferências de introdução à psicanálise*, sua função sintética.

Deve-se lembrar que o id é o domínio das pulsões (paixões), diferentemente do ego, que representa a razão e a prudência³⁴, que buscam, deste modo, objetos parciais para a satisfação e consecução do prazer. Outra característica importante citada por Freud é que, no

³⁴ “Para o ego, a percepção cumpre o papel que no id corresponde à pulsão. O ego é o representante do que se pode chamar razão e prudência, por oposição ao id, que contém as paixões” (FREUD, 1923, p.27).

momento mais originário, seria impossível distinguir entre investimento objetal e identificação. Neste ponto, entra em cena a constatação de que há uma fase do desenvolvimento em que o ego e o id ainda não estão diferenciados, ou, em termos do *Esboço de psicanálise*, trabalho póstumo, publicado em 1940, uma fase na qual haveria um “ego-id indiferenciado”: como o ego, neste momento, encontra-se ainda em formação, esta busca de prazer pelo id em objetos parciais é a única relação de objeto exequível e prescindível da mediação daquela instância. Assim, as marcas deixadas a partir dos primeiros encontros com os primeiros objetos libidinais vão sedimentando-se, compondo, gradualmente, o ego. Citando Freud, “o caráter do ego é uma sedimentação dos investimentos de objeto abandonados, contém a história dessas escolhas de objeto” (*Ibid.*, p. 31). Com o surgimento do narcisismo, esta pluralidade de objetos parciais vai-se constituir como uma coleção de características de um único objeto. Como afirma Freud:

“Quando o ego adquire os traços do objeto, por assim dizer, se impõe ele mesmo ao id como objeto de amor, busca reparar-lhe, dizendo-lhe: ‘Veja, podes amar a mim também, sou tão parecido com o objeto’” (FREUD, 1923, p. 32).

Caímos novamente na problemática em torno da identificação. Em relação a esta gênese identificatória do ego, deve-se apontar o que daria origem à cisão que se denomina ideal do ego ou superego. Esta empreitada só se torna exequível, caso sejam diferenciadas duas formas de identificação. Inicialmente, Freud credits a gênese do ideal do ego às primeiras identificações que o indivíduo apresenta, a saber, com os pais. Esta identificação seria direta, não mediada por qualquer investimento objetal prévio. Ulteriormente, ocorreriam as primeiras escolhas de objeto relativas aos primeiros períodos sexuais, cujo abandono acarretaria uma nova identificação, reforçando ainda mais a identificação primária. Assim, haveria duas identificações, uma primária e outra secundária.

Segundo LAPLANCHE (1987, p. 303), a identificação secundária constitui-se após um investimento objetal, sendo relacionada a um modo de identificação que seria mais primitivo em termos objetais, um modo que, segundo este autor, seria uma “espécie de mito”. Esta última seria a identificação primária, que viria a coincidir com a relação com o objeto, não a substituindo. Os dois trabalhos capitais de Freud para o entendimento desta primitiva identificação seriam os *Três ensaios* (edição de 1915) e *Totem e tabu*, nos quais são delimitadas e definidas tanto a fase oral do desenvolvimento da libido quanto a dinâmica e

relação oral com o objeto. Seria nessa dinâmica oral que Freud veria o caso exemplar da identificação primária, “que é ao mesmo tempo relação com o outro e assimilação do outro” (*loc. cit.*)

Ainda segundo o comentador, na explicação da dinâmica oral de relacionamento com o objeto, há uma reflexão de suma importância acerca da noção de canibalismo. Nesta relação primitiva com a mãe, amor e incorporação andam juntos, ou seja, amor ao seio e incorporação do mesmo são a mesma coisa. No entanto, deve-se ressaltar a característica ambivalente deste amor como incorporação do objeto, na medida em que o canibalismo é, num só movimento, amor e destruição do objeto, a fim de destruí-lo. Ainda, no momento em que ele é ingerido, o mesmo é conservado no interior de si, havendo a incorporação. Destarte, é a respeito desta dinâmica canibalesca de relação oral com o objeto que se fala de identificação primária, ou seja, a identificação com o seio materno.

Além disso, esse autor afirma que o modo de identificação primária tem a capacidade de marcar sobremaneira a identificação secundária, podendo ser até a base de toda identificação ulterior. Assim, relacionando com o *Totem e tabu*, este autor aponta que a refeição totêmica remete à identificação secundária – identificação com o pai, o rival – e que ela é totalmente marcada em, seu processo, pela identificação primária, ou seja, com o seio materno.

Complementando esta visão, SIMANKE (1994) cita que o processo completo de identificação poderia ser sucintamente descrito como se segue: identificação primária (seio materno) – escolha de objeto (edípica) – identificação secundária. A primeira corresponderia ao estágio narcísico, redundando na formação do ideal do ego, enquanto a segunda é referente à saída do Édipo e à formação do superego como a herdeiro deste complexo. O Édipo, apresentado em sua forma completa em 1923, com a identificação com ambos os pais, adiciona novos elementos à categorização do conceito de objeto na metapsicologia freudiana. Como dito, ele estava presente desde os primórdios da obra de Freud, porém somente encontraria uma apresentação mais formal nos anos posteriores a 1920. Em 1923, esse conceito é descrito de forma a nos orientar acerca de um dos pólos da escolha objetal: o que é escolhido, ou seja, o objeto. Seria nas vicissitudes da dinâmica edípica que encontraríamos o que faltaria a Freud nos anos anteriores: a constatação de que a escolha de objeto necessita da idéia de representação de um objeto para fazer com que o sujeito o especifique e o escolha, e os desenlaces do triângulo edípico, em suas versões positiva e negativa, apresentam importância capital no desenvolvimento dessa representação de objeto, que fará com todas escolhas posteriores sejam a ela remetidas.

Outro fator importante para a formulação do superego é a constatação do sentimento inconsciente de culpa, fator que demanda a formulação de uma sólida teorização do complexo de Édipo. Como já visto, é na análise da melancolia que Freud empreende a relação estreita entre o superego e o sentimento inconsciente de culpa. Em *O ego e o id*, temos:

“Como é que o superego se exterioriza essencialmente como sentimento de culpa (melhor: crítica; *sentimento de culpa* é a percepção que corresponde a essa crítica no ego) e assim devota ao ego uma dureza e severidade tão extraordinárias? Se voltarmos primeiramente à melancolia, achamos que o superego muito intenso, que arrastou em direção a si a consciência, debate-se com fúria e sem misericórdia com o ego, como se tivesse apoderado de todo o sadismo disponível no indivíduo. De acordo com nossa concepção de sadismo, diríamos que o componente destrutivo depositou-se no superego e voltou-se em direção ao ego. O que agora governa o superego é o cultivo puro da pulsão de morte, que, freqüentemente, tem sucesso efetivo em direcionar o ego à morte” (FREUD, 1923, pp. 53-54).

Além disso, já em 1924 em seu texto *O problema econômico do masoquismo*, Freud reformula algumas de suas idéias acerca do masoquismo, tendo em vista sua nova teoria pulsional proposta na década de 20. Em 1915, em *Pulsões e destinos de pulsão*, ele atesta a existência somente de um masoquismo secundário, uma vez que somente a idéia de um sadismo primário poderia ser possível. Isto é, haveria um sadismo original, consistindo em uma ação violenta, em uma afirmação de poder dirigida à outra pessoa entendida como objeto, sendo que, ulteriormente, este último é abandonado e substituído pela própria pessoa, por meio do destino pulsional de retorno (ou volta) à própria pessoa. Ainda, com este retorno, há a mudança da meta pulsional, antes ativa, agora passiva. Fica aí constituído o masoquismo, que seria o sadismo dirigido ao próprio ego. A partir da década de 20, com a reformulação de sua teoria tópica e sua teoria pulsional, Freud credita um lugar de destaque à pulsão de morte e ao id, podendo, desta maneira, conceber a idéia de um masoquismo erógeno, original e primário, sem a necessidade prévia do sadismo, como em 1915. Além do masoquismo erógeno, este autor cita a existência de mais outros dois: o feminino e o moral.

Um fato a se considerar nessa parte do trabalho é o modo como Freud atribui ao superego uma certa severidade peculiar, como vista no último excerto citado. Ele apresenta a relação diretamente proporcional entre a severidade da figura paterna com a severidade do superego. Assim, quanto mais severa for a figura paterna do triângulo edípico, mais severo

será o superego. Temos um exemplo disso no texto *Dostoievski e o parricídio*, publicado em 1928. Nesse trabalho, temos:

“Se o pai foi duro, violento, cruel, o superego toma dele essas qualidades e em sua relação com o ego volta a produzir a passividade que justamente deveria ser reprimida. O superego tornou-se sádico, o ego torna-se masoquista, ou seja, no fundo femininamente passivo” (FREUD, 1928, p. 182)

Assim, notamos a relação que Freud estabelece entre a severidade paterna e a formação sádica do superego. Haveria uma espécie de equivalência entre o externo e interno a partir dessa afirmação freudiana. Porém, em *O mal-estar na cultura*, de 1930, Freud diz que “a experiência ensina que a severidade do superego desenvolvido por uma criança em modo algum espelha a severidade do trato que experimentou” (FREUD, 1930, p. 126), afirmação seguida de uma nota de rodapé na qual atesta sua deferência às idéias desenvolvidas por Melanie Klein e outros autores ingleses. Essa afirmação vai de encontro às idéias anteriormente apresentadas acerca da simetria entre severidade do superego e severidade da figura paterna. Além disso, a severidade do superego também apresentará uma certa amenização em 1927. Em *O humor*, pequeno trabalho lido em seu nome por sua filha Anna Freud nesse mesmo ano no 10º. Congresso Psicanalítico Internacional, o superego é apresentado pela primeira vez como uma estrutura psíquica com feições mais amáveis. Assim, “*o humor seria a contribuição ao cômico pela mediação do superego*” (*Id.*, 1927, p. 161) ou nessa passagem “se é de fato o superego quem no humor fala de maneira tão carinhosa e consoladora ao ego amedrontado, isso nos adverte que ainda temos que aprender muitíssimo acerca da essência do superego” (*Ibid.*, p. 162).

Ainda sobre as relações entre o sentimento de culpa e superego, em 1924, no texto sobre o masoquismo, Freud analisa tal sentimento, afirmando que:

“Temos atribuído ao superego a função da consciência moral e reconhecido no sentimento de culpa a expressão de uma tensão entre o ego e o superego. O ego utiliza-se do sentimento de culpa (angústia da consciência moral) ante a percepção de que não está à altura das reclamações exigidas por seu ideal, seu superego³⁵” (FREUD, 1924, p. 172).

³⁵ Pode-se notar aqui o modo como Freud utiliza os termos *ideal do ego* e *superego* como sinônimos nesta fase de sua obra.

Relacionado ao sentimento inconsciente de culpa, analisado na frase acima, pode-se encontrar o papel das normas e o campo da moral na psicanálise. Segundo LAPLANCHE (1987), a psicanálise fala do impacto subjetivo da moral como o principal fator no processo da repressão. Assim, para que haja este processo, é necessário que exista o conflito e desprazer. Este último leva o leitor da psicanálise ao problema do sentimento moral. Sobre isso, ele afirma que “o sentimento moral, para a psicanálise, não é o respeito, nem a reverência, ainda menos a aspiração, mas a culpabilidade e a sua repercussão subjetiva, o ‘sentimento de culpa’” (*Ibid.*, p.253).

Portanto, a culpabilidade parece ser relacionada ao problema da lei, em relação à qual o indivíduo sente-se culpado. Neste contexto, é introduzido o superego, tardiamente introduzido, apesar de, como já dito, estar delineado seu conceito ao longo da obra freudiana, desde a noção de “censura” até o ideal do ego, a partir de 1914. Segundo o autor, o superego será descrito inicialmente como uma subestrutura do ego, considerada como a mais antropomórfica da tópica freudiana. Tal estrutura seria logo remetida à tradição do “olho da consciência” ou da “voz da consciência”, colocando em relevo, logo de início, as conotações persecutórias tanto presentes neste olho, quanto nesta voz. Assim, há uma nítida relação do superego com a lei, com o legislador internalizado, ou seja, com o pai, sua voz e seus olhos. Sobre essas relações, Freud afirma:

“Assim, como resultado mais universal da fase sexual governada pelo complexo de Édipo, pode-se supor uma sedimentação no ego, que consiste no estabelecimento destas duas identificações [com o pai e com a mãe], unificadas de alguma maneira entre si. Esta alteração no ego recebe sua posição especial: enfrenta-se ao outro conteúdo do ego como ideal do ego ou superego” (FREUD, 1923, pp. 35-36).

Nota-se a importância, portanto, do processo de identificação na elaboração das idéias em torno do conceito de ego. Nesse excerto, notamos a importância dos conceitos de identificação primária e secundária na elaboração da tópica estrutural proposta por Freud em 1923. O uso do termo “sedimentação” implica falar de uma gênese identificatória para o ego, sendo o superego apenas uma outra espécie de sedimentação, a partir da identificação secundária, como vimos, possibilitada pela resolução do complexo de Édipo. O superego como herança desse complexo pode ser citado como exemplo desse ponto de vista. O que seria a herança senão essa sedimentação no ego, essa espécie de internalização de algo externo no interior do aparelho psíquico? Aqui o conceito de objeto alarga-se novamente, na

medida em que se considera a internalização de um objeto externo no psiquismo humano; uma espécie de “objeto interno”, embora Freud nunca o tenha desta forma apresentado. Dessa forma, com as considerações acerca da identificação e mais especificamente em torno do conceito de ego, o conceito de objeto na metapsicologia assume também um estatuto de interno, constituinte do mundo psíquico do ser humano. O fato de não haver correspondência direta entre a severidade do superego e a educação empreendida pelas figuras parentais não fará cair por terra a noção de uma internalização do objeto externo no interior do aparelho psíquico, como veremos posteriormente.

Porém, ainda falta a análise mais atenta de outro conceito dessa estrutura psíquica, a saber, o id, o lugar das paixões na tópica, vivenciado “por poderes ignotos e ingovernáveis”.

Muitos apontam que esta instância foi a grande construção teórica dos anos 20 com relação ao problema da tópica psíquica. Como já apontado até aqui, os conceitos de ego e superego já estavam presentes na obra freudiana e que, em relação à montagem da segunda tópica, foi imprescindível o papel da reformulação do conceito de ego.

Em suas *Novas conferências de introdução à psicanálise* de maneira mais metafórica, Freud aponta que o id:

“é a parte escura, inacessível, de nossa personalidade (...) aproximamo-nos do id com comparações, nós o chamamos de caos, um caldeirão cheio de excitações borbulhantes. Imaginamos que seu extremo está aberto ao somático, acolhendo dentro de si as necessidades pulsionais que nele acham sua expressão psíquica (FREUD, 1932[1933], p. 68).

Assim, Freud descreve o id como algo desconhecido que nos move, sendo a parte do aparelho psíquico desconhecida e inconsciente. Nele reina exclusivamente o princípio do prazer, sendo que o ego, cuja parte inferior funde-se no id e do qual é originado a partir do contato com a realidade externa, procura colocá-lo sob o domínio do princípio de realidade, fatos estes já analisados aqui. Segundo Freud, em *Inibição, sintoma e angústia* de 1927, o ego constitui-se como um setor do id diferenciado em particular. Sobre isso, o mesmo seria uma organização, enquanto o id não é. Além disso, neste se apresenta também o reprimido. Deste modo, vê-se que o id é a sede do inconsciente, tanto o reprimido, como o original. Estas são as linhas gerais acerca do id apresentadas por Freud na leitura deste

trabalho. No entanto, deve-se analisar qual teria sido o significado da introdução deste termo para a metapsicologia freudiana.

A partir dos argumentos apresentados por LAPLANCHE (1989), MONZANI (1989) afirma que podem ser apontadas quatro implicações deste termo para a metapsicologia. São elas: 1) uma referência mais direta ao biológico por parte da psicanálise; 2) ratificação de uma orientação acentuadamente geneticista referentes aos impasses da psicanálise; 3) acentuação do fator impessoal do que move o ser humano; e 4) organização na questão do conflito quando emergem noções como ego, superego e ideal do ego, que são, em parte, inconscientes.

Primeiramente, pode-se dizer que o conceito do id relaciona-se com o pólo pulsional. A segunda tópica afirma que o id é o reservatório das pulsões, não mais o ego, como anos atrás. Essa relação entre id e pulsão implica a referência direta ao lado biológico na explicação da motivação do ser humano. Um fato que corrobora esta visão é a afirmação freudiana de que as idéias apresentadas em *O ego e o id* são conseqüências diretas dos desenvolvimentos expostos três anos antes em *Para além do princípio do prazer*, texto marcadamente influenciado pelo viés biológico, sendo que muitos conceitos apresentados nesta obra podem somente ser articulados, caso sejam aceitas teses de caráter irrevogavelmente biológico. Um exemplo disso é a teoria pulsional apresentada, a polaridade pulsão de vida e pulsão de morte, a qual não pode ser entendida sem referência ao biológico, principalmente o conceito de pulsão de morte. Assim, o que foi exposto em 1923 deve ser entendido, levando-se em conta o pano de fundo trazido pelo texto de 1920. Segundo este autor, “o biológico, enquanto tal, parece invadir uma parte do aparelho psíquico e, mais especificamente, o domínio do inconsciente” (MONZANI, 1989, p. 266).

Recapitulando algumas afirmações, a idéia de pulsão de vida e pulsão de morte implica a acentuação do pólo biológico do ser humano. Ainda, é exatamente esta orientação biologizante que faz com que este autor possa apresentar um conceito tal como o de id, na medida em que esta instância tem a função de explicar o substrato biológico do inconsciente. Por este ponto de vista, o id seria o inconsciente originário, que já começava a despontar nos textos metapsicológicos de 1915, principalmente *O inconsciente*, com a noção de uma repressão originária [*Überdrängung*] a partir do qual os investimentos pulsionais tentariam irromper procurando descarga, sendo, posteriormente, reprimidos. Assim, segundo Freud, tudo que existe no id são investimentos pulsionais que procuram descarga.

Outra implicação da introdução do id é a organização da nova teoria pulsional em relação à nova teoria tópica. Em outras palavras, o id torna-se a pedra central da

metapsicologia freudiana para a alocação da pulsão de morte na sua tópica, de modo a evitar contradições teóricas. Com a categorização do inconsciente apresentada em 1915, Freud não pode dar abrigo à pulsão de morte no inconsciente, uma vez que neste lugar não há o “não”. Por sua vez, situá-la fora do domínio inconsciente acarretaria problemas maiores, na medida em que seria difícil estabelecer conexão entre a pulsão e os fenômenos da consciência. Com a apresentação do id e, por conseguinte, a constatação e acentuação de um substrato biológico no cerne do psíquico, é creditado à pulsão de morte o direito à cidadania na metapsicologia freudiana. Segundo esse autor:

“Enquanto o inconsciente é o lugar da plena positividade e, portanto, não confere nenhum estatuto de cidadania, nos seus foros, à pulsão de morte, o id, o “caldeirão fervilhante”, abre exatamente essa possibilidade, na medida em que, aqui, o negativo tem sua inscrição assumida” (MONZANI, 1989, p. 269).

Esta afirmação é corroborada pelo texto de 1925 *A negação*, trabalho cronologicamente posterior à apresentação tanto da última teoria pulsional quanto da segunda tópica. No último parágrafo deste texto, Freud afirma:

“Harmoniza muito bem com esta maneira de conceber a negação o fato de que, na análise, não se descubra nenhum “não” que advenha do inconsciente, e que o reconhecimento do inconsciente por parte do ego se expresse pela forma negativa” (FREUD, 1925, p.257).

Anteriormente, relacionando este fato com a nova teoria pulsional, ele aponta que “a afirmação – como substituto da união – pertence ao Eros, e a negação – sucessora da expulsão – à pulsão de destruição” (FREUD, 1925, p. 256).

Assim, o lugar do negativo seria o id, não o inconsciente, uma vez que este não assume a negação. No entanto, nas *Novas conferências de introdução à psicanálise*, Freud entra em contradição em relação a este fato ao apontar que:

“As leis lógicas do pensamento não se aplicam ao id e isto é verdadeiro, acima de tudo, quanto à lei da contradição. Moções pulsionais opostas coexistem juntas, sem se cancelarem e se diminuírem entre si; quando muito entram em formações de compromisso sob a compulsão econômica dominante a fim de descarregar energia.

No id, não há nada que possa equiparar-se à negação” (FREUD, 1932 [1933], p. 69).

Segundo MONZANI (1989), isto pode ser mais um lapso de Freud, o que não é incomum ao mesmo. No entanto, segundo ele, Freud parece muitas vezes “referir-se ao id tendo em mente, na verdade, a sua parte recalcada, ‘alérgica’ ao negativo” (p. 276). Isto porque as descrições do id que Freud oferece são emprestadas, em grande parte, do que ele afirmava sobre o inconsciente reprimido. Porém, a justificativa parece outra.

Uma vez que id se constitui apresentando uma característica não-representativa, é evidente que, nesse núcleo originário, não haja negação, visto que as moções pulsionais estão em estado de ebulição, com fortes tendências à descarga. Assim, pode-se dizer que nem no inconsciente reprimido, nem no id há lugar para a negação. Não obstante, como aponta este autor, não se deve esquecer que a negação assume diferentes características se relacionada ao id ou ao inconsciente reprimido, fazendo com que seja possível alocar a pulsão de morte no núcleo do “caldeirão fervilhante”. Isto se torna plausível a partir da afirmação de Freud de que a libido (a energia total da pulsão de vida – Eros) serve para neutralizar as tendências destrutivas que estão presentes ao mesmo tempo. Assim, há inegavelmente a pulsão de morte no seio do núcleo do ego-id indiferenciado e originário (em termos do *Esboço de Psicanálise*, como já apontado). Somente posteriormente, no momento em que a pulsão se inscreve no plano representacional, é que a pulsão de morte torna-se fugidia, sendo suas vicissitudes difíceis de acompanhar.

Além disso, a introdução do id faz com que certos achados clínicos de Freud fossem mais bem esclarecidos. Como exemplo, pode-se citar a idéia de que ego e o superego possuem raízes no id. Isto explica por que estas duas instâncias apresentam em seu âmago certos aspectos destrutivos e mortíferos, os quais somente podem ser entendidos se remetidos à pulsão de morte e, por conseguinte, ao id. Um exemplo revelador é a melancolia, na qual o superego encarna a pulsão de morte em seu aspecto mais sádico.

CAPÍTULO SEXTO

A relação entre o conceito de ego e processo defensivo na fase final da obra de Freud: uma análise de *Inibição, sintoma e angústia* de 1927 e *A cisão do ego no processo defensivo* de 1940

A partir da década de 1920, a metapsicologia freudiana já apresentava elementos importantes que fizeram com que esse autor empreendesse a revisão de alguns de suas idéias mais originais. Assim, podem ser citadas a teoria do trauma e a teoria pulsional de 1920, a tópica de 1923, os desenvolvimentos acerca do complexo de Édipo e castração na etiologia das neuroses. Todas essas idéias fizeram com que Freud também revisse, em 1927, sua teoria da angústia, tema ao qual sempre devotou considerável interesse, desde seus primeiros textos. Como já apontado nesse trabalho, a angústia sempre teve uma relação muito significativa com a teoria freudiana das neuroses. A neurose de angústia, como uma neurose atual, fez com que Freud notasse a relação estabelecida entre libido e angústia. Nessa categoria nosográfica, segundo Freud, era sempre possível comprovar a interferência da descarga da tensão sexual e notava-se o modo como a excitação acumulada buscava a via de saída transformando-se em angústia, sem nenhuma determinação psíquica, apenas física. Por sua vez, nas neuroses de transferência, principalmente na fobia e na neurose obsessiva, haveria também o fato clínico da emergência de angústia. Embora aqui houvesse a determinação psíquica, o surgimento da angústia também pode ser atribuído ao acúmulo de excitação psíquica. Nesse caso, o processo de repressão faz com que haja tal acúmulo: a excitação sexual acumulada, ou em outros termos, a libido acumulada, transforma-se em angústia. Assim, temos a relação entre repressão e angústia, sendo esta conseqüência do processo defensivo. Essa primeira teoria da angústia, como é conhecida, era assim compreendida, uma vez que, segundo WOLLHEIM (1971), as antigas concepções freudianas acerca da ansiedade neurótica partiam de duas premissas: a neurose desenvolve-se devido à repressão da libido e o fato de o processo neurótico ser acompanhado por angústia.

Em *Inibição, sintoma e angústia*, publicado em 1927, Freud apresenta uma revisão metapsicológica de sua teoria da angústia, haja vista os desenvolvimentos de 1920. Como relacionar o conceito de angústia com uma tópica estrutural apresentada em 1923 e com a noção de trauma empreendida em 1920? Como relacionar o conceito de angústia com o conflito defensivo, após as elaborações freudianas acerca do complexo de castração e complexo de Édipo? Haveria uma relação entre o mecanismo de angústia realista com o conceito de angústia neurótica, fato impossível na primeira teoria da angústia? São essas algumas das perguntas colocadas por Freud ao escrever esse trabalho.

No capítulo II desse trabalho, Freud diz:

“O sintoma é indício e substituto de uma satisfação pulsional interceptada, é um resultado do processo da repressão. A repressão parte do ego, quem, eventualmente, sob encargo do superego, não quer acatar um investimento pulsional incitada no id” (FREUD, 1927, p. 87).

Aqui, nota-se claramente a tentativa de explicação metapsicológica da angústia, principalmente sob ponto de vista tópico, utilizando o aporte constituído em 1923. Encontramos o ego como estrutura psíquica organizada, responsável por certas funções, o superego como parte essencial do processo da repressão, não mais sendo função do sistema pré-consciente, como na primeira tópica, e a figura do id como reservatório das pulsões.

Explicando por sua vez como a satisfação da moção pulsional ativada no id causaria desprazer, ele expõe que o ego, como consequência do processo de repressão, conseguiria inibi-la ou desviá-la, na medida em que possui vínculos estreitos com o sistema de percepção. Assim, recebe excitações que vêm de fora e de dentro e, por meio de qualidades de prazer e desprazer, guia todos os fluxos de excitação no sentido do princípio do prazer. Complementa, expondo que “tendemos a representar o ego como impotente frente o id, mas, quando se revolta contra um processo pulsional do id, não faz mais nada a não ser emitir um sinal de desprazer” (FREUD, 1927, p. 88). Sobre a explicação da origem da energia empregada na produção do sinal de desprazer, Freud apresenta a idéia de uma defesa do ego frente a um processo interno desprazeroso nos mesmos moldes que seriam empreendidos caso fosse um estímulo externo. Sobre isso, ele aponta:

“À raiz de um perigo externo, o ser orgânico inicia uma tentativa de fuga: primeiro retira o investimento da percepção de [algo] perigoso; logo discerne que o meio mais eficaz é realizar ações musculares tais que tornem impossível a percepção do perigo, mesmo não recusando-se a ela, ou seja: subtrair-se do campo de ação do perigo. Pois bem; a repressão equivale a uma tal tentativa de fuga. O ego retira o investimento (pré-consciente) da agência representante da pulsão que é preciso reprimir e a emprega para o desprendimento de desprazer (de angústia)” (*Ibid.*, pp. 88-89).

Encontramos aqui as mesmas idéias apresentadas desde 1895 sobre o processo defensivo tanto frente a estímulos externos, ou quantidades exógenas nos termos do *Projeto*, quanto a estímulos endógenos, ou quantidades endógenas naqueles termos. Do externo, podemos fugir, cancelamos os dados da percepção e posteriormente emitimos respostas motoras de modo a cancelar a fonte externa da qual provém o estímulo desprazeroso. Do interno, retira-se o investimento pré-consciente da agência representante da pulsão, ou seja,

entra em cena o processo de repressão. Aqui, em 1927, porém, temos o ego como “lugar” da angústia. Nesse excerto, percebemos o modo como percepção e descarga motora têm um papel fundamental nesse processo de fuga de estímulo. E já é sabido que o ego apresenta vínculos estreitos com o sistema perceptivo e com as vias motoras. Assim, ele aponta que “tem-se o direito de reter a idéia de que o ego é o genuíno lugar da angústia e rechaçar a concepção anterior, segundo a qual a energia de investimento da moção reprimida se mudava automaticamente em angústia” (FREUD, 1927, p. 89). O conceito de ego apresentado na segunda tópica é uma das razões principais para a mudança de concepção de Freud. Notamos a mudança na ênfase da angústia automática, como transformação de libido, para a angústia-sinal. Apresentando a idéia já tradicional acerca do sinal de desprazer, esse é generalizado para o conceito de angústia-sinal nesse texto de 1927. A angústia só pode ser entendida no âmbito do ego, uma vez que este apresenta estreita relação com o sistema perceptivo, com as vias motoras de descarga e é uma organização que trabalha sob a influência do princípio de realidade.

Posteriormente, Freud apresenta uma espécie de diferenciação entre o conceito de angústia neurótica e realista, apontando que um perigo real é aquele que ameaça a pessoa, oriundo de um objeto externo; e um perigo neurótico é aquele que ameaça em virtude de uma exigência pulsional. Porém, como será visto, esse ponto deve ser mais bem esclarecido. Analisando os casos de neuroses em que a angústia é fator predominante, como as zoofobias (histerias de angústia) e neurose obsessiva, Freud começa a empreender a diferenciação entre a chamada angústia realista e angústia neurótica. Na análise da histeria de angústia, e aqui o caso do *Pequeno Hans* funciona como emblemático, Freud tece comentários acerca da angústia presente nessa categoria nosográfica. Nesse ponto da discussão, angústia deve ser entendida nas vicissitudes da dinâmica triangular do Édipo, em sua forma completa apresentada em 1923. Segundo ele:

“caso voltemos às zoofobias infantis, compreenderemos, de fato, estes casos melhor que todos os outros. O ego deve proceder aqui contra um investimento libidinal de objeto do id (já seja a do complexo de Édipo positivo ou negativo), porque compreendeu que ceder a ela acarretaria o perigo de castração” (FREUD, 1927, p. 118).

Além dessa característica das zoofobias, Freud também apresenta o caráter projetivo da mesma. Desde muito tempo, Freud já havia relacionado o mecanismo defensivo

da projeção ao processo da histeria de angústia (fobia). Ele diz que esse mecanismo faz com que haja a “substituição” de um perigo pulsional interior por um perigo de percepção exterior. Assim, a fobia a cavalos do pequeno Hans seria consequência da repressão de moções pulsionais relacionadas à dinâmica edípica. Mas o que faria com que a satisfação pulsional seja vista como um perigo interno? Mais uma vez é na dinâmica edípica que Freud encontrará o ponto-chave da reformulação de sua teoria da angústia. Segundo ele, “a exigência pulsional não é um perigo em si mesma; o é somente porque apresenta um autêntico perigo exterior, o da *castração*” (FREUD, 1927, p. 120 – grifo nosso). Assim, a zoofobia seria uma categoria nosográfica em que haveria maior clareza acerca do mecanismo de desenvolvimento da angústia: seria na dinâmica edípica que ficaria em evidência a castração, ponto-chave no entendimento da nova teoria da angústia proposta por Freud. Além disso, o mecanismo de projeção evidenciaria o modo como o ego, não conseguindo fugir de um perigo interno, pulsional, substituiria um perigo interno por um externo. Mais uma vez entra em cena a máxima de que a fuga não vale nada frente ao perigo interno. O conceito de castração, na medida em que apresenta um vínculo estreito com o externo e interno, faria com que Freud consiga apreender o perigo com o qual o ego lida, explicando por que é emitido um sinal de angústia ao se deparar com o mesmo.

Segundo ele:

“a angústia das zoofobias é, então, uma reação afetiva do ego frente ao perigo; e o perigo frente ao qual se emite o sinal é o da castração. Aqui há a única diferença em relação à angústia realista que o ego exterioriza normalmente em situações de perigo: o conteúdo da angústia permanece inconsciente, e somente torna-se consciente em uma desfiguração” (FREUD, 1927, p. 120).

Assim, a angústia, no geral, deve ser compreendida como reação frente a uma situação de perigo. A todas essas situações, Freud relacionará o medo da perda do objeto cuja presença pode pôr fim à situação perigosa contra a qual a criança é impotente. Nesse ponto, o medo do nascimento, em um primeiro momento, medo da separação da mãe, medo da castração seriam relacionados a uma angústia normal. No entanto, essas situações adquirem conotação patológica e, deste modo, relacionadas à angústia neurótica, devido ao efeito *a posteriori* da castração e todas suas implicações. Este conceito aqui funcionaria mais uma vez como ponto-chave, uma vez que todos esses medos específicos poderiam ser remetidos a um perigo frente a uma perda e separação. Para Freud, todos esses medos só poderiam ser

entendidos, caso fossem remetidos à angústia de castração. Em outros termos, perigo frente a uma condição narcísica razoavelmente estável. Aqui, nota-se a relação entre angústia, castração e narcisismo. Desse modo, podemos dizer que a angústia apresenta-se como símbolo de separação. Frente ao perigo pulsional interno, representado pela castração, pelo desenvolvimento de uma certa instabilidade na condição narcísica almejada, o ego emitiria um sinal de angústia. Isso redundaria no desenvolvimento do sintoma neurótico. Aqui, encontramos duas conseqüências interessantes do trabalho de 1927 sobre a angústia. Primeiramente, a partir do conceito de angústia-sinal e do conceito de castração e seu vínculo com a realidade externa e interna, a distinção entre angústia neurótica e realista cai por terra. Toda situação de perigo, como visto, seria remetida simbolicamente ao perigo da castração. A angústia entendida como reação frente a um perigo poderia ser remetida a uma reação frente à castração, à perda, à separação. Mesmo o medo da morte será análogo ao medo da castração. Deve-se ressaltar que não há nenhum apelo ao conceito de pulsão de morte, apresentado sete anos antes. Neste ponto, deve ser dito que, em nenhuma página do trabalho, Freud relaciona sua nova teoria da angústia à nova teoria pulsional apresentada em 1923, apresentando somente referências explícitas ao conceito de pulsão de autoconservação da antiga teoria pulsional de 1915. Por sua vez, há a mudança na relação entre angústia e neurose. Na descrição do *Pequeno Hans* e do *Homem dos Lobos*, trabalho clínico publicado em 1918, sob o nome *História de uma neurose infantil*, Freud afirma que a angústia não poderia ser entendida como libido transformada. Ou seja, ele afirma, nesse momento de sua obra, que a angústia produz a repressão e não o contrário. Com a introdução de um terceiro termo à dinâmica entre angústia e neurose, Freud apresenta sua nova teoria da angústia com maior inteligibilidade e coerência. Para ele, a *atribuição de um objeto à angústia*, na forma de uma situação de perigo, faz com que seja colocado em evidência o fato de o sintoma ser formado com o intuito de evitar a situação de perigo e que, caso não seja formado o sintoma, a ameaça de perigo concretizar-se-á, explicando assim o desenvolvimento de angústia. Complementando muitas das características de sua precedente teoria, a sua reformulação em 1927 apresenta uma importante implicação metapsicológica, uma vez que estabelece uma mudança na relação entre a angústia e o sintoma. Por fim, a castração será o elemento-chave que dá os critérios a partir dos quais pode ser entendido esse processo, uma vez que sempre trará notícia de um perigo, de uma ameaça com caráter executável e iminente.

Finalmente, um outro fato importante desse trabalho é o modo como Freud doravante não mais considerará sinônimos os conceitos de defesa e repressão. Em seu adendo ao trabalho de 1927, ele apresenta suas idéias sobre essa questão. No começo de sua obra,

Freud utilizava distintamente esses termos e, aos poucos, substituiu definitivamente o termo “processo defensivo” [*Abwehrvorgang*] por repressão [*Verdrängung*]. Nesse texto de 1927, Freud afirma que o nexos entre ambos os termos permaneceu indeterminado e que encontraria mais vantagens ao recorrer ao velho conceito de “defesa”:

“estipulando que se deva utilizá-lo [processo defensivo] como a designação geral de todas as técnicas de que o ego se vale em seus conflitos que eventualmente levam à neurose, enquanto que ‘repressão’ segue sendo o nome de um destes métodos de defesa em particular, com o qual nos familiarizamos mais ao começo, como consequência de nossas indagações” (FREUD, 1927, p. 152).

Assim, Freud atribui à defesa a definição de ser uma proteção geral do ego frente a exigências pulsionais, enquanto repressão é dela um caso especial. Nota-se o modo como Freud começa a notar outros mecanismos de defesa nesse período de sua obra e mais uma vez o conceito de castração aparece como ponto-chave no desenvolvimento dessa idéia. Deve-se ressaltar que esse autor estava aprofundando sua teoria com novos elementos, principalmente em torno do mecanismo de defesa das psicoses, hajam vista seus trabalhos sobre a organização genital infantil, castração e o conceito de perda de realidade, todos posteriores a *O ego e o id* de 1923.

Na elucidação da relação entre angústia e castração, nota-se como esse último conceito foi adquirindo um estatuto universal na metapsicologia freudiana. Considerada como uma teoria sexual infantil em 1908, a castração progrediu, tornando-se necessária na explicação de certos casos de neurose em 1914 e, por fim, na década de 20, mais precisamente em 1923, considerada como universal para a explicação dos fenômenos psíquicos normais e patológicos, relacionada de maneira estreita à dinâmica edípica.

No entanto, é em 1927, no texto *Fetichismo*, que pode ser encontrada a explicação mais acabada do conceito de castração, relacionando-o às perversões e às psicoses, uma vez que o mecanismo encontrado nestes fenômenos é o mesmo, a *Verleugnung*.

Nesse texto, Freud analisa o caso clínico de um rapaz que elevou à condição de fetiche um certo “brilho no nariz” [*Glanz*]. Esclarecendo os motivos da constituição desse fetiche, Freud apresenta a *Verleugnung* e a castração, havendo um apelo explícito à

percepção. Considerando isso, há uma referência a um órgão do corpo, o qual serve como substituto simbólico do pênis. Isto introduz o que há de original neste texto freudiano. Segundo este autor:

“Se agora comunico que o fetiche é um substituto do pênis, sem dúvida provocarei desilusão. Por isso, apresso-me em acrescentar que não é o substituto de um qualquer, mas sim de um pênis determinado, muito particular, que teve grande significado na primeira infância, mas foi perdido mais tarde. Isto é: normalmente deveria ser abandonado, mas justamente o fetiche está destinado a preservá-lo de seu sepultamento [*Untergang*]. Para dizê-lo com maior clareza: o fetiche é o substituto do falo da mulher (da mãe), em que o menino acreditou e ao qual não quer renunciar” (FREUD, 1927, p. 148 – grifo nosso).

Assim, o indivíduo mantém a crença no aspecto fálico dos genitais femininos e constrói seu fetiche. Voltando aos textos anteriores, Freud aponta que o menino recusou sua percepção, ou seja, recusou o fato de a mulher não possuir um pênis. Isto porque, considerada a castração da mulher, sua própria possessão deste órgão corre perigo. Deste modo, o menino *renega* tal percepção.

Neste ponto, Freud relaciona a repressão [*Verdrängung*] e a renegação [*Verleugnung*], apontando que, no fetiche, como na neurose, a representação é separada de sua cota de afeto, sendo que, ao último, é reservado o processo de repressão. No entanto, a distinção freudiana entre estes dois fenômenos reside no fato de o destino da representação no fetiche ser relacionado com a renegação, depois de realizado o processo defensivo. Assim, a repressão permanece ainda como um termo de alcance mais amplo, sendo a ele endereçada a característica de ser o processo defensivo mais geral.

Posteriormente, no capítulo VIII do *Esboço de psicanálise*, Freud afirma que a repressão aplicar-se-ia à defesa contra as demandas pulsionais internas, e a renegação, à defesa contra as exigências da realidade externa. Outra diferença entre a neurose e o fetichismo está no fato de que, na primeira, há uma satisfação alternativa à moção pulsional reprimida, enquanto, no fetichismo, há a proteção do indivíduo da constatação traumática da diferença sexual. Assim, no caso clínico apresentando por Freud, a passagem da olhada rápida [*glance*] para o brilho [*Glanz*] ofuscante tem a função de *ocultamento*, noção central na dinâmica do fetiche. Isto pode ser relacionado com o fetiche comumente escolhido pelos indivíduos, a saber, as roupas íntimas femininas; estas fazem com que a mulher ainda conserve sua relação com o falo, à qual tiveram que renunciar outrora. Assim, na dinâmica do

fetichismo, não há a anulação completa da percepção, mas sim esta permanece, havendo um esforço permanente para renegá-la. Neste ponto, há uma situação análoga àquela apresentada pelos mecanismos de *Verneinung* e *Verdrängung*: no entanto, relacionando a idéia presente em *Esboço de psicanálise*, descrita anteriormente, nesses últimos, o que é negado é o representante de uma moção pulsional, enquanto a *Verleugnung* opera sobre a percepção da realidade externa.

Posteriormente, Freud volta a analisar a dinâmica do fetiche, afirmando que há uma espécie de “divisão psíquica” ou “cisão psíquica” no comportamento do fetichista frente à castração da mulher. Assim, ele diz que “coexistiam, uma junto à outra, a atitude de acordo com o desejo e de acordo com a realidade” (FREUD, 1927, p. 151). Posteriormente, Freud aponta que “em casos muito refinados, é na construção do fetiche mesmo onde foi encontrado tanto a renegação quanto a asseveração da castração” (*loc. cit.*).

Assim, pode-se notar que no fetichismo há tanto a renegação da castração quanto a admissão da mesma, ambas as manifestações encontrando-se mescladas no psíquico. Pode-se notar que a percepção foi conservada, mas, ao mesmo tempo, abandonada. A justificativa dada por Freud para este aparente paradoxo são as leis do processo primário do funcionamento psíquico, em cujo domínio a mulher segue possuindo um pênis, embora este já não seja o que era antes.

Nestas afirmações, Freud estabelece uma relação destas correntes psíquicas contraditórias mescladas no psíquico com aquelas encontradas nos casos de psicose. Neste ponto de sua obra, já estava estabelecido que, na explicação da psicose, a noção de renegação era de suma importância. Deste modo, Freud tenta estabelecer uma diferenciação entre esta afecção e o fetichismo, uma vez que em ambos os processos a renegação de dados da realidade externa é encontrada. Como se pode notar, o modelo de diferenciação reside nas duas correntes descritas nos excertos acima. De acordo com Freud, seria “possível, conseqüentemente, manter a expectativa de que no caso da psicose, uma destas correntes, a *de acordo com a realidade*, faltaria efetivamente” (*loc. cit.* – grifo nosso).

Destarte, enquanto no fetiche haveria uma atitude de acordo com a realidade, ou seja, a consideração da castração advinda da percepção de um dado da realidade externa, embora haja conjuntamente sua contrapartida, na psicose, somente haveria a renegação da castração, não sendo considerado o dado de realidade. Neste ponto, residiria a diferenciação entre as psicoses e o fetiche, o modo como o indivíduo considera o dado de realidade advindo da percepção da castração da mulher. No entanto, como aponta muito bem SIMANKE (1994,

p. 208), há um problema nestas considerações, a saber, “se o segmento da realidade da vida anímica que concorda com a realidade falta – leia-se: o segmento que inclui o registro mnêmico da percepção que motiva a defesa –, como o sujeito reconhece aquilo do qual deve se proteger?”. Segundo esse último autor, partindo de uma análise de *Nota sobre o bloco mágico*, breve escrito freudiano de 1924, a resposta está na aceitação da permanência do registro, havendo, contudo, a ameaça da castração sempre percebida como real, a partir da não distinção entre a representação e coisa que o processo defensivo psicótico implica.

Feita tal digressão, agora podemos analisar o modo como Freud dedica, nessa época de sua obra, um considerável espaço à explicação das alterações por que passa o ego no processo defensivo. Em um primeiro momento desta época de sua obra, pode-se citar a seção V de *Análise terminável e interminável*.

Nesta seção, Freud toma como exemplo, um caso de psicose, chegando à conclusão de que todo ego se aproxima, em maior ou menor grau, do ego psicótico, sendo o ego normal uma ficção. Outro fato importante apresentado neste texto é o papel do ego nesta afecção. Segundo Freud, na psicose, o que costuma ser inconsciente na neurose encontra-se à superfície, não havendo, deste modo, um reprimido e seu retorno posterior.

Assim, a essência do processo patológico está localizada no ego. Isto pode ser remetido às idéias apresentadas por Freud em seu *Manuscrito K* sobre os delírios de assimilação, relacionando-se, ainda, com a teoria do narcisismo de 1914. Assim, se a psicose instaura a constatação de que o ego pode ser uma instância tão patogênica quanto o id, e não apenas como sede das funções intelectuais e de síntese psíquica, uma concepção desta afecção como patologia do ego escapa a um modelo clássico centrado na perda das funções superiores. De fato, o encargo das funções de síntese não é incompatível com este novo papel, uma vez que para Freud, o processo de formação de sintomas é estritamente sintético, dado que o objetivo da análise é outro. Assim, a síntese psíquica é patogênica, havendo, a partir daí, uma conceituação positiva da psicose. Algo positivamente patogênico ocorre no interior do ego, não somente devido a um enfraquecimento, na medida em que a teoria do narcisismo exige que o ego se encontre sobreinvestido na psicose. Este fator será importante para a distinção entre as neuroses e psicoses, a qual será empreendida em 1938.

Estas idéias levarão Freud a escrever, em 1938, o inacabado *A cisão do ego no processo defensivo*. Mais uma vez, a influência do *Manuscrito K* é sentida no texto. Neste trabalho, Freud descreve as situações precoces de conflito como um embate entre a exigência pulsional e a realidade. Assim, o resultado é uma divisão do ego [*Ichspaltung*] em uma parte de acordo com a realidade e outra que busca satisfazer a pulsão. Segundo Freud

“O ego do menino encontra-se, pois, a serviço de uma poderosa exigência pulsional que está habituado a satisfazer, e é, logo, aterrorizado por uma vivência que lhe ensina que prosseguir com esta satisfação lhe traria, como resultado, um perigo real objetivo difícil de suportar. E então deve decidir-se: reconhecer o perigo real, inclinar-se a ele e renunciar à satisfação pulsional, ou renegar a realidade objetiva, aumentar sua crença de que não há razão alguma para ter medo, a fim de preservar, assim, sua satisfação” (FREUD, 1940, p. 275).

Pode-se notar nesta passagem a clara referência à castração, imposta pela realidade externa objetiva, como uma vivência aterrorizante. Além disso, pode-se perceber os dois mecanismos que podem ser utilizados pelo indivíduo de modo a evitar tal vivência ansiogênica: primeiramente tem-se a repressão, que seria o mecanismo de renúncia pulsional, seguindo um referencial advindo da realidade externa; por fim, tem-se a renegação, que consiste em constantemente negar a falta imposta pela realidade externa, conservando seu estado narcísico original. Como conclusão, segundo Freud, o resultado deste conflito é a divisão do ego em uma parte de acordo com a realidade e uma de acordo com a demanda pulsional. Segundo ele, “as duas reações contrapostas frente ao conflito subsistirão como núcleo de uma divisão do ego” (FREUD, 1940, p. 276)

Assim, há uma clara descrição da *Verleugnung*, como vista na análise das idéias presentes em *Fetichismo*. A partir da criação das duas correntes psíquicas independentes, a divisão egóica acarreta, então, um déficit da *função sintética* do ego. Assim, aqui há uma diferenciação entre as neuroses e as psicoses, uma vez que, na primeira afecção, os sintomas são formados a partir da síntese egóica, que a psicanálise tenta dissolver, a fim de conseguir seus objetivos. Além disso, o modelo neurótico é o modelo clássico de formação de sintomas apresentado por Freud. Deste modo, podem ser corroboradas as idéias freudianas presentes já em seus manuscritos ao amigo Fliess, cujas datas são anteriores à publicação de *A interpretação dos sonhos*, de que o processo defensivo das psicoses não pode ser correlacionado com a formação psicanalítica clássica dos sintomas, baseada no mecanismo neurótico de síntese egóica.

Posteriormente, neste mesmo texto, Freud apresenta um novo ponto de vista para a teoria do fetichismo, a partir da análise de um menino, entre três e quatro anos, que teve o conhecimento dos genitais femininos a partir da sedução por parte de uma menina maior. A partir deste ponto, Freud aponta a mesma dinâmica descrita em textos anteriores. Contudo, a partir das elucidações freudianas acerca da ameaça de castração, há a possibilidade de utilizar o mecanismo de renegação na explicação de outros casos de recusa de aceitação de um segmento da realidade, não necessariamente aquele referente à castração. Assim, nem toda

renegação tem por alvo uma percepção referente à castração, apesar da constatação de que este é o modelo básico deste mecanismo de defesa. Isto pode ser corroborado pelo modo como o mesmo é descrito, a saber, como uma alternativa à renúncia pulsional. Considerando que a repressão nas neuroses tem este mesmo objetivo, ambos os mecanismos determinam uma classe de afecções qualitativamente diferentes. Além disso, Freud empreende uma distinção entre os fenômenos psíquicos relacionados ao processo de renegação: psicose e fetichismo. Neste ponto, este autor apresenta um novo ponto de vista para o entendimento do último, como já apontado, o qual pode servir como meio de distinção entre eles:

“Criou-se um substituto do pênis que se sente falta na mulher, um fetiche. Com isto, havia renegado, é certo, a realidade objetiva, mas havia salvado seu próprio pênis. Como não se encontrava obrigado a reconhecer que a mulher havia perdido seu pênis, a ameaça que lhe impuseram perdia credibilidade (...) Este ato de nosso paciente nos impõe como um estranhamento com a realidade, como um processo que tenderíamos a deixar reservado para as psicoses (...) O menino não contradisse simplesmente sua percepção, não alucinou um pênis ali onde não se via nenhum, mas que somente empreendeu um deslocamento (“descentramento”) de valor, transferiu o significado do pênis à outra parte do corpo” (FREUD, 1927, p. 277).

Assim, de acordo com este trecho, o “estranhamento com a realidade” não explica de maneira acurada o que acontece em um e noutro caso. Além disso, Freud é peremptório em apontar que tal estranhamento absoluto com a realidade é somente encontrado no psicótico, não no fetichista. Isto porque a reação do psicótico teria sido alucinar um pênis ali onde não se via nenhum, ao contrário do fetichismo, no qual não se encontra uma pura contradição da percepção, encontrando-se, não obstante, uma espécie de “descentramento” de valor, havendo uma *transferência do significado do pênis para outras partes do corpo*. Fica aí então delimitada a diferença entre o fetichismo e as psicoses, ou dito de outra maneira, há a diferenciação entre as perversões e as psicoses.

Por fim, a seção VIII de *Esboço de psicanálise* traz elementos essenciais para a compreensão da relação entre o ego e a realidade. Nesta, Freud aponta as conclusões às quais chegou acerca das relações do aparelho psíquico com o mundo exterior, reportando-se às idéias presentes em *O ego e o id*, mais especificamente àquelas relacionadas ao ego, que, desenvolvido a partir do contato do id com a realidade, permanece relacionada com esta permanentemente, de modo a assegurar o princípio de realidade e o exame de realidade. Neste ponto, Freud afirma:

“Estamos já preparados para a suposição de que os estados patológicos do ego, nos quais ele volta a se aproximar em grau máximo do id, se fundam em um cancelamento [*Aufhebung*] ou em um afrouxamento deste vínculo com o mundo exterior” (FREUD, 1940, p. 203).

Assim, são analisadas as patologias possíveis do ego, descritas como alguma forma de quebra das vassalagens [*Abhängigkeiten*] do ego em relação às outras instâncias psíquicas. Além disso, nesta passagem, tais patologias do ego são claramente relacionadas às psicoses e ao fetichismo, opondo-as às neuroses, em que o ego impõe limites ao id e mantém a repressão. Ainda, Freud insiste em afirmar que o ego do psicótico não é fraco, sendo estéril a oposição forte/fraco aplicada ao ego. Complementando, de acordo com a teoria do narcisismo, o ego do psicótico deve ser altamente investido, a ponto de substituir a realidade externa e oferecer-se ao id como objeto de amor, em detrimento do objeto presente na realidade externa. Deste modo, o ego psicótico deveria ser entendido como demasiado forte, em termos econômicos, a fim de que consiga se desligar da realidade, mesmo à custa de alterações drásticas nas suas características originais, acarretando o prejuízo de suas funções ordinárias, como notado na análise já realizada do texto *A cisão do ego no processo de defesa*. Este ponto de vista também é corroborado por LAPLANCHE (1988), para quem a imagem narcísica deve ser uma unidade carregada e investida, mantendo um certo potencial energético.

Outro fato importante presente no último excerto é a noção de aproximação egóica em grau máximo do id, fundando-se em um cancelamento ou em um afrouxamento deste vínculo com o mundo exterior. Contudo, Freud encontra dificuldade em explicar tal consequência, apesar de, ao longo de toda sua obra, já possuir elementos suficientes para explicar o rompimento do ego com a realidade externa. Além disso, Freud reconhece que mesmo na *amentia* – que desde 1894 é considerada como o caso mais drástico de rompimento com a realidade – há certos segmentos da realidade que são mantidos pelo sujeito, mantendo-se este como espécie de observador consciente, porém passivo. Assim, esta constatação tende a enfraquecer ainda mais a já fraca oposição freudiana entre o ego e a realidade, proposta em 1924. Deste modo, a partir desta constatação, Freud é obrigado a dizer que o desenlace de uma enfermidade deste tipo seja atribuído unicamente à força relativa das tendências em jogo, sendo a psicose entendida como um predomínio da corrente psíquica que concorda com as exigências pulsionais, mas não exige o cancelamento [*Aufhebung*] absoluto da realidade. Vemos aqui uma estreita relação entre ego e psicose, uma indistinção entre o mundo interno e

externo. As implicações dessa relação são de suma importância para entendermos o modo como se dá a constituição dos conceitos de ego e objeto na fase final da obra freudiana.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, acompanhamos o movimento do pensamento de Freud em torno da constituição dos conceitos de ego e objeto. Como podemos ver, ambos apresentam íntimas relações com pilares teóricos da metapsicologia, como a teoria pulsional e tópica. Além disso, nota-se o modo como os desenvolvimentos freudianos em torno desses conceitos servem como pontos de partida para a análise de possíveis contradições e ambigüidades que merecem detida atenção e apreciação crítica.

À medida que analisamos o modo como se deu a constituição destes conceitos em sua metapsicologia, deparamo-nos com várias problemáticas referentes a grandes questões da psicanálise. Acompanhamos a maneira como se estabelecem suas relações com a noção de defesa, a teoria da sexualidade, a teoria pulsional e tópica. Pode-se dizer que, antes mesmo de 1900 a partir da publicação de *A interpretação dos sonhos*, encontramos uma teoria freudiana do ego, cujas implicações e desenvolvimentos podemos encontrar em seus últimos textos, como *Para além do princípio do prazer*, publicado em 1920, bem como em seu trabalho inacabado *A cisão do ego no processo de defesa*, publicado postumamente em 1940.

A partir do contato com Charcot, Bernheim e Breuer, Freud pôde com segurança apresentar os elementos que o levam a formular sua teoria da defesa. Aspectos importantes como a precisa caracterização da histeria como um objeto clínico, a ênfase no papel da sugestão no cerne dessa afecção, a existência de processos anímicos ocultos à consciência e a autonomia dos mesmos na dinâmica psíquica, bem como a ênfase nos aspectos históricos e acidentais na etiologia das neuroses, com as teorias do trauma e dos estados hipnóides, funcionam como pontos de partida para a primeira formulação freudiana dos conceitos de ego em sua íntima relação com a noção de defesa. Nesse ínterim, sua teoria da defesa coloca em relevo o conflito dinâmico de forças, tendo como pólos principais o ego e as representações reprimidas. Notamos o modo como este processo encontra-se enraizado nas vicissitudes do ser humano em meio a exigências de âmbito biológico e ambiental. Assim, a teoria da defesa representa uma das grandes realizações freudianas não somente no campo da psicopatologia, mas também da metapsicologia, anteriores à publicação de *A interpretação dos sonhos* em 1900.

Sobre isso, a análise das idéias contidas nas cartas e nos manuscritos presentes em sua correspondência com Wilhelm Fliess, datados desse período, e em seu *Projeto*,

elaborado no ano de 1895, torna-se de suma importância para o entendimento da constituição de sua teoria da defesa. Em relação às cartas e aos manuscritos endereçados a Fliess, acompanhamos o modo como o conceito de ego surge como um dos pólos do processo defensivo, em íntima relação com a consciência. Ilustrando essas afirmações, em muitas passagens de *Manuscrito K*, Freud nos apresenta os dois pólos deste processo e, no conflito entre os mesmos, os sintomas neuróticos são formados. Por sua vez, em seu *Manuscrito N*, esse autor apresenta a afirmação cabal que estabelece a nítida relação entre o ego e a consciência, apontando, ainda, que conteúdos que escapam à consciência encetam o processo de defesa empreendido pelo ego. Devem ser apontadas as implicações dessas afirmações para o desenvolvimento da primeira teoria pulsional freudiana proposta em 1915, erigida a partir de sua elaboração da teoria das neuroses. Temos de um lado o conceito de pulsão de autoconservação (egóicas), e de outro o conceito de pulsão sexual, a libido, elementos imprescindíveis no estabelecimento dos pólos de onde parte a defesa, o ego, e o outro que é reprimido, o inconsciente. Assim, na correspondência com Fliess notamos alguns germes dos desenvolvimentos metapsicológicos ulteriores e a constituição do conceito de ego apresentada já nessas cartas e manuscritos vem a oferecer mais dados que comprovam essa constatação. Por sua vez, encontramos no *Projeto*, uma maior formalização desse conceito, entendido aqui como uma organização no sistema ψ de neurônios constantemente investidos, bem facilitados entre si, cuja função principal é perturbar os cursos quantitativos do aparelho que possam ser sentidos como desprazer em ω . Assim, ao ego é atribuída a função de inibir os processos psíquicos primários, instaurando o processo psíquico secundário, por meio da defesa frente a representações conflitivas e intoleráveis que podem provocar o aumento da excitação no interior do sistema, ou, em outros termos, aquelas que podem provocar o desprazer. Neste trabalho, já encontramos a função egóica por excelência na metapsicologia freudiana: uma estrutura psíquica fundamental no processo de tensão e de perturbação da economia do aparelho de processamento de representações, seja o aparelho neuronal de 1895, seja o aparelho psíquico das teorias tópicas posteriores. Como consequência, encontramos o processo do pensar como um exemplo desta tensão psíquica empreendida pelo ego, o qual dá os fundamentos para as considerações posteriores referentes à sua função sintética, a partir da elaboração da última tópica de 1923.

Vemos, assim, nas primeiras teorizações freudianas, a nítida relação estabelecida entre sua teoria da defesa e o conceito de ego, dando início a suas investigações críticas sobre a sexualidade humana e o domínio do inconsciente. Além disso, notadamente a partir de 1900, acompanhamos o modo como Freud vai preterindo as explicações estritamente

nosográficas dos fenômenos psicológicos em favor de uma teorização mais ampla dos processos mentais mais gerais, utilizando conceitos e observações até então vinculados a atividades de cunho patológico.

Em *A interpretação dos sonhos*, o conceito de ego assume um papel secundário na articulação da tópica apresentada em sua seção B. Conforme MONZANI (1989) e WOLLHEIM (1971), a partir desse trabalho e outros do mesmo período, Freud ocupa-se mais em apresentar e delimitar o “lugar” do inconsciente do que caracterizar o outro pólo do processo defensivo. Justamente por apresentar um laço estreito com o domínio dos processos secundários e com a consciência, fato esse ainda mais enfatizado a partir da *carta 52 a Fliess*, o conceito de ego não se apresenta como objeto de profundas análises. Deve-se apontar, contudo, que desde seus primeiros trabalhos, o conceito de ego na obra freudiana encontra-se não somente identificado com a percepção e consciência. Na esteira de MONZANI (1989), nota-se o estatuto ambíguo desse conceito na metapsicologia, haja vista o modo como seus domínios podem ser encontrados para além do consciente. A partir de 1909, com o início das investigações freudianas sobre o narcisismo, são apresentados maiores esclarecimentos que vêm a esclarecer esta contradição. Deve-se ressaltar que é nesse momento de sua obra que assistimos ao “retorno” do conceito de ego na metapsicologia freudiana, em consequência dos desenvolvimentos teóricos no âmbito da sexualidade expostos em 1905 em seus *Três ensaios*. Podemos dizer que o conceito de narcisismo vem a suprir algumas das lacunas presentes em sua teoria sexual, referentes à passagem do autoerotismo para a escolha objetal. Por sua vez, é no cerne desta teoria que encontramos a introdução do conceito de pulsão, cujo desenvolvimento inicial podemos encontrar em algumas passagens do *Projeto*, referentes à descrição dos estímulos endógenos e na noção de um impulso mantenedor da atividade psíquica. Caracterizado por Freud como um dos conceitos metapsicológicos mais importantes e o mais obscuro, a análise do mesmo estabelece as primeiras relações entre o conceito de objeto e sexualidade, como procuramos apresentar nessa dissertação.

Como em relação ao ego, a inserção do conceito de pulsão não é encontrada na apresentação e desenvolvimento da tópica freudiana em 1900. Aqui, o desejo é apresentado como o fator primordial que põe em movimento o aparelho de processamento de representações, existindo por si só como sua energia motriz. Somente em 1905, Freud estabelece o conceito de pulsão [*Trieb*] como ponto central de sua teoria da sexualidade e nos seus desenvolvimentos metapsicológicos, encontramos a constituição do conceito de objeto. Acompanhamos o modo como esse autor parte de uma crítica à noção tradicional de

sexualidade, enrijecida em termos de objeto e meta por normas pré-estabelecidas, para, posteriormente, ampliá-la a partir do argumento de que o sexual deve ser entendido como além do prazer vinculado estritamente à função biológica. Em outros termos, a sexualidade deve ser entendida em seus aspectos psicológicos, não desmerecendo, contudo, a função biológica inerente a ela. Neste ponto, o conceito de pulsão, apresentado como a fronteira entre o biológico e o psíquico, estabelece-se como o ponto a partir do qual pode ser analisada a sexualidade. Ao longo desta dissertação, notamos o modo como Freud procura desvencilhar-se de uma teoria da sexualidade estritamente calcada em pressupostos biológicos, haja vista sua tentativa inicial em encontrar fundamentos históricos para os fenômenos psíquicos, desde o contato com Charcot, Berheim e Breuer. Assim, o *Trieb* freudiano é introduzido em 1905, como consequência da exposição crítica presente nos *Três ensaios*, referente à insuficiência de uma teoria da sexualidade pautada somente em questionamentos da ordem estritamente biológica.

A partir de sua introdução, Freud aponta que é no domínio da sexualidade infantil que podemos encontrar o que há de mais verdadeiro na pulsão: a autonomia, o polimorfismo e a não-totalidade do sexual. Assim, deparamo-nos com o conceito de objeto, o mais contingente dos elementos da pulsão, apresentado por Freud como qualquer meio a partir do qual a meta de satisfação pulsional pode ocorrer. Esses desenvolvimentos teóricos colocam em relevo o ponto de vista desse autor em considerar que o denominador comum de todas as práticas sexuais tem a consecução do prazer como meta, não sendo especificado um objeto em especial para a satisfação pulsional. Notamos que, a partir da crítica a uma noção de objeto enrijecida por normas pré-estabelecidas no âmbito da sexualidade, a psicanálise freudiana concebe o conceito de objeto de maneira mais ampla, haja vista a constatação de que a característica principal da pulsão é ser parcial e apresentar, deste modo, autonomia para encontrar satisfação por inúmeros meios.

No terceiro ensaio, encontramos ainda uma maior ampliação deste conceito com a introdução da noção de “escolha objetual”, fator esse característico da sexualidade adulta. Na passagem da sexualidade infantil para a adulta, Freud aponta que enquanto naquela a pulsão sexual encontra sua satisfação de maneira auto-erótica, nesta a consecução da meta da pulsão não é encontrada no próprio corpo – o prazer de órgão -, mas em um objeto específico, baseado no processo de centralização das pulsões parciais em uma única zona, a genital. O encontro com o objeto e a especificação da escolha objetual constituem-se como características principais da sexualidade adulta. Além disso, Freud aponta que o objeto típico da sexualidade adulta é preparado desde a tenra infância e “o encontro do objeto é

propriamente um reencontro” (FREUD, 1905, p. 203). Aqui, notamos o modo como ele apresenta o seio materno como o modelo para todos os objetos a serem escolhidos durante a fase adulta, consideração essa cujas implicações notaremos na exposição do conceito de identificação primária em *O ego e id* de 1923 e na afirmação de uma relação precoce com a mãe em *Sobre a sexualidade feminina* de 1931. Assim, amplia-se o conceito de objeto na metapsicologia freudiana, com a introdução dos elementos-chave característicos da sexualidade adulta, e as exposições sobre o conceito de narcisismo em 1914 e sobre o complexo de Édipo, a partir da década de 20, vêm a ampliá-lo ainda mais, na medida em que são mais bem especificados os dois pólos da escolha objetal: o ego e o objeto.

Como já dito, a partir de 1914, assistimos ao “retorno” do conceito de ego na metapsicologia freudiana. A lacuna presente nos *Três ensaios* referente ao pólo do agente da escolha faz com que Freud encontre em seus desenvolvimentos anteriores, particularmente em seu *Projeto*, uma organização coerente que o auxilie a explicar como se dá o momento inicial da escolha do objeto. Além disso, em 1911, Freud introduz o conceito de pulsão egóica, cujo objetivo é a autopreservação do indivíduo. Detendo sua atenção ao outro pólo do conflito defensivo, juntamente com a necessidade teórica de explicar a passagem da sexualidade infantil para a sexualidade adulta, Freud encontra nos desenvolvimentos em torno do conceito do ego a via a partir da qual pode resolver tal impasse teórico. Assistimos ao momento em que em sua obra esse conceito e o de objeto encontram uma estreita relação, sendo no âmbito do fenômeno do narcisismo que encontra essas respostas. Afinal, encontramos na dinâmica narcísica a situação por excelência em que os dois pólos da escolha objetal coincidem: “o que escolhe” e “o que é escolhido” encontram-se interligados na figura do ego. Aqui, o narcisismo é apresentado como o momento, intermediário entre o auto-erotismo e a escolha do objeto, em que se dá uma “nova ação psíquica”, ou seja, o desenvolvimento do ego. Assim, esse conceito insere-se novamente nas engrenagens metapsicológicas como uma “organização” que vem a ter um papel de suma importância no “curso de excitação” da tópica, utilizando as noções do *Projeto*, surgindo como “uma unidade frente à diversidade do pulsional” (MONZANI, 1989, p. 244). Considerando-o como um possível objeto de investimento libidinal e como o grande reservatório da libido do sujeito, Freud expõe como se dá o processo de organização da economia pulsional, até então hierárquica e infantil, em função de uma imagem da totalidade do próprio corpo, a qual precisa se desenvolver, para, posteriormente, serem instauradas as características típicas da sexualidade adulta. Notamos, assim, em que medida nesse momento de sua obra, os conceitos de ego e objeto encontram sobremaneira inter-relacionados, assumindo cada vez mais posições de destaque em sua metapsicologia. Além disso, notamos

essa posição na afirmação mais explícita do conceito de objeto como um dos elementos principais e mais contingentes da pulsão, apresentada em 1915 no trabalho *Pulsões e destino de pulsão*, bem como a passagem também retirada deste sobre a constatação de que o ódio é a relação objetal mais antiga que o amor, haja vista a repulsa primordial do ego narcísico a todos os objetos que lhe causam desprazer, e cujo desenvolvimento encontramos nas noções de ego-prazer e ego-realidade presentes no artigo *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* de 1911. Vemos em que medida o conceito de objeto é mais bem apresentado na metapsicologia freudiana a partir das análises referentes ao narcisismo e em que medida as constituições iniciais do mundo externo e interno se estabelecem segundo os desenvolvimentos em torno da característica inicial do ego de ser somente constituído pelos objetos que lhe causam prazer, sendo considerados como terminantemente externos ao ego aqueles que lhe causam desprazer. Assim, são abertas as portas para a explicação do modo como se estabelece a incorporação desses objetos no ego. Mais uma vez, Freud se vê diante do impasse teórico de especificar de maneira mais acurada o agente da escolha e o objeto que é escolhido.

A partir da constatação de que o ego não está presente desde o princípio e que o mesmo precisa desenvolver-se, Freud passa a analisar como se dá esse processo. À medida que aprofunda seus estudos sobre o narcisismo, ele vai encontrando elementos-chave que vêm ao encontro dessa análise, sendo principalmente os conceitos de identificação e do ideal do ego. Sobre o primeiro, encontramos no texto *Leonardo*, a constatação do caráter defensivo do mecanismo de identificação. No entanto, a partir do estudo mais aprofundado no narcisismo, Freud retira a conotação estritamente patológica do conceito de identificação, passando a analisá-lo de maneira positiva, principalmente nos trabalhos *Luto e melancolia* e *Psicologia das massas e análise do ego*, respectivamente publicados em 1917 e 1921. Embora trabalhos pertencentes a fases distintas da obra freudiana, cujo *tournant* se dá com a reelaboração da teoria pulsional em 1920, ambos se apresentam como capitais para a análise do conceito de identificação em sua metapsicologia. Primeiramente, assistimos ao modo como Freud, partindo da diferenciação entre os estados de luto e de melancolia, apresenta indícios significativos que nos levam a uma leitura do narcisismo como uma identificação narcísica com o objeto, dando-nos elementos para uma possível leitura objetal da teoria do narcisismo, em detrimento à aceção anobjetal, que também pode ser encontrada em muitas de suas obras. Ao longo desse trabalho, notamos a ênfase freudiana em considerar o narcisismo como objetal e pautado no processo de identificação. Além disso, aqui Freud apresenta o modo como se dá o processo de identificação do ego com o objeto perdido, após a escolha do mesmo e a

frustração subsequente, sendo o estado da melancolia o exemplo mais radical dessa confusa relação entre os conceitos de ego e objeto. Freud descreve como nos sintomas melancólicos encontramos indícios de uma regressão libidinal à fase oral do desenvolvimento, na qual sujeito e objeto não encontram ainda delimitações precisas. Desses argumentos, constatamos que a gênese do ego pode ser encontrada nas vicissitudes do processo de identificação e, deste modo, com referência ao conceito de objeto. Corroboram-se, assim, os desenvolvimentos apresentados por Freud em suas *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*. Por sua vez, a introdução do conceito de ideal do ego no terceiro capítulo de *Introdução ao narcisismo* é uma das grandes implicações da teoria do narcisismo na metapsicologia freudiana. Além disso, o mesmo constitui-se como resultado teórico do aprofundamento dos desenvolvimentos teóricos em torno do conceito de identificação. Notamos a importância de tais implicações para a reformulação da teoria tópica, proposta em 1923 no trabalho *O ego e o id*. À medida que o ser humano se depara com tendências culturais e éticas que permeiam a vida em sociedade, o ego começa a diferenciar-se de uma imagem de si como um ideal, que gozou na infância de maneira integral. Desenvolve-se, assim, o ideal do ego, como uma espécie de “instância” que tem a função de definir o que deve ou não ser reprimido em cada sujeito, tendo sua gênese constituída na convergência do narcisismo e na identificação com os pais e os valores da sociedade em que está inserido. Por sua vez, devemos ressaltar o modo como Freud reformula sua teoria da defesa e nota como, em última instância, o processo de repressão é baseado em valores que são inconscientes. Como consequência, a relação estreita entre ego e consciente torna-se exígua para dar conta das lacunas teóricas com as quais vai se deparando em seus estudos metapsicológicos mais aprofundados. Aqui, vemos a relação a ser estabelecida entre os conceitos de ego e identificação e o modo como a referência ao objeto é inevitável. Além disso, notamos o modo como a teoria tópica deve ser reformulada, considerando os novos elementos fornecidos a partir da teoria do narcisismo. Finalmente, em 1923, no trabalho *O ego e o id*, Freud dá esse passo e estabelece de maneira mais segura o caráter identificatório da gênese do ego e superego, instância psíquica que encontra suas raízes no conceito de ideal do ego. Na esteira das afirmações presentes em 1921 de que a identificação constitui-se como “a mais precoce exteriorização de uma ligação afetiva com outra pessoa” (FREUD, 1921, p. 99), além da ênfase cada vez mais enfatizada do papel deste conceito na formação do ego e o ideal do ego, a partir da explicação do mecanismo de formação das massas, devemos entender o modo como em *O ego e o id* Freud trata dos conceitos de identificação primária e secundária. Para ele, o ego vai se constituindo a partir da sedimentação dos investimentos objetivos – abandonados ao longo da vida – indo desde a

primeira relação com o seio materno, em que a identificação é entendida ao mesmo tempo como *relação* com o objeto e sua assimilação, até a sedimentação dos investimentos objetivos abandonados após a dissolução do conflito edípico. Encontramos aqui, como aponta SIMANKE (1994), a escolha de objeto, já com os novos elementos provindos das elaborações freudianas em torno do complexo de Édipo, o aprofundamento do estudo metapsicológico em torno do sentimento de culpa e do conceito de castração, como o conceito intermediário entre a identificação primária com o seio materno e a identificação secundária com a formação da instância superegógica. Assim, o processo de identificação pode ser entendido segundo as vicissitudes da formação recíproca entre o ego e objeto. Notamos em que medida ambos são constituídos simultaneamente e, desde a primeira relação com o objeto, cujo protótipo encontramos na relação mais precoce da criança com o seio materno, o ego vai se constituindo, passando de uma condição em que se confunde com o ideal para uma condição em tal imagem investida narcisicamente é sedimentada e incorporada na figura de uma instância ao mesmo tempo crítica e aprazível, conforme exposto em *O ego e o id* de 1923 e em *O humor*, trabalho apresentado por Anna Freud no Congresso Internacional de Psicanálise de 1927. Referimo-nos aqui ao superego, cujo processo de desenvolvimento pode ser explicado nas vicissitudes da resolução do Édipo e a influência da castração.

Por sua vez, notamos o importante papel da instância id. Podemos afirmar que sua introdução nas engrenagens metapsicológicas baseia-se nos desenvolvimentos freudianos, desde as suas primeiras obras, sobre papel do fator biológico na explicação do funcionamento psíquico, passando pela necessidade teórica da noção de uma repressão primordial que suprisse as lacunas presentes em 1900 sobre a origem da representação, e, finalmente, na introdução do conceito de pulsão de morte em 1920, cuja implicação cabal foi ratificar ainda mais o papel constitucional dos processos psíquicos. Além disso, notamos que a introdução do conceito de id em sua íntima relação com a pulsão de morte também vem ao encontro das descrições freudianas referentes aos aspectos destrutivos encontrados no ego e, principalmente, no superego.

De acordo com a análise até aqui realizada sobre o ego, podemos afirmar que sua gênese pode ser entendida a partir da modificação de uma parte do id devido à percepção e à ação motora. Deste modo, nas relações recíprocas entre o mundo externo e o *corpo*, podemos apreender a importância deste conceito para a metapsicologia freudiana. Em *O ego e o id*, Freud afirma que o ego é, acima de tudo, um *ego corporal*. Sobre esta constatação, acompanhamos a sua relevância para o desenvolvimento da teoria freudiana da sexualidade, especificamente na explicação da passagem do auto-erotismo para a escolha objetual e na

teoria do desenvolvimento libidinal. Por sua vez, acompanhamos a relação entre este conceito e a atividade de pensar, a partir do *Projeto*. Vemos também no artigo *A negação*, publicado em 1925, o estabelecimento de critérios de veracidade e falsidade de um juízo, atrelado a movimentos corporais de “expulsão” ou “retenção” do pensamento, claramente desenvolvida a partir das teorias sexuais infantis e na esteira das idéias apresentadas em 1911 em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*. Assim, a veracidade do juízo traz o registro da retenção do pensamento, ou, em outros termos, no ato corporal de “engolir” o pensamento. Por sua vez, o registro da expulsão do pensamento está na base da falsidade do juízo, ou em outros termos, no ato de “cuspir” o pensamento. Deste modo, vemos os desdobramentos da afirmação de que o ego é, acima de tudo, um ego corporal, em suas relações com o a percepção e ação motora, e, mais especificamente, em suas relações com a sexualidade e com os processos de pensamento.

Por fim, devemos ressaltar a maneira como Freud se debruça em torno do problema da relação entre angústia e defesa no final de sua obra, cujos desenvolvimentos remontam às idéias expostas em sua correspondência com Fliess e em seu *Projeto*. Em 1927, ele reordena os elementos-chave do processo defensivo, como consequência da revisão da teoria do trauma proposta em 1920, a introdução da teoria tópica de 1923 e das elaborações freudianas acerca do complexo de Édipo e do conceito de castração. Tomando como base que o ego é o lugar da angústia, Freud aponta que um sinal de desprazer é emitido sempre que aquele se depara com um perigo interno ou externo. A partir desse momento, ele rechaça a concepção anterior, segundo a qual a energia de investimento da moção pulsional reprimida transformava-se automaticamente em angústia. Em outros termos, não é mais a repressão que causa a angústia, mas sim a angústia-sinal, emitida pelo ego, diante de perigos de ordem pulsional ou externa, estabelece o ponto de partida para o desenvolvimento do processo defensivo. Além disso, encontramos em que medida o conceito de castração torna-se de suma importância, a partir do estudo mais acurado da dinâmica edípica e do mecanismo psicótico. Assim, Freud consegue apresentar em sua teoria o perigo com o qual o ego tem de lidar, ou seja, a castração, explicando por que é emitida a angústia-sinal. Conforme o exposto em 1927, “o perigo frente ao qual se emite o sinal é o da castração” (FREUD, 1927, p. 120).

Deve-se ressaltar que Freud apresenta a reformulação de sua teoria da angústia, sem apelar para o conceito de pulsão de morte, como seria esperado, hajam vista os desenvolvimentos apresentados em 1920 e 1923. Isso mostra a dificuldade teórica em inserir tal conceito nas engrenagens metapsicológicas. Mesmo tendo sido introduzidas as noções-chave como a castração, a alteração dos elementos da equação referente ao desenvolvimento

do processo defensivo, colocando em primeiro plano o conceito de angústia-sinal e perigo frente ao qual o ego se defende e se deforma como consequência, bem como as características básicas de “energia livre” e “des-ligação” que são apresentadas em 1920, Freud não consegue introduzir o conceito de pulsão de morte na discussão metapsicológica sobre sua última teoria da angústia. No entanto, reconhecemos em que medida o conceito de castração apresenta uma vinculação estreita com a pulsão sexual na metapsicologia freudiana, o que pode explicar a ausência do apelo à pulsão de morte nas explicações referentes à gênese da angústia e dos mecanismos de defesa erigidos pelo ego. Assim, na metapsicologia freudiana, reconhece-se que o perigo interno do qual o ego é alvo parte da sexualidade, da libido, e é neste sentido que a castração assume esta característica estritamente libidinal, impossibilitando-o de reconhecer a importância da pulsão de morte na explicação da angústia.

Por fim, no final de sua obra, Freud apresenta alguns importantes desenvolvimentos relacionados aos mecanismos de defesa e à organização e síntese do ego. Desde os seus primeiros escritos, notamos a presença de mecanismos defensivos diferentes em termos de suas consequências na estrutura e síntese do ego. A partir de sua teoria do narcisismo, do complexo de Édipo, da castração e da introdução do conceito de *Verleugnung* como central em sua teoria do fetichismo e das psicoses, ele estipula que o conceito de processo defensivo deve ser utilizado como uma designação geral de todos os meios de que se vale o ego em seus conflitos, enquanto a repressão seria um meio particular de defesa. Assim, são oferecidos mais elementos na metapsicologia freudiana referentes aos mecanismos de defesa empreendidos pelo ego nos conflitos psíquicos e uma das consequências principais é o estudo das alterações nas funções dessa instância psíquica em termos de organização e síntese em consequência do processo defensivo. Mais uma vez, a última teoria da angústia em sua íntima relação com a castração vem a oferecer elementos teóricos que o auxiliam na introdução das noções de “divisão psíquica” e “cisão psíquica”. Uma das implicações principais dessas argumentações é a constatação cada vez mais explícita, principalmente a partir de *Análise terminável e interminável* de 1937, da aproximação do ego “normal” com o ego psicótico. Em suas últimas obras *Esboço de psicanálise* e a inacabada *A cisão do ego no processo defensivo*, ambos escritos em 1938 e publicados postumamente, notamos o peso ainda maior desse argumento em referência explícita à cisão do ego no processo defensivo, o conceito de *Ichspaltung*, cuja influência maior podemos encontrar mesmo em sua obra inicial, notadamente o *Manuscrito K* de sua correspondência com Fliess.

Uma outra consequência da vinculação estreita entre o conceito de castração e pulsão de vida na metapsicologia freudiana é o modo como aparentemente não encontramos

relações formais entre alguns desenvolvimentos empreendidos em *Para além do princípio do prazer* e o estudo final dos mecanismos de defesa erigidos pelo ego. Contudo, notamos que a noção de “des-ligação”, possível somente a partir da introdução do conceito de pulsão de morte em 1920, vem a nos auxiliar na explicação do modo como o ego é modificado em sua organização e em sua função sintética pela ação dos mecanismos de defesa. Como um exemplo disso, a introdução da noção de uma cisão ou divisão psíquica e na aproximação do ego normal do ego psicótico, elaborada por Freud no final de sua obra, são elementos que podem ser utilizados na leitura proposta aqui de reconsideração da importância do conceito de pulsão de morte para a teoria freudiana da defesa em sua relação com as funções egóicas. Além disso, este conceito vem a explicar ainda mais a constatação freudiana de que o ódio é a relação objetal mais antiga que o amor, apresentada em *Pulsões e destinos de pulsão* de 1915, bem como a afirmação referente ao ego-prazer e ego-realidade, no trabalho de 1911. A partir da afirmação de que há um momento inicial em que a pulsão de morte é defletida no exterior, entendemos ainda mais o modo como se estabelece inicialmente a diferenciação entre o ego e não-ego, em suas relações com os objetos. Constatamos que estes pontos são essenciais para entendermos a importância de *Para além do princípio do prazer* para o estudo dos conceitos de ego e objeto na metapsicologia freudiana.

Um outro ponto a ser considerado é o modo como podemos reconhecer duas modalidades do conceito de objeto em sua metapsicologia. Apresentando-se inter-relacionadas em termos teóricos, podemos reconhecer uma leitura que coloca em relevo o *objeto da pulsão sexual* e uma outra que enfatiza o *objeto da sexualidade*. Sobre a primeira modalidade, encontramos uma análise do conceito de objeto que ressalta a sua principal característica, desde a exposição inicial de 1905 até em 1915, quando é apresentado como o mais contingente dos elementos da teoria pulsional. Na medida em que a meta da pulsão sexual é a consecução do prazer, não há a necessidade de um objeto em específico para a satisfação da zona erógena. Por sua vez, a segunda modalidade, que enfatiza o *objeto da sexualidade*, requer uma análise que nos remete às características da sexualidade adulta, apresentada em 1905 e à qual serão agregados novos elementos, a partir das teorias freudianas do complexo de Édipo e da castração. Neste ínterim, há a inclusão do conceito de *escolha objetal*. Este abarca todas as relações estabelecidas por Freud entre a sexualidade infantil e a sexualidade adulta, intermediadas pelo narcisismo. Enquanto na sexualidade infantil o objeto é autônomo e polimorfo, na sexualidade adulta, aquele é circunscrito no interior da dinâmica de identificações do sujeito com as figuras com as quais entrou em contato desde a infância. Assim, a introdução do conceito de escolha objetal redundava na *especificação e representação*

do objeto, diferentemente da modalidade do objeto da pulsão sexual, na qual o mesmo não é especificado e representado, possibilitando-nos, deste modo, reconhecer outra modalidade do objeto na metapsicologia freudiana.

A partir destes elementos, podemos proporcionar uma possível leitura que nos remete à anterioridade da identificação em relação à escolha objetal. Já expusemos nesta dissertação o grande impasse teórico presente na metapsicologia freudiana em torno desta problemática questão. Não obstante o fato da introdução do conceito de identificação primária nos remontar a um período inicial da formação do ego em que há uma “*relação-assimilação*” com o outro, não podemos pensar em uma *escolha* objetal, na medida em que não há uma especificação e representação do objeto, conforme descrito no parágrafo anterior. Parece-nos que essa relação com o outro se dá de maneira passiva, sem a condição de atividade do ego, que é pressuposta no processo de escolha objetal. Assim, de acordo com os argumentos delineados ao longo desta dissertação, notamos a necessidade teórica da anterioridade da identificação, como condição básica para a qualquer escolha objetal. Ressaltamos a complexidade desse impasse, que oferece elementos que fomentam vários níveis de argumentação.

Complementando a questão desenvolvida nos dois últimos parágrafos, consideramos as teorias do narcisismo, do Édipo e da castração como meios a partir dos quais Freud amplia o conceito de objeto em sua metapsicologia. Considerando a afirmação de 1905 sobre a característica de encontro com o objeto na fase adulta ser, na verdade, um reencontro, bem como a consideração do complexo de Édipo como primordial na emergência do sujeito psíquico, o objeto da sexualidade é construído – e nunca finalizado – gradualmente, desde sua representação psíquica inicial, elaborada na dinâmica da identificação primária, até os embates posteriores entre as ordens do desejo e da lei instaurados no início do conflito edipiano, os quais são constantemente reatualizados ao longo da vida do indivíduo.

Deste modo, acompanhamos o movimento do pensamento de Freud em torno da constituição dos conceitos de ego e objeto, e suas relações com pilares teóricos de sua metapsicologia. Além disso, nota-se o modo como os desenvolvimentos freudianos em torno desses conceitos servem como pontos de partida para autores que lhe sucedem e em que medida algumas das ambigüidades presentes nos mesmos encontram possíveis soluções em suas metapsicologias.

BIBLIOGRAFIA

1) Obras de Sigmund Freud:

Observação: Foram utilizados os trabalhos de Freud presentes na Edição das Obras Completas da Amorrortu Editores (Buenos Aires, 1989. 24vols.). Esta referência aparece como AE, seguida do número do volume e as páginas correspondentes. No entanto, em relação ao *Projeto de uma psicologia científica* e ao texto *Luto e Melancolia* de 1917, foram utilizadas outras referências, que são apresentadas no próximo tópico.

1. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar (1893). In: *Estudos sobre histeria*. AE, vol. 2, pp. 27-44.
2. *Fragmentos da correspondência com Fliess* (1950 [1892-1899]). AE, vol. 1, pp. 211-322.
3. *As neuropsicoses de defesa* (1894). AE, vol. 3, pp.41-68
4. *Estudos sobre histeria* (1895). AE, vol. 2.
5. *Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa* (1896). AE, vol. 3, pp. 157-184.
6. *A etiologia da histeria* (1896). AE, vol. 3, pp.185-218.
7. *A herança e a etiologia das neuroses* (1896). AE, vol. 3, pp.139-184.
8. *A sexualidade na etiologia das neuroses* (1898). AE, vol. 3, pp.251-276.
9. *O mecanismo psíquico do esquecimento* (1898). AE, vol. 3, 277-289.
10. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). AE, vol. 5, pp. 504-608 (cap. VII).
11. *A psicopatologia da vida cotidiana* (1901). AE, vol. 6.
12. *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905). AE, vol. 6, pp.1-223.
13. *Três ensaios de teoria sexual* (1905). AE, vol. 7, pp.109-224.
14. *Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses* (1905). AE, vol. 7, pp. 259-272.
15. *O Homem dos Ratos* (1909). AE, vol. 10, pp. 119-249.
16. *Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci* (1910). AE, vol. 11, pp. 53-128.
17. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia autobiograficamente descrito* (1911[1910]). AE, vol. 12, pp. 1-76.

18. *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (1911). AE, vol. 12, pp. 217-232.
19. *Totem e tabu* (1913[1912-1913]). AE, vol. 13, pp.1-164.
20. *Introdução ao Narcisismo* (1914). AE, vol. 14, pp.65-98.
21. *O inconsciente* (1915). AE, vol. 14, pp.153-214.
22. *A repressão* (1915). AE, vol. 14, pp. 135-152.
23. *Pulsões e destinos de pulsão* (1915). AE, vol. 14, pp. 105-134.
24. *Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (1915). AE, vol. 14, pp. 215-234.
25. *Conferências introdutórias à psicanálise* (1916-17) – 26. *A teoria da libido e o narcisismo*. AE, vol. 16, pp, 375-391.
26. *História de uma neurose infantil – Homem dos lobos* (1918 [1914]). AE, vol. 17, pp. 1-112.
27. *Uma criança é espancada* (1919). AE, vol. 17, pp. 173-200.
28. *Além do princípio do prazer* (1920). AE, vol. 18, pp. 1-62.
29. *Psicologia das massas e análise do ego* (1921). AE, vol. 18, pp. 63-136.
30. *O ego e o id* (1923). AE, vol. 19, pp. 1-66.
31. *A organização genital infantil* (1923). AE, vol. 19, pp. 141-150.
32. *Neurose e psicose* (1924 [1923]). AE, vol. 19, pp. 151-160.
33. *A perda de realidade na neurose e na psicose* (1924). AE, vol. 19, pp. 189-198.
34. *O problema econômico do masoquismo* (1924). AE, vol. 19, pp. 161-176.
35. *O sepultamento do complexo de Édipo* (1924). AE, vol. 19, pp. 177-188.
36. *A negação* (1925). AE, vol. 19, pp. 249-258.
37. *Algumas conseqüências psíquicas da diferença entre os sexos* (1925). AE, vol. 19, pp. 259-276.
38. *Apresentação autobiográfica* (1925). AE, vol. 20, pp.1-66.
39. *Inibição, sintoma e angústia* (1926 [1925]). AE, vol.20, pp.71-164.
40. *Fetichismo* (1927). AE, vol. 21, pp. 141-152.
41. *Sobre a sexualidade feminina* (1931). AE, vol. 21, pp. 223-244.
42. *Novas conferências de introdução à psicanálise* (1933 [1932]) – 33. *A feminilidade*. AE, vol. 22, pp. 104-125.
43. *Análise terminável e interminável* (1937). AE, vol. 23, pp. 211-254.
44. *A divisão do ego no processo de defesa* (1940 [1938]). AE, vol. 23, pp. 271-278.
45. *Esboço de psicanálise* (1940 [1938]). AE, vol. 23, pp. 133-210.
46. *Conclusões, idéias, problemas* (1941 [1938]). AE, vol. 23, pp. 301-302.

2) Outros autores:

ABRAHAM, K. A short study of the development of the libido. In: _____.
Selected papers on psychoanalysis. London: Hogarth Press, 1927.

ANDRADE, Vítor Manoel. O conceito freudiano de narcisismo e a psicanálise atual: conseqüências teóricas e práticas da introdução do conceito de narcisismo. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 1999, 33 (4), 631-649.

ASSOUN, Paul-Laurent. *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1983.

_____. *O freudismo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.

CARONE, Marilene. Luto e melancolia – Sigmund Freud (apresentação, tradução do original alemão, notas de tradução e discussão). In: *Jornal de psicanálise*. Ano 18, n ° 36, 1985, pp. 27-44.

CAROPRESO, Fátima; SIMANKE, Richard Theisen. *Temas de introdução à psicanálise freudiana*. 1. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2006. v. 1.

GABBI Jr., Osmyr Faria. *Notas a Projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1995.

GREEN, André. *Narcisismo de vida e narcisismo de morte*. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

HANNS, Luiz Alberto. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1996.

HORNSTEIN, Luiz. *Introdução à psicanálise*. São Paulo: Escuta, 1989.

KATZ, Chaim Samuel. O caso Schreber: algumas questões acerca da teoria das psicoses na obra de Freud. In: _____ (org.). *Psicose: uma leitura psicanalítica*. 2ª. edição. São Paulo: Editora Escuta, 1991.

_____. *Freud e as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.

LAPLANCHE, Jean. *Problemáticas I: A angústia*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1987.

_____. *Problemáticas II: Castração – Simbolizações*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1988.

_____. *Teoria da sedução generalizada*. Porto Alegre : Artes médicas, 1988.

_____. *Problemáticas IV : O inconsciente e o id*. São Paulo : Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1989.

LAPLANCHE, Jean ; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de Psicanálise*. 3ª. edição. Santos: Martins Fontes, 1977.

_____. *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LEVIN, Kenneth. *Freud: primeira psicologia das neuroses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1980.

MONZANI, Luiz Roberto. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

_____ A “fantasia” freudiana. In: PRADO JR., Bento (org.). *Filosofia da Psicanálise*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

SIMANKE, Richard Theisen. *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. Memória, afeto e representação: o lugar do “Projeto...” no desenvolvimento inicial da metapsicologia freudiana. In: *Revista Olhar* (CECH/UFSCar), ano 7, n° 12-13, jan./jul. e ago./dez., 2005, pp. 12-40.

_____. Cérebro, percepção e linguagem: elementos para uma metapsicologia da representação em “Sobre a concepção das afasias” (1891) de Freud. In: *Discurso*, Revista do Departamento de Filosofia da USP, n° 37, 2007 (no prelo).

SOLOMON, Robert. A teoria neurológica da mente em Freud. In: WOLLHEIM, Richard (ed.). *Freud: uma coletânea de ensaios críticos*. 1º volume. Rio de Janeiro: Editora Artenova S.A., 1976, pp. 39-65.

WOLLHEIM, Richard. *As idéias de Freud*. São Paulo: Editora Cultrix, 1971.

_____ (ed.). *Freud: uma coletânea de ensaios críticos*. Rio de Janeiro: Editora Artenova S.A., 1976. 2 vols.